

UNESP UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências
Campus de Bauru – SP

CAMILA BLOISE PIERONI

DANÇAS TRADICIONAIS BRASILEIRAS: uma experiência no ensino médio de tempo integral

BAURU – SP
2020



UFMG



Universidade Federal
de Mato Grosso



Universidade de Brasília



UNIVERSIDADE
DE PERNAMBUCO

CAMILA BLOISE PIERONI

DANÇAS TRADICIONAIS BRASILEIRAS: uma experiência no ensino médio de tempo integral

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF da Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física – Área de Concentração em Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya

BAURU – SP
2020



UFMG



Universidade Federal
de Mato Grosso

UFG



Universidade de Brasília



UNB
UNIVERSIDADE
DE PERNAMBUCO

Pieroni, Camila Bloise.

Danças tradicionais brasileiras : uma experiência
no ensino médio de tempo integral / Camila Bloise
Pieroni, 2020

152 f. : il.

Orientadora: Andresa de Souza Ugaya

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2020

1. Geografia. 2. Protagonismo. 3. Coletividade. 4.
Processo Criativo. I. Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Ciências. II. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de CAMILA BLOISE PIERONI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 30 dias do mês de abril do ano de 2020, às 14:00 horas, no(a) Faculdade de Ciências/Unesp Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA UGAYA - Orientador(a) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP, Profa. Dra. NILZA COQUEIRO PIRES DE SOUSA do(a) Departamento de Educação Física / Universidade Estadual de Roraima - UERR, Prof. Dr. GUSTAVO PEREIRA CÔRTEZ do(a) Diretor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / Universidade Federal de Minas Gerais, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de CAMILA BLOISE PIERONI, intitulada **DANÇAS POPULARES BRASILEIRAS: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO DE TEMPO INTEGRAL**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA UGAYA

Profa. Dra. NILZA COQUEIRO PIRES DE SOUSA

Prof. Dr. GUSTAVO PEREIRA CÔRTEZ

A defesa foi realizada via Hangout atendendo as orientações da pós-graduação.

Faculdade de Ciências - Câmpus de Bauru -
Eng. Luiz Edmundo Carrão Coube, 14-01, 17033360, Bauru - São Paulo
<http://www.fct.unesp.br/pos-graduacao/educacao-fisica/CNPJ: 48.031.918/0028-44>.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Ao meu pai Claudio Jorge Pieroni (in memoriam), mas continua sendo minha maior força na vida. Sua lembrança me inspira e me faz persistir.



AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado é concluída com o significativo apoio de diversas pessoas que estiveram comigo nessa caminhada.

Agradeço a Deus por me proporcionar momentos de conhecimento, criatividade e crescimento.

Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya, por toda a paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho e em todos que realizamos juntas nessa caminhada apoiando projetos na escola. Muito obrigada por me corrigir quando necessário sem nunca me desmotivar.

Desejo igualmente agradecer aos membros da banca, Prof.^a Dr.^a Nilza Coqueiro Pires Sousa com suas correções e contribuições para a dissertação e ao Prof. Dr. Gustavo Pereira Côrtes pelas suas indicações de leitura e colaboração para o término do trabalho.

Agradeço aos colegas que aceitaram entrar nessa nova empreitada de um Mestrado Profissional a distância, cujo apoio e amizade estiveram presentes em todos os momentos.

À Prof.^a Adriana que foi minha parceira para desenvolvermos a pesquisa na nossa escola e aos alunos que estiveram presentes em nossa Disciplina Eletiva nos proporcionando experiências e compartilhamento de saberes.

Por último, quero agradecer à minha família e aos amigos pelo apoio que me deram especialmente minha mãe, irmãos e sobrinhas por entenderem a minha ausência e acreditarem em mim.

PIERONI, Camila Bloise. **Danças Tradicionais Brasileiras: uma experiência no ensino médio de tempo integral.** 2020. 152 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2020.

RESUMO

O presente estudo propôs identificar e compreender os significados de uma prática pedagógica de ensino e aprendizagem das danças tradicionais brasileiras no Ensino Médio. O método utilizado para o estudo foi a pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011) que exige a participação das pessoas envolvidas nos problemas investigados a partir de um trabalho conjunto com outro componente curricular, da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, representado pela Geografia. Para tal pesquisa, foi elaborada, para o ano letivo de 2019 no 1.º semestre, uma Disciplina Eletiva cujo tema foi “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens” que apresentou as danças tradicionais presentes no Brasil, posto que não são conhecidas e difundidas nas escolas, partindo de um processo de ensino e aprendizagem pautada na Tradução da Tradição (CÔRTEZ, 2013). A primeira coleta de dados foi por meio de um questionário inicial contendo três perguntas, anotações em diário de campo da professora de Educação Física e da professora de Geografia, um questionário final e registros de fotos no decorrer das aulas da Disciplina Eletiva. Os dados coletados foram organizados sistematicamente pela análise temática categorial (GOMES, 2011), pela qual emergiram três categorias: Conhecimentos e experiências prévias sobre os quais foram analisados os saberes que os/as discentes possuíam acerca das danças; Novos aprendizados e novas vivências que apresentam os aprendizados e as vivências consideradas significativas pelos/as estudantes e Tradução da Tradição que evidenciou o protagonismo na maneira de traduzir as melhores formas de representação das danças tradicionais brasileiras estudadas. Cabe à escola, como um espaço cultural e de produção de conhecimento, reconhecer, (re)significar e valorizar as heranças da tradição, da oralidade, da ancestralidade e da representatividade de peculiaridades regionais da cultura brasileira, contribuindo para efetivação de uma sociedade mais respeitosa e menos excludente. Sob esta perspectiva, consideramos as danças tradicionais brasileiras importantes fontes de estudo da diversidade cultural presente em nosso território.

Palavras-chave: Geografia. Protagonismo. Coletividade. Processo Criativo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Levantamento de conhecimentos e de experiências sobre dança mencionados pelos/as discentes do Ensino Médio	54
Figura 2 – Mapa Mundi e antepassados/as dos familiares dos/as alunos/as do Ensino Médio.....	59
Figura 3 – Mapa do Brasil e antepassados/as dos familiares dos/as alunos/as do Ensino Médio	59
Figura 4 – Mapa do Brasil com a distribuição das danças tradicionais brasileiras apontadas pelos/as alunos/as do Ensino Médio.....	61
Figura 5 – Comidas e bebida típicas das regiões brasileiras.	62
Figura 6 – Conhecendo e vivenciando os movimentos da dança Maculelê com o Mestre V.....	66
Figura 7 – Processo de tradução da dança do Maculelê.....	67
Figura 8 – Tradução do Maculelê com as alunas do Ensino Médio	68
Figura 9 – Balainha com as discentes do Ensino Médio.....	69
Figura 10 – Processo de criação do Carimbó e suas figuras com as alunas do Ensino Médio.....	70
Figura 11 – Pose final da dança Frevo com as alunas do Ensino Médio.....	72
Figura 12 – Mapa confeccionado com retalhos de tecido.....	73



LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conteúdos de Educação Física na 3.ª série do Ensino Médio25
Quadro 2 – Danças mais citadas pelos/as alunos/as do Ensino Médio51
Quadro 3 – Danças a serem localizadas no Mapa do Brasil61

SUMÁRIO

EU VIM AQUI ME APRESENTAR	13
1 INTRODUÇÃO	19
2 DANÇA: EDUCAÇÃO FÍSICA, CULTURA POPULAR E TRADIÇÃO	22
2.1 A Dança nos documentos oficiais do componente curricular da Educação Física Escolar	22
2.2 Cultura popular e danças tradicionais brasileiras	31
3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	41
3.1 Delineamento da pesquisa.....	41
3.2 Universo da pesquisa.....	42
3.3 Participantes	45
3.4 Instrumentos e procedimentos de levantamento de dados	46
3.5 Procedimentos para a Análise de Dados	47
4 CONHECIMENTOS, EXPERIÊNCIAS, NOVOS APRENDIZADOS E TRADIÇÃO DA TRADIÇÃO DAS DANÇAS TRADICIONAIS BRASILEIRAS	49
5 CONSIDERAÇÕES	76
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICES	83
APÊNDICE A – Plano da eletiva	83
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	89
APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	90
APÊNDICE D – Autorização para utilização de imagem e vídeo para os responsáveis.....	91
APÊNDICE E – Autorização para utilização de imagem e vídeo para os estudantes	92
APÊNDICE F – Questionário Inicial	93
APÊNDICE G – Diário de Campo da Educação Física	94
APÊNDICE H – Diário de Campo de Geografia	143
APÊNDICE I – Questionário Final	152



EU VIM AQUI ME APRESENTAR

Iniciei a minha vida profissional no ano de 2007 em uma escola no município próximo de Bauru, chamado Lucianópolis. Na ocasião, houve um erro na atribuição, pois eu não poderia assumir este cargo, pois foram oferecidas 14 aulas de Educação Física, enquanto os cargos efetivos eram atribuídos com, no mínimo, 20 horas de serviço.

Como o erro foi da Secretária Estadual de Educação, ela me atribuiu a carga horária total que a escola possuía de 24 aulas (14 de Educação Física e 10 de Oficinas), já que, para ministrar as atividades do período da tarde, teria que ocorrer uma seleção pela diretora e um planejamento do que seria feito. Portanto, naquele ano, eu teria um cargo nessa unidade escolar, mas já deveria ir pensando em me remover no fim do ano porque eu ficaria adida. Tal experiência, em trabalhar das 7h às 16h, com os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental foi muito diferente, pois eles queriam saber o que seria realizado nas oficinas de Educação Física e o contato viabilizado pelo horário estendido proporcionava que ficassem mais próximos dos professores.

A escola, na qual iniciei minha vida profissional, foi muito importante para a minha prática, pois quando cheguei para conhecê-la, a diretora afirmou que esperava que eu conseguisse apresentar e estimular a prática de atividades físicas para que os alunos conhecessem o corpo deles e tivessem interesse pelos diversos conteúdos da área e não somente pelo futebol. Assim, me senti segura em iniciar a carreira escolar, pois a diretora compreendia a Educação Física com outro olhar, o que me estimulou a sempre propiciar aos alunos experiências de conteúdos diversificados. Vale destacar que a gestão escolar teve um importante papel no início da minha carreira profissional, pois me proporcionava segurança para desenvolver aulas com conteúdos diversificados.

Os seis primeiros meses foram de adaptação para todos, principalmente para os alunos devido à forma como eu desenvolvia os conteúdos. Eles apresentaram resistência em alguns conteúdos e em outros nem tanto, mas eu sabia que sempre teria o apoio da diretora ao apresentar conteúdos diversificados da cultura corporal de movimento.

Nesse mesmo ano, fui convidada por uma professora da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) – Bauru, que ministrava a disciplina Educação

especialização em Educação Física Escolar na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Ao frequentar a especialização, tive contato com diversos professores que utilizavam metodologias diversificadas para o ensino dos conteúdos da Educação Física Escolar. Neste curso, tive a oportunidade de desenvolver meu trabalho de conclusão de curso na escola onde atuava e minha pesquisa investigou como os discentes percebiam o Currículo Oficial de São Paulo.

Apresentei o resultado do trabalho no X Congresso Nacional de Educação sediado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) - Curitiba, tendo a oportunidade de conhecer e ser orientada por uma professora que havia começado a trabalhar no departamento de Educação Física da UNESP de Bauru e que me motivou a apresentar o trabalho no evento. Também por meio desta docente, conheci sua forma de trabalho com os graduandos na faculdade sobre as culturas indígena e africana, o que me despertou o interesse em trabalhar com esse tema nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

No final de 2011, fui chamada em outro concurso do Estado para me efetivar no segundo cargo como professora, em uma escola do Ensino Fundamental anos iniciais. Permaneci com dois cargos, sendo que, neste segundo, trabalhei em conjunto com outra educadora de Educação Física, de Arte e com as pedagogas. Esta experiência enriqueceu muito o meu trabalho e desenvolvemos vários projetos coletivamente como “Copa do Mundo”, “Era Uma vez um conto diferente”, “Olímpiadas” e “Brincando e Dialogando”. Este último foi um projeto de extensão da UNESP iniciado no ano de 2014 o qual abordava a cultura indígena e africana. A coordenadora desse projeto era a professora que orientou meu TCC na especialização em 2010-2011. A experiência foi gratificante e me proporcionou estar próxima da universidade, dos universitários, das propostas pedagógicas usadas nas aulas e a apresentar trabalhos em congressos (Congresso Nacional de Educação Física; Congresso Brasileiro de Educação, etc.).

Toda essa vivência me motivou a buscar a formação continuada que teve início no 2.º semestre de 2013 com a “Formação Continuada em Educação Física: Dança Educativa”, que teve continuidade em 2014, na qual foram abordados elementos da dança para serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física Escolar. Esta oportunidade me possibilitou realizar um trabalho inicial sobre a temática da dança com as séries em que atuava no Ensino Médio. Com esse



trabalho a curiosidade pela temática despertou minha atenção para ampliar o conhecimento sobre a dança nas aulas.

Em 2016, soube do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) e de como seria a seleção, assim vislumbrei uma oportunidade de atualização e aperfeiçoamento. Retornei à universidade. A espera pelo início do mestrado foi longa e acontecimentos bons e ruins ocorreram nesse meio tempo proporcionando-me crescimentos como a morte inesperada do meu pai em dezembro de 2017 e, onze dias depois, a notícia de que havia vaga para processo de credenciamento em Educação Física em uma escola que tinha se tornado Ensino Médio Tempo Integral. Fiquei na dúvida, pois teria que me afastar de um dos cargos que era fora de Bauru e exigiria que eu viajasse diariamente. Após refletir, constatei que essa seria uma nova experiência em minha carreira profissional, portanto, decidi aceitá-la e eu permaneceria em uma única escola e poderia me dedicar ao mestrado que iniciaria em 2018.

Em abril de 2018, fui chamada para o início do Mestrado. Na primeira aula, foram passadas algumas instruções sobre o objetivo do curso voltado para a formação continuada, pesquisa aplicada e produtos derivados para utilização no cotidiano docente. O desafio propunha uma postura de pesquisador e análise do dia a dia do professor, perspectivando mudança na prática e melhoria do processo educativo e da atuação profissional. Assim, dava-se início a primeira turma do PROEF composta por profissionais que compartilhariam experiências, opiniões e aflições no decorrer das disciplinas.

A primeira disciplina ofertada foi Problemática da Educação Física e levantaram-se as situações que afetavam as aulas de Educação Física como o abandono escolar do professor, a relação teoria x prática, a legislação da Educação Física, as dificuldades enfrentadas em relação à indisciplina, o afastamento do aluno, a difícil explicação do esporte na escola e a questão de gêneros.

Tais itens foram discutidos em abrangência nacional eu pude verificar que ainda existem realidades em que o docente não tem nenhum material e infraestrutura a não ser sua vontade e entusiasmo em ministrar aulas.

Muitas vezes esses enfrentamentos com o decorrer dos anos, faz com que o professor se desestime em sua carreira profissional. Daí decorre a importância de estarmos sempre em formação continuada para que as experiências e

compartilhamentos de ideias entre os educadores sejam constantes e ocorra a motivação em sempre oferecer o melhor aos alunos.

A disciplina permitiu a realização de um seminário em duplas com o tema Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na Educação Física Escolar no qual apresentamos as nossas práticas escolares realizadas no decorrer da nossa vida profissional, mostrando como seria o desafio do ensinar sobre o fazer com projetos.

A segunda disciplina foi Seminários de Pesquisa Científica em Educação Física, dividida em três partes apresentadas em períodos diferentes no decorrer do curso. A primeira etapa trouxe formas de elaborar o pré-projeto de pesquisa. Em sua segunda parte, seriam apresentados o percurso investigativo e a elaboração do instrumento de pesquisa. E a terceira etapa o desenvolvimento da dissertação.

Na terceira disciplina, começamos a estudar a relação da Escola, Educação Física e Planejamento, na qual realizamos em um dos encontros presenciais, a vivência de músicas da cultura popular e a dança circular. Iniciamos com a leitura das cartas do livro “Palavras de criança” que trazia a importância da universidade valorizar textos/pesquisas de docentes que estão na escola em via de mão dupla: aprender com a faculdade, assim como a academia poder aprender com os educadores. Discutimos também as possíveis mudanças necessárias na escola, na universidade e nos órgãos competentes.

Na disciplina quatro, estudamos as Metodologias do ensino da Educação Física e fizemos algumas reflexões: Qual a melhor metodologia indicada? Existe uma metodologia correta/ideal? Depois, elaboramos um cordel de acordo com as palavras-chave da disciplina como atividade de encerramento.

As disciplinas cinco e seis foram as Eletivas e nos foi apresentado o Desenvolvimento motor e nela realizamos práticas de natação e seus aspectos que nos mostraram que a Educação Física deve proporcionar estímulos para o desenvolvimento global dos alunos. Como avaliação final da disciplina, tivemos que desenvolver o Pentáculo do Bem-Estar com os alunos do Ensino Médio, verificar e analisar o perfil do estilo de vida dos nossos alunos.

Na disciplina seis, o tema foi Epistemologia e Educação Física Escolar e o estudo sobre o educador Fernando de Azevedo (1915) que apresenta as bases científicas da Educação Física e compara-as com a atualidade a fim de refletir sobre a rotina do componente curricular em nossas escolas em 1915 e 2019. Realizamos



a leitura em duplas de dissertações produzidas no mestrado de docência básica para compararmos e conhecermos as maneiras de como realizaram seus produtos.

Educação Física e Ensino Médio foi a sétima disciplina que discutiu o conceito de juventude e as bases da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com a palestra do professor Dr. Mauro Betti. Ele explicou sobre a BNCC e a necessidade da clareza sobre as finalidades da Educação Física a partir do uso de outras referências e de alternativas e a função da pesquisa que é a de abalar as nossas crenças e trazer um olhar sem pré-conceito.

Em um dos encontros, tivemos a leitura e a discussão de conceitos em relação aos jogos. Na disciplina, em sua parte a distância, estudamos argumentos para pensarmos a Educação Física que temos e a que queremos com ênfase especialmente ao Ensino Médio.

Na oitava disciplina, Escola, Educação Física e Inclusão, estudamos e analisamos a situação atual da área perante a educação inclusiva. Identificamos dificuldades, ações e os conteúdos para a educação inclusiva. Porém tal disciplina poderia ter sido ofertada como a primeira do curso e com formação presencial para apresentar-nos possibilidades inclusivas na escola e não no final do processo.

Desta maneira, iniciamos uma nova fase do PROEF com a realização da dissertação cujo tema foi “Danças Tradicionais Brasileiras: uma experiência no Ensino Médio de Tempo Integral” e o produto do PROEF “Tradução da Tradição: as danças brasileiras no Ensino Médio”. E o que destacamos de mais significativo em todo o processo é que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas na escola, não podemos nos esquecer de que ao realizarmos uma formação continuada em busca do conhecimento, melhoramos nossa prática diária, recriamos e ressignificamos a aprendizagem de nossos alunos, sendo estes os beneficiados com a formação continuada do professor.



1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema dança surgiu a partir da minha experiência como professora de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, por ter vivenciado, no decorrer da minha vida profissional, a rejeição dos alunos do Ensino Médio para com as atividades de danças propostas durante as aulas, principalmente quando estes eram oriundos de uma Educação Física descompromissada e sem significado no decorrer da Educação Básica.

No 2.º semestre de 2013, realizei uma “Formação Continuada em Educação Física: Dança Educativa” que teve continuidade em 2014, na qual foram abordados elementos da dança para serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física Escolar. Isso me possibilitou realizar um trabalho inicial com a dança nas séries do Ensino Médio. A partir dessa ação pedagógica, minha motivação em abordar os conhecimentos relacionados à dança nas aulas de Educação Física se ampliou.

Ao abordar a dança no Ensino Médio, constatei que, em um primeiro momento, os/as alunos/as se negavam a realizar as atividades. Porém, a partir de contextualizações realizadas nas aulas, eles/as percebiam sentidos e construía significados. Isso foi constatado mediante relatos realizados em rodas de conversa após a dança ter sido desenvolvida como conteúdo nas aulas de Educação Física.

Quando ingressei no Ensino Médio de Tempo Integral, no ano de 2018, notei que os/as alunos/as também não consideravam a dança como um conteúdo integrante da Educação Física, pois ao propor atividades dançantes, os/as discentes a realizavam com vergonha e muitos perguntavam se poderiam não participar das atividades. No entanto, percebi que esses/as mesmos/as alunos/as participaram de danças como quadrilha, forró, dança indígena, circular entre outras, no “Projeto Cordel” que aconteceu em parceria com a professora de Língua Portuguesa, no qual foram apresentados elementos da cultura nordestina e na Disciplina Eletiva “Raízes do Brasil” em que os participantes vivenciaram a dança indígena *Itó Hüge* do povo Kalapalo.

A reflexão sobre tais participações despertou meu interesse em desenvolver as danças tradicionais brasileiras nas aulas de Educação Física, pois são manifestações populares presentes na nossa cultura que estão inseridas no ambiente escolar timidamente, mesmo se configurando de extrema significação para os/as discentes como forma de valorização da sua identidade cultural. Um dos



motivos delas estarem pouco presentes na escola diz respeito a muitos/as professores/as não se sentirem à vontade para desenvolvê-las porque não tiveram experiências em seu contexto de formação ao ponto de se sentirem capacitados/as para a elaboração de um processo pedagógico que traga as danças como fonte de conhecimento.

Diante deste contexto, as indagações colocadas foram: como desenvolver uma prática pedagógica dialógica e colaborativa tendo os/as estudantes do Ensino Médio de Tempo Integral como protagonistas no processo de ensino e aprendizagem das danças tradicionais brasileiras? Como legitimar as danças tradicionais brasileiras na Educação Física Escolar?

Partindo dessas indagações, o objetivo geral da pesquisa foi identificar e compreender os significados de uma prática pedagógica de ensino e aprendizagem das danças tradicionais brasileiras no Ensino Médio de Tempo Integral. Além disso, os objetivos específicos definidos foram elaborar uma proposta pedagógica para o ensino e aprendizagem das danças tradicionais brasileiras numa disciplina eletiva (DE) “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens”¹ sob uma perspectiva interdisciplinar com o componente curricular de Geografia e analisar os dados levantados no decorrer do processo.

A pesquisa estruturou-se da seguinte maneira: no primeiro momento, trago o levantamento bibliográfico acerca da dança como conteúdo da Educação Física Escolar nos documentos oficiais vigentes (Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio; Orientações Curriculares para o Ensino Médio; Currículo do Estado de São Paulo e Base Nacional Comum Curricular) e a concepção de autores/as que discutem sua importância como um conteúdo escolar. Apresento os conceitos de cultura popular, as danças tradicionais e as considerações de diversos/as autores/as sobre essas danças no contexto da escola; concluo apresentando a metodologia Tradução da Tradição defendida por Côrtes (2013).

No segundo momento, contemplo a trajetória metodológica pautada numa abordagem qualitativa com uma pesquisa de campo, que teve como instrumento de levantamento de dados questionários, diários de campo e registros de imagens em

¹ A disciplina eletiva foi chamada de “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens” e direcionada às danças populares de tradição ao longo da pesquisa.

fotos. O referencial de análise de dados utilizado foi a análise categorial proposto por Gomes (2011).

No terceiro momento, apresento as análises e as discussões sobre as três categorias levantadas: Conhecimentos e experiências prévias; Aprendizados e vivências e Tradução da Tradição, por fim, as considerações finais.

Como exigência do PROEF, o produto resultante da pesquisa é intitulado de “Tradução da Tradição: as danças brasileiras no Ensino Médio” e se configura em um material didático para o/a professor/a que tenha interesse em desenvolver práticas pedagógicas voltadas ao ensino e aprendizado das danças tradicionais brasileiras.

A relevância deste estudo está em construir novas possibilidades de práticas pedagógicas com as danças tradicionais brasileiras que levem em consideração os/as estudantes, suas realidades, desejos e expectativas que, muitas vezes, não são ouvidas e consideradas relevantes na formação educativa.



2 DANÇA: EDUCAÇÃO FÍSICA, CULTURA POPULAR E TRADIÇÃO

Para a realização dessa parte do trabalho, foi feito um levantamento bibliográfico de como a dança é retratada nos documentos oficiais vigentes da área da Educação, especificamente no que tange ao componente curricular da Educação Física no Ensino Médio bem como o pensamento de autores/as que discutem sua importância como um conteúdo escolar. Em seguida, apresento um percurso contextual da cultura popular, das danças tradicionais brasileiras com as considerações de diversos/as autores/as sobre essas danças no contexto da escola e finalizo apresentando a metodologia Tradução da Tradição defendida por Côrtes (2013).

2.1 A Dança nos documentos oficiais do componente curricular da Educação Física Escolar

A dança, na Educação Básica, é considerada um conteúdo dos componentes curriculares Arte e Educação Física e ambos devem abordá-la no decorrer dos anos escolares, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

No que tange especificamente ao Ensino Médio, os Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio (PCNEM) visaram aproximar o/a estudante das aulas de Educação Física de maneira lúdica e educativa e contribuir para o aperfeiçoamento do processo de aprofundamento dos conhecimentos do componente (BRASIL, 1999).

Conforme os PCNEM (BRASIL, 1999, p. 159), o/a estudante, após onze anos de escolarização, “deve possuir sólidos conhecimentos sobre aquela que denominamos cultura corporal”.

É com o corpo que somos capazes de ver, ouvir, falar, perceber e sentir as coisas. O relacionamento com a vida e com outros corpos dá-se pela comunicação e pela linguagem que o corpo é e possui. Essa é a nossa existência, na qual temos consciência do eu no tempo e no espaço. O corpo, ao expressar seu caráter sensível, torna-se veículo e meio de comunicação (BRASIL, 1999, p. 160).

Deste modo, a Educação Física deve proporcionar “uma ampla compreensão e atuação das manifestações da cultura corporal” (BRASIL, 1999, p. 162), em que o domínio, o conhecimento da cultura corporal e uma visão crítica do mundo sejam

estimulados no processo pedagógico. “A Educação Física deverá transcender os espaços das ciências biológicas para encontrar também acomodação nas ciências humanas” (RAMOS, 2006, p. 1).

A dança é apresentada nos PCNEM para o desenvolvimento das competências de “representação e comunicação” e de “contextualização sociocultural”, pelas quais as habilidades a serem ampliadas são:

Demonstrar autonomia na elaboração de atividades corporais, assim como capacidade para discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal;

Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão (BRASIL, 1999, p. 165).

Os PCNEM incluem as manifestações da cultura corporal e têm como “características a intenção de expressão, comunicação por meio dos gestos e a presença de estímulos sonoros como referência para o movimento corporal. Trata-se, principalmente das atividades ritmadas como dança ou jogos musicais” (BRASIL, 1999, p. 166) que devem ser desenvolvidas com base nas competências de “representação e comunicação”.

Os PCNEM propõem aos/as professores/as que iniciem a dança resgatando o que os/as alunos/as conhecem de música, quais estilos ouvem e dançam, inserindo “pequenos momentos das aulas em que uma atividade ritmada seja desenvolvida” (BRASIL, 1999, p. 166). Uma reflexão a se fazer sobre essa proposta é questionar o porquê de pequenos momentos da aula com atividades ritmadas? Outra questão é: atividades rítmicas e dança são a mesma coisa? Acredito que esses são dois conteúdos da Educação Física, mas cada um com suas especificidades. As atividades rítmicas envolvem o aprendizado do ritmo, seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, enquanto a dança, além do ritmo, possui outros elementos como movimentos, gestos, sentidos e significados. Ao que concerne ao papel educativo da dança é preciso garantir que ela esteja, efetivamente, nos currículos escolares e seja olhada com mais carinho, respeito e tratada com a mesma importância de outros conteúdos.

Como pudemos notar, a dança é reconhecida como um conteúdo da Educação Física nos PCNEM (BRASIL, 1999), porém, ao final do documento,



ressalta-se que ela é renegada no ambiente escolar, mesmo configurando-se significativa no espaço e no cotidiano dos/as adolescentes e jovens.

Nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) (BRASIL, 2006), a Educação Física é parte integrante da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias assim como nos PCNEM. O documento apresenta algumas compreensões que devemos observar:

Um primeiro ponto de partida diz respeito ao lugar das práticas corporais no processo educativo. A leitura da realidade pelas práticas corporais permite fazer com que essas se tornem “chaves de leitura do mundo”. As práticas corporais dos sujeitos passam a ser mais uma linguagem, nem melhor nem pior do que as outras na leitura do real, apenas diferente e com métodos e técnicas particulares. Pode-se dialogar em uma aula de Educação Física com outras linguagens, como a escrita ou a linguagem audiovisual. Porém, as práticas corporais possuem valores nelas mesmas, sem a necessidade de serem “traduzidas” para outras linguagens para obter o seu reconhecimento. Estão diretamente ligadas a uma formação estética, à sensibilidade dos alunos (BRASIL, 2006, p. 218).

Partindo de tais considerações, as OCEM consideram os saberes tratados na Educação Física como “uma variedade de formas de apreender e intervir na realidade social que deve ser valorizada na escola numa perspectiva mais ampliada de formação” (BRASIL, 2006, p. 219).

O documento apresenta a escola como um espaço sociocultural e nos convida a refletir sobre o tratamento dado à cultura quanto algo que se move, se transforma tanto dentro quanto fora dessa instituição. Sendo os/as alunos/as sujeitos socioculturais portadores de saberes e praticantes de experiências construídas em outros espaços e meios culturais, cabe à Educação Física oportunizar relações individuais e coletivas na elaboração, criação e organização de práticas corporais. O/a professor/a ao abordar a dança, deve realizar “vinculações étnicas, culturais e históricas, bem como relações de gênero a serem discutidas na escola” (BRASIL, 2006, p. 229).

Os dois documentos nacionais analisados enfatizam que a dança deve ser desenvolvida no Ensino Médio como uma prática corporal produzida social e historicamente pela sociedade e que deve ser reinterpretada e ressignificada a partir das vivências oportunizadas aos/as estudantes.

O Currículo do Estado de São Paulo (CESP) apresenta a Educação Física com um enfoque cultural por levar em consideração as diferentes manifestações em variados contextos ao tratar “pedagogicamente de conteúdos culturais relacionados



ao movimentar-se humano, porque o ser humano, ao longo de sua evolução de milhões de anos foi construindo certos conhecimentos ligados ao uso do corpo e ao seu movimentar-se” (SÃO PAULO, 2011, p. 224).

O CESP aponta os eixos de conteúdos da área referindo-os às construções corporais humanas como os jogos, as lutas, as danças e as atividades rítmicas, as formas de ginástica e o esporte organizados e sistematizados com o objetivo de serem tematizados “pedagogicamente como saberes escolares” (SÃO PAULO, 2011, p. 225). Essa sistematização considera os significados inerentes às apropriações que cada grupo, escola e bairro manifestam “em relação aos conhecimentos ligados à cultura de movimento” (idem). Vale uma ressalva para o eixo de conteúdo denominado de atividade rítmica por este ser comum a outros conteúdos que aparecem no decorrer das séries.

Já que o ritmo, entendido como organização do tempo, e considerado em sua etimologia original (aquilo que flui, que se move), está presente em todos os outros conteúdos e, ao mesmo tempo, é bem visível nas manifestações da cultura de movimento, a caracterizar-se pela intenção explícita de expressão por meio de movimentos/gestos coreografados na presença de sons, músicas e/ou canções (SÃO PAULO, 2011, p. 226).

Portanto, ao longo das três séries do Ensino Médio, um conteúdo poderá aparecer em vários momentos com enfoques e níveis de complexidade diferentes propiciados pelos eixos temáticos como é o exemplo da atividade rítmica. Entretanto, ao analisar os eixos de conteúdos propostos, observa-se que a dança não aparece como um eixo de conteúdo tematizado nas 1.^a e 2.^a séries, somente na 3.^a série como podemos verificar de acordo com Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Conteúdos de Educação Física na 3.^a série do Ensino Médio

(continua)

1.º bimestre	O ritmo no esporte, na luta, na ginástica e na dança.
2.º bimestre	Atividades rítmicas, manifestações rítmicas ligadas à cultura jovem hip-hop, <i>street dance</i> e/ou outras.
3.º bimestre	Manifestações e representações da cultura rítmica nacional e de outros países – Danças Folclóricas/Regionais-Processo Histórico.



Quadro 1 – Conteúdos de Educação Física na 3.^a série do Ensino Médio

(conclusão)

4.º bimestre	Organização de eventos esportivos e/ou festivais de ginástica, luta e/ou dança.
---------------------	---

Fonte: Adaptado pela autora de São Paulo (2011).

O CESP (SÃO PAULO, 2011) coloca-nos como um desafio promover o conhecimento específico do componente curricular articulado às competências e habilidades do/a aluno/a e aponta que habilidades como apreciar, elaborar e intervir sejam desenvolvidas na “inter-relação entre os eixos de conteúdo e os eixos temáticos a fim de que contribuam para a construção da autonomia crítica e autocrítica do aluno” (p. 229).

O último documento a ser apresentado é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que se configura em:

Um documento normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional da Educação (PNE) (BRASIL, 2018, p. 7).

É apresentado como um “documento plural e contemporâneo, resultado de um trabalho coletivo inspirado nas mais avançadas experiências do mundo” (BRASIL, 2018, p. 5), que servirá de referência nacional comum e obrigatória para a elaboração dos currículos e das propostas pedagógicas dos estados, municípios preservando particularidades regionais e locais.

A BNCC pauta-se em competências e habilidades, a saber: a competência é a “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos)” e as habilidades são as “atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (práticas cognitivas e socioemocionais)” (BRASIL, 2018, p. 8). Ela apresenta dez competências gerais que devem ser trabalhadas ao longo da educação básica, e dessas competências cinco justificam o trabalho da dança como conteúdo da Educação Física no Ensino Médio:



1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artísticas, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 9).

Partindo destas competências gerais, o objetivo da área de Linguagens é ampliar a autonomia, o protagonismo e a elaboração das práticas de diferentes linguagens pelos/as alunos/as. Os componentes que fazem parte da área são Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa. O documento explicita que, no Ensino Médio, há responsabilidade de “propiciar oportunidades para a consolidação e a ampliação das habilidades de uso e de reflexão sobre as linguagens – artísticas, corporais e verbais (oral ou visual-motora como libras e escrita) – que são objeto de seus diferentes componentes” (BRASIL, 2018, p. 474).

A BNCC (BRASIL, 2018) considera a Educação Física como componente curricular da área de Linguagens por entender que “corporeidade e a motricidade” são atos da linguagem. Ao vivenciarem práticas da Educação Física, os jovens se movimentam com intencionalidades de origens pessoais e sociais com a cultura corporal de movimento.

Nesse sentido, a área contribui para formar sujeitos capazes de usufruir, produzir e transformar a cultura corporal de movimento, tomando e sustentando decisões éticas, conscientes e reflexivas sobre o papel das práticas corporais em seu projeto de vida e na sociedade. A cultura corporal de movimento é entendida como o conjunto de práticas culturais em que os movimentos são os mediadores do conteúdo simbólico e significante de diferentes grupos sociais (BRASIL, 2018, p. 475).



A abordagem da BNCC permite aos/às estudantes compreenderem as inter-relações entre as representações e os saberes ligados às práticas corporais com interações entre o patrimônio cultural e os diferentes campos de atividade humana. Na área de Linguagens existem sete competências específicas e para cada uma são apresentadas as habilidades a serem desenvolvidas no decorrer das três séries do Ensino Médio. A seguir, descreveremos as competências específicas da área que se enquadram e embasam o ensino da Educação Física com a dança:

Competência específica 3: Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Competência específica 5: Compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura corporal de movimento, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.

Competência específica 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 481).

A BNCC, por ter caráter de documento orientador, esclarece que a dança deve estar presente por se configurar em um conhecimento da área de Linguagens, cabendo a cada estado formular seu currículo abrangendo as especificidades locais e regionais.

Com as considerações realizadas mediante os documentos oficiais e vigentes acerca da dança, apresento a seguir autores/as que abordam a importância do movimento e da dança na escola, em especial, na Educação Física.

Segundo Strazzacappa (2001, p. 69) “[...] o indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos”.

Nesta perspectiva, “o trabalho com o corpo gera consciência corporal” (SCARPATO, 2001, p. 57), o que promove ao/a estudante uma percepção daquilo que acontece consigo, ao seu entorno e no mundo.



Souza (2010) acredita que as aulas de Educação Física devem ensinar os/as alunos/as a “ler o corpo culturalmente” (p. 187), reduzindo tensões relacionadas ao mundo praticado e vivido como um todo, pois “o saber é eminentemente cultural, e [...] se constitui pela interação com os outros membros da nossa cultura” (idem, p. 183).

Mas, infelizmente, o “movimento corporal dentro do ambiente escolar é uma moeda de troca” (STRAZZACAPPA, 2001, p. 70), ou seja, ele funciona como punição ou prêmio como, por exemplo, a questão do comportamento para participar ou não da aula de Educação Física. Na escola, o conceito de disciplina sempre foi entendido como não movimento, para isso foram criadas diversas maneiras de limitar o corpo em suas formas de manifestações, como permanecer sentado durante as aulas e/ou não correr durante os intervalos.

A impossibilidade do movimento corporal na escola limita a abordagem da dança como “expressão da subjetividade humana”, pois “a dança permite a manifestação da singularidade de cada um, da sua forma única de ver, pensar, inventar, constituindo-se, simultaneamente, meio e catalizador da criatividade humana” (LACERDA; GONÇALVES, 2009, p. 106).

Para Lima e Frota (2007, p. 137), a dança “traduz uma das mais antigas formas de expressão corporal”.

Na vida intrauterina, a criança convive com o ritmo e suas variações, percebe e se adapta aos estímulos externos e ao biorritmo da mãe que é composto por: respiração, fluxo sanguíneo, batimentos cardíacos, voz, entre outros. Como consequência dessa atividade rítmica, torna-se essencialmente um ser dançante, pois recebe estímulos advindos de cadências diversas, como por exemplo, a música (LIMA; FROTA, 2007, p. 137).

Segundo os autores, a dança evoluiu, tornou-se arte e expandiu-se numa diversidade de estilos, funções e aplicações. E, dentre muitas possibilidades, se mostra como um “recurso de educar o corpo e, por que não dizer, educar o ser por inteiro” (LIMA; FROTA, 2007, p. 137).

Corroborando com estas ideias, Brasileiro (2003, p. 55) reforça que a dança:

[...] é reconhecida como uma das formas de linguagem do homem, linguagem esta expressiva e representativa de diversos aspectos de sua vida, privilegiadamente de seus momentos festivos. Ao conhecer, interpretar e compreender os sentidos e significados da dança, temos a oportunidade



de perceber, através dela, o desenvolvimento cultural de diferentes civilizações (BRASILEIRO, 2003, p. 55).

De acordo com Gariba e Franzoni (2007, p. 160), a Educação Física, ao “buscar uma prática pedagógica mais coerente por meio da dança, consiste em possibilitar ao indivíduo expressar-se criativamente, sem exclusões, tornando essa linguagem corporal transformadora e não reprodutora”. Na dança o ser humano deixa de ter um corpo para ser um corpo que serve de veículo de expressão, comunicação, apreensão e compreensão de uma realidade (GARIBA; FRANZONI, 2007).

Para Böhm e Toigo (2012), a dança proporciona diferentes experimentações corporais e integradoras, “por meio dela, pode-se trabalhar o desenvolvimento e o refinamento de habilidades motoras diversas, a cultura e a socialização, não apenas com crianças, mas também com adolescentes e adultos” (p. 159).

Podemos situar a dança na Educação Física como uma linguagem que contribui para a autoexpressão e o aprender a pensar em termos de movimento. Entretanto, segundo Böhm e Toigo (2012, p. 159), “acredita-se que a dança ainda não esteja sendo efetivamente colocada em prática como parte do conteúdo das aulas de Educação Física nas escolas [...]”.

Os resultados da pesquisa realizada pelas autoras revelaram que existe o interesse por parte dos/as estudantes em vivenciar a dança, todavia o preconceito ainda impede que muitos/as participem das atividades com dança, e este se torna um fator de grande influência contra a incorporação da dança nas escolas, principalmente por parte dos professores que “enxergam a dança como algo folclórico ou desnecessário à formação de seus alunos” (BÖHM; TOIGO, 2012, p. 166).

De acordo com o estudo feito por Sousa, Hunger e Caramaschi (2014), o qual analisou o ensino da dança sobre a ótica dos/as professores/as de Educação Física e de Arte, apontou que eles/as consideraram importante o ensino da dança, mas encontram limites em desenvolvê-la por conta da timidez apresentada pelos/as estudantes, principalmente os meninos, os quais demonstram “resistência, desinteresse e preconceito em relação à dança” (2014, p. 513). O estudo também identificou que não existe um trabalho sistematizado e contínuo com o ensino da dança, sendo mais corriqueiro ela ser utilizada em momentos específicos, como nas apresentações em festas e nos encerramentos de projetos e/ou do ano letivo. A

dança deve estar presente nas práticas pedagógicas dos/as professores/as de Educação Física, porque é uma construção cultural, social e histórica na formação de todas as sociedades e podem representar uma possibilidade de conhecer, valorizar, ressignificar e aprofundar a diversidade da cultura brasileira. E, também, porque ela é “uma das mais poderosas formas de comunicação e de expressão, uma forma de linguagem universal e faz parte da cultura corporal da humanidade” (SOUSA; CARAMASCHI, 2011, p. 619). Neste tópico, abordei a dança nos documentos oficiais vigentes e a perspectiva de autores/as que discutem sua importância como um conteúdo da Educação Física Escolar. Na etapa seguinte, apresento um percurso contextual da cultura popular, das danças tradicionais brasileiras bem como as considerações de diversos/as autores/as sobre essas danças no contexto da escola e finalizo apresentando a metodologia Tradução da Tradição defendida por Côrtes (2013).

2.2 Cultura popular e danças tradicionais brasileiras

Para Arantes (1998), a cultura está em toda parte, pois em todas as nossas ações, seja nas instâncias do trabalho, nas relações conjugais, na produção econômica ou artística, no sexo, na religião, nas formas de dominação e na solidariedade, “tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos cultura” (1998, p. 34).

Já Pessoa (2019, p. 65) afirma que a cultura emerge a partir dos “movimentos dos grupos humanos em busca dos meios de existência”. Segundo Côrtes (2003), a palavra cultura se refere à ligação entre a produção material e simbólica, aos comportamentos e aos conjuntos de representações sociais que estabelecem o modo de vida de uma população específica. A cultura vista dessa maneira, “é normalmente associada ao desenvolvimento dos grupos sociais, relacionados às suas formas de vida, seja de caráter individual ou coletivo” (CÔRTEZ, 2003, p. 22).

Afirma o autor que no século XX ocorreu uma expansão da noção de cultura, incluindo a cultura popular e a de massa em que o conceito de cultura “é então concebido como um produto da sociedade, da coletividade à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os” (CÔRTEZ, 2003, p. 23).

Segundo Brasileiro (2010), o termo cultura popular já se fazia presente desde o século XVIII. A expressão cultura popular esteve presente no final do século XIX,

no Brasil, numa linha de pensamento intelectual (formado por folcloristas, antropólogos, sociólogos, educadores e artistas) “preocupada com a construção de uma determinada identidade cultural” (ABREU, 2003, p. 2).

Conforme Pessoa (2019, p. 66), cultura popular “é a forma como nas classes subalternas se produzem esses significados e se recriam as heranças recebidas”. O autor coloca que cultura popular não é feita de conceitos, “ela é filha direta dos gestos, e é nos gestos que pode ser reconhecida” (p. 5).

Como a cultura popular reforça uma especificidade de um local, é uma “construção de saberes que são vividos em gestos de partilha entre iguais antes de serem trocados e comunicados” (PESSOA, 2019, p. 64).

De acordo com Abreu (2003), o conceito de cultura popular tem relação com a construção de identidades e histórias que nos permite pensar a realidade.

O fundamental, no meu modo de ver, é considerar cultura popular como um instrumento que serve para nos auxiliar, não no sentido de resolver, mas no de colocar problemas, evidenciar diferenças e ajudar a pensar a realidade social e cultural, sempre multifacetada, seja ela a da sala de aula, a do nosso cotidiano, ou a das fontes históricas (ABREU, 2003, p. 2).

Partindo desta concepção, Gularte e Finoqueto (2019) afirmam que a cultura popular não é um conjunto coerente e homogêneo de atividades, e sim manifestações da cultura que “se modificam junto com as mudanças da sociedade em que estão inseridas” (p. 228).

Para Abreu (2003, p. 12) a expressão cultura popular deve:

Servir para se enfrentar a globalização, não no sentido de valorização das pretensas identidades nacionais, mas reforçando a perspectiva de existência de diferentes significados sociais em torno das manifestações culturais coletivas, como por exemplo, os carnavais e festas de um modo geral. Pode também estimular a criação de identidades sociais/culturais e vínculos duradouros entre grupos de reconhecida expressão cultural ou religiosa, como por exemplo, as escolas de samba, os grupos que organizam folia de reis e congadas.

Como pudemos notar, a cultura popular nos remete a uma ampla visão de concepções e pontos de vista que vão “desde a negação (implícita ou explícita) de que os fatos por ela identificados contenham alguma forma de ‘saber’, até o extremo de atribuir-lhes o papel de resistência contra a dominação de classe” (ARANTES, 1998, p. 7).

Entendendo a cultura popular dentro da perspectiva da existência de diferentes significados social em torno das manifestações culturais coletivas para o enfrentamento da globalização (ABREU, 2003), trago o foco para a questão da tradicionalidade presente em determinadas manifestações populares.

De acordo com Ikeda (2013), temos duas definições para identificar os saberes da cultura popular tradicional, sendo esses apresentados no documento redigido pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 1989) que os define como:

- 1 - Conjunto de criações (vários fatos), emanção comunitária, embasamento na tradição, expressão de grupo ou individual, reconhecimento comunitário, expressão de identidade e transmissão oral....
- 2 - Aspectos intangíveis da cultura, além de seus correspondentes resultados materiais e os espaços físicos onde ocorrem (Idem, p. 175).

A tradicionalidade existente nas manifestações populares se reforça nas especificidades de um local em que os saberes são construídos tomando-se por base os gestos vividos entre iguais.

[...] mais que a preocupação com autenticidade ou não autenticidade das práticas tradicionais de cultura, o que as caracteriza, o que dá fundamentos a elas é essa “memória longa”, ou seja, uma especial capacidade de se apropriar dos universos simbólicos herdados de longe, recriando-lhes ou imprimindo-lhes modos próprios de se expressar, invariavelmente assentados nas necessidades e capacidades locais de respostas coletivas a essas mesmas necessidades (PESSOA, 2019, p. 100).

Os grupos tradicionais são os continuadores das heranças de seus antepassados em que a expressão da música, dança, ritual e festas existem em milhares de comunidades, sendo referência para outros grupos, e muitas dessas manifestações estão relacionadas a rituais, cerimônias de devoção e em festividades religiosas (IKEDA, 2013).

A dança é expressão presente no cenário das festas populares como uma das manifestações que confirma à cultura popular sua imagem pública. Côrtes (2013, p. 36) acredita que:

Nas festas tradicionais, em rituais ou manifestações populares de caráter espontâneo, as danças ocorrem como um fator de comunhão cultural e de transmissão de ideias e costumes de uma geração a outra, transformando ou não determinados aspectos, mas permanecendo atual pelo valor de seu tempo tradicional.

Ainda segundo o mesmo autor (2013, p. 53), “as danças brasileiras devem ser consideradas como fontes de identificação cultural do país, sempre definidas no plural pela heterogeneidade que carregam cultural e geograficamente”. Ou seja, o que configura as danças brasileiras serem consideradas tradicionais é o seu saber popular e os momentos em que elas ocorrem em uma determinada comunidade.

Danças folclóricas ou tradicionais são manifestações culturais construídas coletivamente e tradicionalmente em um tempo e um espaço específico. Derivadas de um saber popular, elas constituem um elo cultural entre os membros de um determinado agrupamento social. Essa forma de expressão cultural, entretanto, não é estática e pode sofrer transformações das mais variadas formas ao longo dos anos, mantendo o significado e o simbolismo original de um acontecimento específico, que devido a sua importância cultural é preservado pela comunidade. Sendo assim, essas danças carregam as mesmas características básicas de qualquer fato folclórico e devem sempre ser compreendidas na sua totalidade, como forma e expressão de uma determinada tradição coletivamente aceita como forma de pertencimento de um grupo social (CÔRTEZ, 2013, p. 42).

As danças tradicionais são realizadas em “grupo, pares ou individuais e podem assumir diversos motivos, conforme o contexto e o objetivo. Algumas festivas, outras cerimoniais ou religiosas, elas podem ser praticadas durante o ano todo ou em alguma data especial” (GARCEZ, 2016, p. 17). Portanto:

[...] através do conhecimento das nossas tradições podemos ressignificar, ou seja, criar novos sentidos para a compreensão da dança brasileira para além dos requisitos eurocêntricos, norte-americanos ou importados de modo geral. Compreendem-se as danças populares como Arte, com enfoque em uma educação celebrada no corpo dançante que resiste, de certa forma, ao tempo e à tradicionalidade. Elas estão relacionadas aos autos, aos folguedos, às danças dramáticas e as danças da tradição brasileira (GARCEZ, 2016, p. 17).

Tais manifestações são únicas no mundo, pois “[...] na sua origem, na sua história e como expressões culturais de um povo, existem infinitos fatores que as diferem. A origem africana, indígena, as misturas de culturas [...]” (CÔRTEZ, 2013, p. 61). Essas danças, tratadas na escola, proporcionam uma discussão tanto na Arte quanto na Educação que extrapola os meios convencionais do processo de ensino e aprendizagem da Educação Básica (GARCEZ, 2016, p. 18). Rosa (2013, p. 2) apresenta três características das danças tradicionais: “permanência/resistência de elementos de uma estrutura ao tempo; a transformação ao longo dos anos e a questão do território”.

Dança popular insere-se dentro de uma cultura que permanece ao longo dos anos com sua religiosidade, ancestralidade, memória, matrizes corporais e símbolos; (...) os processos de transformação como natureza dinâmica da cultura popular, ou mesmo, dança popular; (...) a dança popular pertence a um espaço e é nesse espaço que ela existe enquanto performance. Ela pertence aquele lugar em tempo específico (ROSA, 2013, p. 2).

Se a dança pertence a um lugar em tempo específico, podemos dizer que possui um significado único, pois para Côrtes (2013), as danças do Brasil são “elaboradas a partir de representações culturais dos povos que habitam este país e que foram se enraizando na cultura nacional como uma das formas de expressão, sendo reconhecidas como parte identitária do povo brasileiro” (p. 53).

De acordo com Rosa (2013), outra característica dessas danças é a manifestação coletiva de um determinado contexto e “ao conhecer, interpretar, e compreender os sentidos e significados da dança, temos a oportunidade de perceber, através dela, o desenvolvimento cultural de diferentes civilizações” (ABREU, 2003, p. 55).

Compreendendo a cultura popular como um “jogo de forças e relações que mantém a distinção e as diferenças das classes sociais, pouco importando seu objeto, atividade ou qualquer outra coisa” (SBORQUIA; NEIRA, 2008, p. 88), as danças tradicionais se constituem elementos de “resistência à homogeneização por reforçar as especificidades de um local” (idem, p. 89).

Schildberg e Duarte Abdala (2019) investigaram uma experiência com a dança do Moçambique, cujo Mestre era chamado de Paizinho, em uma escola da região do Vale do Paraíba Paulista para alunos do Ensino Fundamental dos anos iniciais e foi possível estabelecerem um diálogo com a cultura popular.

Nas oficinas, Mestre Paizinho ressignificou as vestes, ornamentarias e os cantos para os/as alunos/as e respeitou “o princípio da escola laica” (SCHILDBERG; DUARTE ABDALA, 2019, p. 6), pois como afirmam os autores, “só assim a cultura popular consegue adentrar a um universo homogeneizador como a escola” (idem). No entanto, foi possível dar voz a essa dança tradicional dentro da instituição. Abaixo podemos ver algumas ressignificações que foram realizadas:

[...] em que as faixas cruzadas na região do tórax, que fazem menção a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário, na escola, adquirem uma nova conotação: a cor azul representa a paz e a vermelha o amor, os bastões que no Moçambique tradicional representam espadas é o elemento central na composição coreográfica. [...] Na cabeça, os moçambiqueiros usam uma



espécie de gorro chamado casquete e amarrados aos pés, mini instrumentos denominados guizos, que complementam a composição da ornamentária, Mestre Paizinho, na entrevista, diz que confecciona com as crianças, guizos alternativos desenvolvidos por meio de potes plásticos (SCHILDBERG; DUARTE ABDALA, 2019, p. 9).

Em lugar dos tradicionais temas do catolicismo popular, as letras foram adaptadas e apresentaram um conteúdo lúdico. “A dança do Moçambique é bonita demais é cultura africana é bonita demais, é cultura africana e não esqueço jamais” (SCHILDBERG; DUARTE ABDALA, 2019, p. 7).

As autoras apresentam um exemplo de como trazer e desenvolver as danças tradicionais para o ambiente escolar e demonstra que é possível realizar práticas que sejam significativas aos/as estudantes em que compete à:

[...] escola como espaço determinado socialmente para a produção, reconstrução e ampliação cultural, caberá à Educação Física Escolar proporcionar aos alunos experiências pedagógicas que viabilizem experiências significativas com as danças presentes no universo cultural próximo e afastado quanto à reflexão crítica acerca das diversas formas de representação cultural veiculadas nessas manifestações, oferecendo a cada aluno a oportunidade de posicionar-se enquanto produtor de cultura corporal (SBORQUIA; NEIRA, 2008, p. 92).

Ao apresentar as danças tradicionais dentro da escola, o/a professor/a deverá buscar um sentido pautado na comunidade, na faixa etária, no gênero, nos espaços educativos e nos materiais que possui para a construção da sua prática pedagógica.

Elaborados em um espaço liminar, as aulas voltadas para a vivência em danças brasileiras realizam a tradução de uma pesquisa de campo (transformada em texto ou roteiro de partida), para uma atividade corporal (o texto final). Esta relação entre dois sistemas diversos, campo e sala de aula, organizados em texto fonte e atividade concreta, fazem da teoria da Tradução uma possibilidade de entendimento dos processos criativos desenvolvidos para a escola (CÔRTEZ, 2016, p. 19).

A pouca experiência sistematizada com as danças tradicionais brasileiras nas aulas de Educação Física (BRASILEIRO, 2003) é uma realidade possível de ser modificada, e isso acontecerá quando entendermos sua contribuição na formação dos/as estudantes.

É nas escolas que o conhecimento cotidiano da cultura de um povo merece ser estudado, sendo uma “forma de reconhecimento e legitimação destas culturas silenciadas historicamente pelo currículo” (CÔRTEZ, 2003, p. 54).

[...] os fenômenos das culturas tradicionais guardam valores morais, religiosos, políticos, lúdicos, estéticos e outros tantos herdados, e que, portanto, de alguma forma, refletem a própria história das suas comunidades, repondo o passado no presente e sendo então sempre atuais. São práticas aglutinadoras, que repetidas ciclicamente, reforçam os valores socialmente aceitos e importantes para os grupos e indivíduos, vitalizando-os. Por serem fatos preservados e geridos coletivamente, são sempre práticas de identificação e inclusão social [...] (IKEDA, 2013, p. 185).

Para Rosa (2013), os mecanismos de resistências das danças tradicionais afirmam-se na tradição, pois como manifestação do cotidiano associada aos rituais que acontecem na comunidade, é considerada “a performance daquele tempo e daquela comunidade” (p. 4). Conforme ressalta Abreu (2003), a identidade cultural presente nas danças tradicionais precisa ser entendida como uma luta pela igualdade de oportunidades e de direitos respeitando aquilo que, talvez, seja mais valorizado pelas comunidades.

Não se deve esquecer que toda a construção cultural das diferentes etnias existentes no Brasil, e que compõem a população atual do país, trouxeram possibilidades artísticas singulares na construção de uma identidade nacional não somente por meio das danças, mas em toda expressão artística realizada no Brasil. Desta forma, a expressão “danças brasileiras” deve ser antes de qualquer apropriação conceitual, reconhecida como expressão cultural do Brasil, por pertencerem ao universo simbólico que define o que é ser brasileiro perante outro povo (CÔRTEZ, 2013, p. 61).

Assim, as danças tradicionais brasileiras devem ser apresentadas e tratadas como temática da Educação Física pelo fato de representarem “saberes da cultura popular tradicional” (IKEDA, 2013, p. 175).

Partindo do pressuposto que a dança deve estar presente na escola, apresentamos a metodologia Tradução da Tradição proposta por Côrtes (2013) que fundamenta o trato pedagógico das danças tradicionais brasileiras em processos educativos.

De acordo com Côrtes (2013), quando usamos a tradição estamos nos remetendo a “um conceito ligado ao tempo e à transmissão da dança realizada de geração a geração pelos seus integrantes” (p. 37).

Tão importante quanto a tradição da dança é a função que ela exerce na coletividade, conceito ligado ao espaço aonde a dança acontece, que define a importância dada pelos participantes ao ato de dançar, o que dá ao indivíduo que a realiza um sentido de pertencimento ao grupo. Esta relação é descrita muitas vezes como enraizamento e, no caso da dança e da festa



especialmente, pelo modo e pela forma como os integrantes do grupo se relacionam com o mundo (CÔRTEZ, 2013, p. 37).

A tradicionalidade de uma dança tem suas características definidas no “estudo do saber popular tradicional” (CÔRTEZ, 2013, p. 37) que, ao ser levada para a escola, será retratada de uma maneira muito próxima de como ocorre dentro do coletivo que a vivencia, posto que, dentro da tradição, a dança:

[...] acontece sem a intervenção de um coreógrafo, normalmente mantida pelos indivíduos mais antigos, chamados de mestres, que guardam o saber tradicional. As danças que o grupo desenvolve obedecem a uma sequência de passos criada pela repetição e mantida pela tradição. Em sua relação íntima com a vida de uma coletividade, o grupo aceita que os movimentos sejam mantidos inalterados pela importância de sua integração social, o que lhes confere um significado singular. No cruzamento de elementos, informações e processos culturais híbridos, os grupos buscam na tradição uma forma de manter viva, através das festas, cantos, músicas e danças a representação de um fato ou de um acontecimento importante ocorrido na comunidade. Desta forma podemos afirmar que toda tradição se utiliza da história como uma ponte temporal legitimadora das ações e do espaço como cimento da coesão do grupo (CÔRTEZ, 2013, p. 37-38).

Ao levar para a escola esses saberes populares tradicionais, Côrtes (2013) propôs uma metodologia que se apropria da teoria da tradução.

A teoria da tradução construída especialmente em pesquisas sobre a Literatura tem ampliado seus estudos para outras áreas do conhecimento de forma multidisciplinar. Tais estudos tratam especificamente de temas relacionados aos trabalhos de tradução entre sistemas simbólicos diversos, como, por exemplo, quando se traduz um romance para um filme, um poema épico para uma revista em quadrinhos, ou se cria uma coreografia a partir de um poema, o que reforça o aspecto interdisciplinar da teoria (CÔRTEZ, 2013, p. 13).

A tradução é considerada um “processo tradutório a partir de uma teoria interpretativa que designa uma percepção específica no trabalho do tradutor, uma prática singular que pode ser encontrada em diversas ações, traduzida por um emissor e interpretada por um receptor” (CÔRTEZ, 2013, p. 17).

[...] uma aproximação teórica entre a Traductologia e as Artes da Cena parte de dois pressupostos principais inspirados na atuação do tradutor-artista nos processos de interpretação criadora de uma tradução: 1 - Toda tradução é uma forma de interpretação pessoal; 2 - Toda tradução é uma possibilidade de escolhas dentre várias possibilidades. Desta forma, podemos dizer que uma tradução, sob a ótica das artes, pode expressar uma forma libertária e criativa do artista, trazendo novos elementos e dinamismo aos elementos tradicionais encontrados em uma pesquisa de

campo e abrindo novas possibilidades de construção de conhecimentos. O trabalho, nesse caso, não deve ser interpretado como uma reprodução fiel ao que foi pesquisado, mas deve oferecer como proposição artística um novo caminho de compreensão a partir do processo de tradução (CÔRTEZ, 2013, p. 22).

Na proposição de Côrtes (2013, p. 24), “[...] a teoria da interpretação em sua relação com a produção em Artes da Cena oferece um percurso metodológico de tradução de uma tradição que deve apresentar três etapas de pesquisa”: 1) Análise do objeto a traduzir (a Fonte); 2) Análise do trabalho do artista-tradutor (o Processo) e 3) Análise da operação de tradução (o Produto).

A metodologia da Tradução da Tradição visa ampliar a atuação profissional do/a professor/a que, em um primeiro momento, deve definir as possíveis manifestações culturais que serão escolhidas “a partir de critérios estabelecidos a priori: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade e funcionalidade” (CÔRTEZ, 2016, p. 15). Ao partir da escolha da manifestação cultural, a pesquisa a ser realizada nesta etapa é sobre a criação artística na qual não existe uma ordem ou uma única forma de se fazer, ou seja, cada contexto deve definir a melhor forma de encaminhar o processo criativo.

A complexidade das experiências corporais e estéticas que surgem das manifestações corporais presentes nas manifestações populares do Brasil, e que se constituem como patrimônio imaterial do país, demandam pesquisa e profundo conhecimento de várias áreas e pode ser um tema interdisciplinar tratado por diferentes olhares na escola (CÔRTEZ, 2016, p. 15).

Ao desenvolvemos uma ação pedagógica com as culturas populares tradicionais na escola, podemos propor pesquisas através de livros, textos literários e científicos, sites, vídeos, entrevistas, convite a mestres/as e pessoas da comunidade quem tenham experiências nesse campo do conhecimento; idas a festas, vivências, experimentações, reelaborações e interpretações das manifestações estudadas.

O estudo das danças brasileiras tem grande relevância nos mais distintos locais e a metodologia da Tradução da Tradição fornece elemento e cria “possibilidades de construções práticas e criativas na interpretação das danças brasileiras, traduzidas para a cena artística” (CÔRTEZ, 2016, p. 15).



Partindo da escolha da manifestação cultural, realiza-se uma pesquisa de campo e, em uma segunda etapa, inicia-se a criação artística na qual não existe uma ordem ou uma cronologia única a seguir.

A produção de uma metodologia baseada na Teoria da Tradução apresenta desta forma, amplas ferramentas que podem ou não estarem presentes em maior ou menor intensidade nos processos criativos, na medida em que as análises e o próprio desenvolvimento do trabalho são sempre singulares, a partir do objeto de estudo escolhido. Concomitantemente ao trabalho artístico, dar-se-á um norte sobre a importância dos trabalhos de pesquisa de campo e dos processos artísticos para o campo educacional (CÔRTEZ, 2016, p. 16).

Um dos aspectos da tradução é a reelaboração total ou parcial das danças tradicionais que, quando ensinadas nas escolas, torna-se essencial para que tais trabalhos artísticos sejam destacados como processos de criação. A metodologia da Tradução da Tradição apresenta uma possibilidade a mais de trabalho com as danças brasileiras no currículo escolar ao utilizar os processos de criação:

Unindo tradução e tradição nos trabalhos com danças brasileiras, abre possibilidades para novos estudos e estabelecem novas relações dialógicas entre uma pesquisa acadêmica e a obra artística. No processo de criação não se fixam momentos cristalizados, identidades absolutas ou reproduções de imagens concretas, mas se apontam continuamente processos de diferenciação e identificação pessoal do artista o que faz com que cada tradução de cada tradição pesquisada seja diferente uma da outra, mesmo que o tema escolhido seja igual. A análise dos processos tradutórios que surgem no decorrer de toda criação deve ser estudada em um constante devir, na qual as fases que motivaram a concepção da obra se misturam e abrem caminho para que o conhecimento tradicional seja sistematicamente revisitado. (CÔRTEZ, 2016, p. 24).

É notório que a experiências com as danças tradicionais brasileiras na escola permitem processos de ensino e aprendizagem como formas de reelaborar, recriar e ressignificar tais manifestações.

Na etapa seguinte do trabalho, apresento a trajetória metodológica da pesquisa e seus desdobramentos.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Nesta etapa do trabalho, apresento o delineamento da pesquisa, a abordagem, o método, seu universo e os/as participantes, os instrumentos, os procedimentos para o levantamento dos dados e a metodologia de análise.

3.1 Delineamento da pesquisa

A presente pesquisa se configura numa abordagem qualitativa que, segundo Gomes (2011), a finalidade não é quantificar opiniões ou pessoas. O foco principal é “[...] a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar” (2011, p. 79). O referencial metodológico escolhido foi a pesquisa-ação que consiste em:

[...] elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de grupos em que encontram-se reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas (THIOLLENT, 2011, p. 7).

O método tem como objetivo principal aplicar os conhecimentos disponíveis para a resolução de problemas e organização de ações específicas, evitando as generalizações (THIOLLENT, 2011). Além disto, apresenta aos pesquisadores e grupos participantes os meios de se tornarem “capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora” (THIOLLENT, 2011, p. 14).

A pesquisa-ação exige a participação de todas as pessoas envolvidas nos problemas investigados, assim o/a pesquisador/a deve exercer um papel ativo “no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (THIOLLENT, 2011, p. 21).

Partindo desse referencial metodológico, elaborei uma proposta de ensino das danças tradicionais brasileiras, em parceria com a professora de Geografia, para uma DE e os dados foram levantados por meio do desenvolvimento das ações didático-pedagógicas.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Protocolo de Aprovação n.º 10297019.0.0000.5398).

3.2 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual da Diretoria de Ensino de Bauru/SP, localizada no município de Lençóis Paulista.

A trajetória histórica da Unidade Escolar inicia com sua criação e instalação em 07/01/83 sob o decreto n.º 20.349, o qual foi publicado em 08/01/83. Em 15/02/90, sob a Lei n.º 6.730, teve seu primeiro nome Escola Estadual de Primeiro Grau do Parque Cecap², logo após EEPG Prof.^a Vera Braga Franco Giacomini, atendendo alunos dos Ciclos I e II, e posteriormente EEPSG Prof.^a Vera Braga Franco Giacomini, quando passou a atender alunos/as do 2.º grau. Com o Decreto 44.449 de 24/11/99, passou a se chamar Escola Estadual Prof.^a Vera Braga Franco Giacomini perdurando até os dias de hoje.

O prédio físico passou por duas grandes reformas, uma concluída em julho de 2002 e a outra em 2010, quando tivemos uma escola com sanitários, pisos e paredes com aparência muito mais satisfatória, inclusive com a implantação de banheiro específico a deficientes físicos.

A comunidade onde está inserida nossa Unidade Escolar valoriza muito a escola, pois consideram-na um alicerce para a vida profissional dos/as estudantes.

A escola aderiu, no ano de 2018, ao projeto do governo federal “Ensino Médio de Tempo Integral” (EMTI). Atualmente, a unidade escolar atende um número de duzentos e oitenta alunos da 1.ª a 3.ª séries, os/as quais permanecem por um período de nove horas com a entrada às 7h e a saída às 16h e um intervalo de uma hora para o almoço.

O EMTI está organizado em Parte Diversificada e Atividades Complementares. A Parte Diversificada que é composta pela Língua Estrangeira Moderna, no caso o Inglês; pelas Disciplinas Eletivas (DE) em que professores/as de diferentes áreas do conhecimento elaboram uma disciplina ofertada ao longo do

² O bairro é conhecido como CECAP que significa Caixa Estadual de Casas para o Povo sendo este o nome da empresa que construiu as casas, cujo bairro tem o nome de Núcleo Habitacional João Zillo.



semestre letivo e as Práticas de Ciências, nas quais são estudadas as teorias em Física, Química, Biologia e Matemática. As Atividades Complementares são compostas pelo “Projeto de Vida”, considerado o pilar da escola de tempo integral, no qual o/a aluno/a estabelece metas, sonhos para sua vida, almejando alcançá-los e recebem a Orientação de Estudos na qual são aprendidas formas de estudar para gerir sua própria aprendizagem, ou seja, o protagonismo no processo educativo (SÃO PAULO, 2014).

Uma das principais características do EMTI são as ações estarem centradas no desenvolvimento do Projeto de Vida dos/as alunos/as, “eixo central em torno do qual a escola organiza suas práticas, mediante a integração inter e multidisciplinar da Base Nacional Comum com a Parte Diversificada do Currículo” (SÃO PAULO, 2014, p. 5).

De acordo com o documento “Modelo de Gestão do Programa de Ensino Integral”, o fato de a escola oferecer uma jornada ampliada, viabiliza um currículo integrador:

Com vistas ao oferecimento de um amplo leque de oportunidades para garantir a excelência acadêmica. Essas condições contribuem para o enriquecimento e o fortalecimento do processo de ensino e aprendizagem de tal modo que, ao término da Educação Básica, esses jovens estejam preparados para ser protagonistas do desenvolvimento de seus Projetos de Vida e se realizem como cidadãos autônomos, solidários e competentes (SÃO PAULO, 2014, p. 5).

Especificamente falando sobre as DE, elas objetivam elencar pontos em comum entre as áreas com o intuito de desenvolverem as competências e as habilidades presentes no Currículo Oficial do Estado de São Paulo, bem como se relacionarem aos Projetos de Vida dos/as alunos/as para que esses/essas tenham uma aprendizagem significativa a partir dos temas de interesse levantados no ano anterior.

Todas as DE organizadas são divulgadas em todas as salas na primeira semana de aula. É explicada a proposta de cada uma delas e, após essa divulgação, os/as discentes fazem sua opção por ordem de preferência. Então a turma é formada por alunos/as das três séries. A DE aconteceu às quartas-feiras das 14h20 às 16h00 no decorrer de um semestre.

Para a realização dessa pesquisa-ação, organizei junto com a professora de Geografia, a DE “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens”,



atendendo a obrigatoriedade de unir duas áreas distintas do conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias. Após a estruturação da DE, seu plano (Apêndice A) foi entregue à direção e à professora coordenadora geral que o aprovaram.

Os objetivos dessa DE foram: contribuir para o reconhecimento e a valorização dessas culturas; possibilitar que estereótipos e preconceitos fossem discutidos e desconstruídos e despertar o respeito a essas culturas e seus povos (Apêndice A).

A ideia surgiu com a minha inserção no Mestrado Profissional, pois senti a necessidade de apresentar as danças tradicionais brasileiras para o Ensino Médio. O interesse por esse tema surgiu ao realizar aulas no curso em que os/as docentes participantes do mestrado discutiam a questão de como desenvolver danças em suas aulas e a partir dos diversos questionamentos como a falta de recursos materiais, a formação inicial com a dança, a resistência dos/as alunos/as partindo dessas problemáticas e da vivência em aula do mestrado com dança circular e experiências com a dança em cursos de formação continuada. Pensei em como poderia desenvolver uma ação pedagógica com adolescentes, sendo este o público que, de acordo com nossas discussões, apresentavam maior resistência.

Diante desta problemática e de um público de estudantes que demonstrara interesse em danças como forró, quadrilha, indígenas em outros momentos, decidi propor uma experiência com danças tradicionais brasileiras. Assim, professoras de Educação Física e Geografia, ao longo do 1.º semestre de 2019, se dedicaram a esse processo de ensino e aprendizagem. A nossa contribuição voltava-se para o reconhecimento e a valorização dessas culturas, possibilitando que estereótipos e preconceitos fossem discutidos e desconstruídos em prol do respeito a essas culturas e a seus povos.

O conhecimento abordado na DE ofereceu um espaço privilegiado para a experimentação e a interdisciplinaridade. Por meio dela, desenvolveram-se as linguagens verbal/cartográfica e não verbal, nas diferentes manifestações culturais, exploração da escrita e da oralidade bem como a vivência dessas manifestações. Soma-se a isso a possibilidade de reconhecimento cultural e de identidade da formação das danças tradicionais nas diversas regiões do Brasil.



A partir do desenvolvimento desse processo de ensino, estruturei um material didático intitulado “Tradução da Tradição: as danças brasileiras no Ensino Médio”, sendo esse o produto educacional exigido pelo PROEF.

3.3 Participantes

O público participante da pesquisa foi formado pelos/as estudantes que escolheram a DE, englobando todas as 1.^a e 3.^a séries. Foram matriculados um total de 32 estudantes (30 meninas e dois meninos) na faixa etária entre 15 a 17 anos. Desse número inicial, 24 terminaram o semestre, sendo 17 discentes das 1.^a séries, três das 2.^a séries e quatro estudantes da 3.^a série, totalizando 23 meninas e um menino. Houve a transferência de sete estudantes para outras instituições escolares e o remanejamento de um estudante para outra DE.

Os/as discentes participantes entregaram para seus responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice B) para ser assinado e autorizado a participação na referida pesquisa. Após a devolução do TCLE, os/as discentes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE – Apêndice C). Os termos foram entregue em duas vias, uma ficando com a pesquisadora e outra com os/as responsáveis e alunos/as. Também foram entregues aos/as responsáveis e aos/as alunos/as a autorização para utilização de imagem e vídeo (Apêndice D e E), os quais foram assinados e devolvidos para a pesquisadora em uma via.

Os nomes dos/as discentes foram trocados por nomes fictícios escolhidos por cada aluno/a no questionário inicial (QI) entregue no primeiro dia da DE.

Além dos/as estudantes participantes da pesquisa, temos a professora de Geografia. Abaixo apresento uma breve trajetória da docente.

A professora Gê³ estudou o Ensino Fundamental e Médio em escola pública. Cursou o Magistério e quando terminou, escolheu fazer Geografia. Fez a graduação em faculdade privada - Fundação Educacional Dr. Raul Bauab em Jaú, se formando em 1996. Logo no primeiro ano de faculdade, no 2.^o semestre, se inscreveu para dar aulas de Geografia e por surpresa foi atribuída uma 6.^a série de Geografia na área rural de Macatuba. A partir daí, todos os anos durante a faculdade participou das

³ Nome verdadeiro foi substituído por um fictício.



atribuições e conseguia uma ou mais salas de aulas. Na época, foi convidada para dar aula em uma Escola Padrão, na qual a ATPC era por área do Conhecimento, o que a ajudou a adquirir muitos aprendizados a partir das experiências dos colegas. Também durante esse período substituiu licença-prêmio numa pré-escola municipal de Macatuba.

No ano de 1998, após ter se formado, conseguiu a jornada completa de aulas de Geografia e História no Ensino Fundamental na escola EE Prof.^a Vera Braga Franco Giacomini. Nesse mesmo ano, prestou concurso público estadual de Professor de Educação Básica II – Geografia. Com a aprovação, a escolha foi feita em 1999 pela escola na qual já trabalhava e a posse em 2000, assim, está há mais de 20 anos na mesma escola

A docente realizou três pós-graduações *latu senso*.

3.4 Instrumentos e procedimentos de levantamento de dados

Os instrumentos utilizados foram um questionário inicial (QI) – (Apêndice F); os diários de campo da pesquisadora professora de Educação Física (DCEF) – (Apêndice G) e os da professora de Geografia (DCG) – (Apêndice H) e um questionário final (QF) – (Apêndice I) para o/as participante/s.

De acordo com Minayo (1996, p. 64), no que diz respeito ao diário de campo, “quanto mais ricas foram as anotações nesse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e análise do objeto estudado”. Totalizaram-se 20 diários de cada uma com o registro da maior quantidade de informações possível do que ocorreu em cada uma das aulas, além de registros com fotos das atividades desenvolvidas. Não houve um roteiro predefinido.

Foi elaborado um questionário inicial (QI) que continha três questões abertas relacionadas às vivências e aos conhecimentos prévios do/as estudante/s sobre as danças populares brasileiras (Apêndice F).

Ao final da DE, foi realizado o último levantamento através de outro questionário final (QF), que se encontra no Apêndice I, com uma única pergunta que o/as participante/s respondeu no dia da Culminância da DE. “O que você aprendeu com a DE?” As respostas foram escritas no caderno pertencente à pesquisadora.

A Culminância é uma atividade que ocorre ao final de todo semestre na escola, na qual os Clubes Juvenis e as DE apresentam as criações desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem dentro de cada um desses componentes.

No decorrer das atividades da DE “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens”, entre outras atividades, foram apresentadas ideias de um processo criativo fundamentado em algumas das danças pesquisadas viabilizando uma produção a ser compartilhada. Assim, no dia da Culminância, o/as participante/s optaram pela representação do Maculelê, Carimbó, Balainha, Frevo e do Samba de Roda. Ao final, todas/os as/os integrantes da DE estiveram no palco realizando a entrega do curau representando uma comida típica de uma das regiões do Brasil para as pessoas presentes.

3.5 Procedimentos para a Análise de Dados

Os dados coletados, através do questionário inicial, dos diários de campo e do questionário final, foram organizados de forma sistemática e tiveram como referencial a análise temática de conteúdo categorial proposto por Gomes (2011). Buscou-se realizar uma categorização a partir da identificação dos núcleos de sentido correspondentes ao tema investigado.

De acordo com o autor supracitado (2011), dentro de uma pesquisa qualitativa, ao analisarmos e interpretarmos as informações, deve - se notar tanto o que é homogêneo e o que se diferencia dentro de um mesmo contexto social.

[...] quando falamos de análise e interpretação de informações geradas no campo da pesquisa qualitativa, estamos falando de um momento em que o pesquisador procura finalizar o seu trabalho, ancorando-se em todo o material coletado e articulando esse material aos propósitos da pesquisa e à sua fundamentação teórica. Nesse sentido, estamos nos referindo a uma etapa final do processo de investigação (GOMES, 2011, p. 80).

Para o autor não há uma “fronteira nítida” (GOMES, 2011, p. 81) entre as coletas das informações, o início do processo de análise e a interpretação. O que devemos verificar no material coletado é se “(a) revela qualidade, principalmente quanto à impressão e à clareza dos registros e (b) é suficiente para a análise” (idem).

Souza Júnior, Melo e Santiago esclarecem que:



[...] a análise dos dados, ainda que não se dissocie das demais fases, tem como objetivo compreender o que foi coletado, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e ampliar a compreensão de contextos para além do que se pode verificar nas aparências do fenômeno (SOUZA JÚNIOR; MELO; SANTIAGO, 2011, p. 32).

Nesta vertente de análise deve-se respeitar o **princípio da homogeneidade** para concretizar cada categoria, pois as categorias devem ser **exaustivas**, ou seja, devem dar conta de todo o material a ser analisado, se uma determinada característica não estiver incluída em uma categoria, deve-se criar outra categoria; **exclusivas**, pois os trechos analisados não podem se repetir em mais de uma categoria; **concretas** ao não serem expressas por termos que trazem muitos sentidos e **adequadas**, ou seja, as categorias devem ser adaptadas ao conteúdo e ao objetivo da pesquisa em estudo (GOMES, 2011, grifo nosso).

Souza Júnior, Melo e Santiago (2011) afirmam que a análise de conteúdo temático ocorre em duas etapas já que se constitui em “o inventário ou isolamento dos elementos e a classificação ou organização das mensagens a partir dos elementos repartidos” (2011, p. 32).

Na pesquisa qualitativa em Educação Física Escolar, quando utilizada a análise de conteúdo temática, é necessário destacar o objeto de estudo em questão como elemento central para a elaboração das categorias a serem analisadas, pois estas devem expressar uma “temática sintética acerca do que se deseja investigar, como também sua operacionalização, ou seja, como estes se expressarão” (SOUZA JÚNIOR; MELO; SANTIAGO, 2011, p. 33). Para os autores, “a categorização evidencia um caminho de ordenação da realidade investigada e na intenção de apreendê-la conceitualmente” (idem).

Partindo desse referencial de análise, foram realizadas as leituras cuidadosas do questionário inicial (QI), de cada diário de campo das professoras de Educação Física (DCEF) e de Geografia (DCG), e do questionário final (QF) bem como foram elaboradas as seguintes categorias: a) Conhecimentos e experiências prévias; b) Novos aprendizados e novas vivências e c) Tradução da Tradição.



4 CONHECIMENTOS, EXPERIÊNCIAS, NOVOS APRENDIZADOS E TRADUÇÃO DA TRADIÇÃO DAS DANÇAS TRADICIONAIS BRASILEIRAS

Foram elaboradas três categorias temáticas para análise e discussão, a saber:

A) Conhecimentos e experiências prévias

Ao apresentar a DE para as salas de aula, muitos/as alunos/as não a escolheram porque acreditavam que saias longas e o ritmo da batida no atabaque remetiam às macumbas e saravá. Em uma das apresentações o aluno perguntou se iríamos fazer ‘macumba’ e a professora de Geografia respondeu que iríamos estudar as religiões dentro das danças tradicionais e ele ficou sem resposta (DCEF).

Assim como, no final da apresentação ao descermos as escadas, uma professora nos viu com as saias longas e perguntou se na DE faríamos saravá e respondemos que realizaríamos danças e a religião estaria envolvida nesse estudo (DCEF).

O que nos mostrou esses relatos é que tanto o estudante quanto a professora associavam essas danças à macumba e ao saravá por tais manifestações envolverem uma questão racial em relação a quem as praticava. Como podemos observar no trabalho realizado por Guerra (2009) que demonstra que muitas das danças tradicionais brasileiras têm suas origens em matrizes africanas e de cunho religioso.

Dançar pode ser sagrado: o Jongo é uma dança de roda e de umbigada que veio com os africanos das regiões do Congo e de Angola, trazidos para o trabalho escravo na região sudeste brasileira. O Jongo, também chamado de Caxambu, é uma dança voltada para o divertimento, mas, é permeada por aspectos religiosos (idem, p. 3).

Os preconceitos apresentados nos relatos demonstram que ainda permeia na sociedade a questão de não participarem de danças de “cunho religioso, ou de batuque” como apresentado na pesquisa de Gularte e Finoqueto (2019, p. 227), na qual as autoras relataram que no projeto “Danças Populares Brasileiras”, as 12 participantes ao saberem que vivenciariam as danças do Samba, Jongo, Carimbó, Maracatu, Frevo e Samba de roda, interrogaram as autoras “sobre a natureza das

danças e sua forte relação com danças africanas e de cunho religioso” (GULARTE; FINOQUETO, 2019, p. 227) permanecendo somente uma participante.

Guerra (2009) ainda apresenta a descendência do Lundu ao mostrar um exemplo de como essas manifestações foram proibidas e como interferem até hoje ao adentrarem o ambiente escolar.

O Lundu, descendente direto dos batuques africanos, é considerado a primeira música afro-brasileira. A dança do Lundu de tão sensual que era, mexeu profundamente com os corpos e com a moral da sociedade do período colonial brasileiro. Desta forma, foi perseguido e proibido pela corte portuguesa e pelo clero, entretanto, como tudo que é forma de cultura popular continuou a ser dançado às escondidas (idem, p. 3).

Partindo desse fato, Gularte e Finoqueto (2019) colocam que essa situação enriqueceu e direcionou as práticas pedagógicas realizadas ao longo do projeto, pois:

[...] além de propor uma imersão em danças desconhecidas pela maioria das participantes, estávamos propondo o diálogo com as contribuições da matriz africana no que concerne à dança, pois são atravessamentos/contribuições imanentes ao dançar do povo brasileiro. O posicionamento e o enfrentamento tornaram-se inevitáveis, uma vez que se fez necessário problematizar por que ainda não reconhecemos as contribuições do povo africano como cultura (2019, p. 227).

Consequentemente, o discente e a professora que realizou tais comentários não reconheciam as contribuições do povo africano na cultura, pois consideraram tais manifestações de “cunho religioso ou de batuque” (GULARTE; FINOQUETO, 2019, p. 227). Ocorreu, dessa maneira, uma interferência e resistência no fato dessas danças não serem incluídas no currículo escolar pela maioria dos/as professores/as de Educação Física.

Além do preconceito, pudemos perceber a questão da timidez e da resistência sobre saber dançar, conforme identificado no diário: “Outros nos perguntaram se era necessário saber dançar para participar da DE. Respondemos que não, pois muitas danças tradicionais são comemorações que ocorrem em grupos onde integrantes dos grupos têm diversas funções como: preparação da comida, da festa, das vestimentas e adereços, e que tal dança não é somente movimento imitados pelos integrantes” (DCEF).



Os dados apresentados acima nos remetem a duas problemáticas: a primeira diz respeito à ausência da dança como conhecimento no componente curricular da Educação Física e a segunda se relaciona, quando está presente no processo de ensino e aprendizagem, à forma descontextualizada como é desenvolvida. Côrtes (2016) afirma que, especificamente em relação às danças tradicionais brasileiras, as mesmas aparecem como uma reprodução, uma cópia da tradição e não como uma “reelaboração total ou parcial das danças tradicionais” (CÔRTEZ, 2016, p. 17), o que se configura numa tradução dessas danças fundamentada em um processo de criação.

Do total de 24 participantes, 17 demonstraram conhecer alguma dança popular. Este fato foi identificado a partir das respostas dadas a segunda pergunta do QI, sendo este entregue aos/as discentes na primeira aula da DE com o intuito de verificar os conhecimentos prévios deles/as sobre o assunto. O Quadro 2 mostra as danças mencionadas:

Quadro 2 – Danças mais citadas pelos/as alunos/as do Ensino Médio

(continua)

DANÇAS	NÚMERO DE REFERÊNCIAS ÀS DANÇAS
Forró	10
Frevo	8
Samba	7
Quadrilha	7
Bumba meu boi	3
Maculelê	2
Pau de fita	2
Funk	2
Tango	2
Jongo	1
Samba de roda	1
Capoeira	1
Balainha	1
Dança de salão	1

Quadro 2 – Danças mais citadas pelos/as alunos/as do Ensino Médio

(conclusão)

DANÇAS	NÚMERO DE REFERÊNCIAS ÀS DANÇAS
Maracatu	1
Carimbó	1
Sertanejo	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Observando a frequência com que elas aparecem, o Forró, Frevo, Samba e a Quadrilha foram as manifestações que os/as discentes disseram ter tido mais conhecimento, pois tiveram experiências com tais danças no Ensino Fundamental.

A estudante Isaura escreveu que “*Sim forró, frevo e quadrilha. Quadrilha é uma cultura do Brasil que é celebrado todo ano*”. Outra contribuição vem da Caroline: “*forró, samba, funk. Forró sei que você tem um par para dançar em conjunto. Samba é uma dança sozinha, mexe os pés conforme a batida. Funk, dança individual que meche bastante o corpo principalmente a cintura*”.

Dentre as danças citadas pelos/as estudantes, como respostas ao que possuíam de conhecimento prévio sobre as danças populares, podemos notar que foram citadas danças que são consideradas tradicionais: Frevo, Samba, Quadrilha, Bumba meu boi, Maculelê, Pau de fita, Jongo, Samba de roda, Capoeira, Balainha, Maracatu, Carimbó, Forró e Tango.

De acordo com Garcez (2016), são consideradas populares as danças realizadas em “grupo, pares ou individuais, elas podem assumir diversos motivos, conforme o contexto e o objetivo. Algumas festivas, outras cerimoniais ou religiosas, elas podem ser praticadas durante o ano todo ou em alguma data especial” (p. 17). Por isso:

[...] através do conhecimento das nossas tradições podemos ressignificar, ou seja, criar novos sentidos para a compreensão da dança brasileira para além dos requisitos eurocêntricos, norte-americanos ou importados de modo geral. Compreendem-se as danças populares como Arte, com enfoque em uma educação celebrada no corpo dançante que resiste, de certa forma, ao tempo e à tradicionalidade. Elas estão relacionadas aos autos, aos folguedos, às danças dramáticas e as danças da tradição brasileira (GARCEZ, 2016, p. 17).

Garcez (2016) pontua que a dança popular na escola proporciona “uma discussão na Arte e na Educação quando tematiza tais danças como possibilidades de um educar que extrapola os meios convencionais do processo de ensino e aprendizagem da Educação Básica” (p. 18).

Outras danças citadas, como o Funk e o Sertanejo, também possuem como característica a expressão popular, no entanto essas danças não apresentam um caráter de tradicionalidade.

No que se refere às danças de salão, essa é uma nomenclatura usada para caracterizar um conjunto de danças de diferentes nacionalidades que, a maior parte delas, são consideradas danças tradicionais, como é o caso do próprio Tango Argentino, da Valsa Vienense, da Salsa, Merengue, *Foxtrot* etc.

Diante de tais citações, podemos destacar que os/as estudantes possuíam um conhecimento prévio sobre as danças que para eles/as são consideradas populares.

No relato das cinco alunas, observou-se que elas não conheciam as danças tradicionais brasileiras e colocaram como resposta as seguintes asserções: “*Não conheço nenhuma, porque eu não gosto de nenhuma*” (Manuela). Erica, Sah e Nanny responderam “*Não*” e a aluna Min disse: “*Não lembro*”. Estas assertivas demonstram que as discentes, no decorrer da Educação Básica no Ensino Fundamental nos anos iniciais e finais, não tiveram conhecimentos e experiências sobre as danças tradicionais brasileiras.

Sousa, Hunger e Caramaschi (2014) analisou o ensino da dança sobre a ótica dos/as professores/as de Educação Física e Arte que consideraram importante a abordagem na escola, mas encontram limites em desenvolvê-la por conta da timidez, da resistência e do desinteresse principalmente dos meninos. Nos relatos apresentados, tais elementos estão presentes também na concepção das meninas.

Para Böhm e Toigo (2012), existe o interesse por parte dos/as alunos/as em participarem de atividades relacionadas à dança, mas o preconceito, a timidez e a vergonha são elementos que os/as distanciam dessa vivência.

Isso pode ser verificado a partir da realização de uma “dinâmica em que deviam andar pela sala e jogar a bola de tênis um/a para o/a outro/a no ritmo da música “Três Raças” de Clara Nunes e ao parar com a bola diziam seu nome e a dança que gostam. Ao pararem, algumas alunas tinham vergonha de dizer sua



dança preferida. A dança mais citada durante a atividade foi o *funk*”. (DCEF), a Figura 1 mostra a atividade realizada.

Figura 1 – Levantamento de conhecimentos e de experiências sobre dança mencionados pelos/as discentes do Ensino Médio



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Duas participantes da DE relataram que estavam apreensivas, pois não queriam estar nela por terem vergonha e não gostarem de dançar. A aluna Tamara relatou que ela não havia escolhido a DE como primeira opção, enquanto a aluna Louise colocou que sua comunicação não era muito boa, por isso estava apreensiva.

Assim como a discente Louise que me relatou que “no início ela havia dito que não queria se apresentar na dança” (DCEF). A partir do momento em que iniciamos o nosso trabalho na DE, mostramos que o ensino e a aprendizagem das danças tradicionais não são meras reproduções e apresentamos atividades em grupo para reflexão.

Sborquia e Neira (2008) acreditam que ensinar Educação Física é “um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade por aqueles que a vivenciam” (p. 92). Portanto, as duas alunas descobriram, analisaram e transformaram a realidade que possuíam em relação ao ter vergonha e não gostar de dançar, proporcionando a elas, “valorização identitária, como também, a ampliação cultural e o reconhecimento das diferenças [...]” (idem).

Isto se comprova na observação registrada no diário em relação à Tamara: “Depois encontrei com ela em outro momento e ela disse que estava gostando da DE sim” (DCEF). E em relação a estudante Louise:



[...] ela disse que gostaria de se apresentar nas danças também. Fiquei bem feliz, pois no início ela havia dito que não queria se apresentar na dança, agora ela já mudou sua opinião [...] (DCEF).

As vivências realizadas por essas duas alunas, logo nas primeiras aulas, proporcionaram-lhes conhecimentos e experiências positivas com as danças tradicionais brasileiras e resultaram em mudanças de atitudes.

Nessa primeira categoria, apresentei os conhecimentos e as experiências prévias dos/as estudantes em relação às danças tradicionais brasileiras. Os dados mostraram que o preconceito, a timidez e o não gostar de dançar eram elementos bastantes presentes nas falas. No entanto, 17 pessoas, das 24 participantes da DE, conheciam alguma dança, o que nos mostra que elas estavam, de alguma forma, presentes em alguns contextos desse/as estudante/s.

B) Novos aprendizados e novas vivências

Ao apresentarmos a proposta da DE, verificamos que alguns elementos culturais presentes nas danças tradicionais brasileiras provocaram o interesse nos/as estudantes.

[...] Durante a apresentação da DE, entramos em todas as salas caracterizadas com saias compridas, flores no cabelo para representarmos as danças tradicionais das regiões brasileiras, em que os alunos, ao entrarmos nas salas, já olharam para nós com admiração dizendo que estávamos lindas [...] (DCEF).

Iniciamos apresentando o nome da DE intitulada “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens”, depois dissemos que iríamos “conhecer e estudar a herança cultural trazida pelos antepassados (avós, tataravós) de quem habitou as regiões a partir dos costumes, comidas típicas, festas populares e aprender sobre estas danças para que não ficassem esquecidas no decorrer dos anos” (DCEF). No trecho abaixo, trazemos o relato da professora Gê:

[...] Nós, professoras Gê⁴ e Ca⁵, nos apresentamos caracterizadas com vestimentas da dança tradicional brasileira como o Carimbó, portando nas mãos um cartaz com imagens de algumas danças tradicionais brasileiras.

⁴ Nome verdadeiro foi substituído por um fictício.

⁵ Nome verdadeiro foi substituído por fictício.



Os alunos foram receptivos, mostraram alegria e entusiasmo ao ver a vestimenta, alguns interagiram com a professora Ca ao responder alguns questionamentos em relação aos aspectos que irá ser estudado, como: citaram as regiões brasileiras, palpites de algumas danças – Frevo, Funk. Percebo que alunos que gostam de atividades ligadas ao movimento, corpo, comida, festa, sentiram-se motivados [...] (DCG).

A escolha pela DE, por 11 estudantes, ocorreu pelo fato de terem a curiosidade em conhecer novas danças e as culturas existentes no Brasil, vejamos alguns exemplos:

[...] Legal, irei aprender sobre algumas danças [...] (Min).

[...] Porque queria conhecer as culturas do Brasil [...] (Beatriz).

[...] Legal, pois vou conhecer coisas e movimentos novos [...] (Evily).

A aluna Luana demonstra seu interesse em ver e aprender sobre outras culturas para quando tiver a oportunidade de estar em outro estado, já estar familiarizada com os costumes daquele lugar.

Os elementos das culturas populares, segundo Côrtes (2003), são conhecimentos essenciais para que os grupos que a produzem se orientem no mundo, agindo, sobrevivendo e se comunicando e é uma forma de representação e de identidade cultural. Esses elementos estão relacionados às diversas expressões artísticas como formas de produção de artesanato e artefatos, culinária, músicas e danças. Assim, o interesse em conhecer danças, que fazem parte da cultura do nosso país, proporciona:

[...] levar o aluno, ao longo de sua escolarização e após, a melhores oportunidades de participação [...], assim como as possibilidades concretas de intervenção e transformação desse patrimônio humano relacionado à dimensão corporal e ao movimentar-se (...) (SÃO PAULO, 2011, p. 224).

Este objetivo ofereceu aos/às estudantes várias possibilidades que, confrontadas ou misturadas com a cultura corporal de cada um/a, são capazes de fazê-los/as “refletir sobre seus corpos, seus movimentos, suas relações, suas criações” (CORRÊA; SANTOS, 2014, p. 523).

Se o lugar da cultura popular e da festa é o cotidiano, a escola deve fomentar um projeto político pedagógico que incorpore essas diversas formas de conhecimento, pois:



De Norte a Sul, de Leste a Oeste, quer no meio rural, nas pequenas, médias e grandes cidades; o Brasil tem uma riqueza indescritível de manifestações culturais, pequenos gestos e práticas envolvendo uma quantidade significativa de pessoas, por meio das quais se expressam os saberes populares, práticas criativas, práticas rituais e propiciatórias, diversidade de linguagens e crenças (PESSOA, 2019, p. 34).

É indiscutível a necessidade de considerarmos as danças tradicionais brasileiras como uma manifestação da cultura popular que beneficia novos conhecimentos e que “não se pode restringir o acesso dos alunos ao patrimônio cultural brasileiro representado pelo estudo e vivência das danças brasileiras tradicionais ou folclóricas” (CÔRTEZ, 2016, p. 16).

Portanto, ao proporcionarmos uma DE com as manifestações populares, possibilitamos o acesso a grande diversidade do patrimônio cultural brasileiro no ambiente escolar. Isto pode permitir aos/as discentes produzirem novos conhecimentos e vivências tornando-se produtores da nossa cultura. Pois, de acordo com Brasileiro, “acreditamos na importância de recuperar danças que configurem a história da nossa região e nos permitam uma localização como produtores de nossa cultura” (2003, p. 54).

A cultura popular ao adentrar a escola apresenta-se como “filha direta dos gestos, e é nos gestos que pode ser reconhecida” (PESSOA, 2019, p. 5). Ao permitir aos/as estudantes serem produtores de cultura, estamos proporcionando que recriem ou imprimam maneiras singulares de se manifestarem (PESSOA, 2019).

A cultura popular ao reforçar a especificidade de um local, está proporcionando uma “construção de saberes que são vividos em gestos de partilha entre iguais antes de serem trocados e comunicados” (PESSOA, 2019, p. 64).

Ao planejarmos a DE, colocamos como principal desafio o “como planejar atividades que deixassem os alunos motivados em relação à Geografia e à vivência das danças tradicionais de uma forma que percebam que é necessária responsabilidade, respeito em relação à função de cada um dentro da dança tradicional” (DCEF).

A partir de tais reflexões, apresentamos na primeira aula a Árvore Genealógica de cada uma das professoras para que os/as participantes entendessem como deveriam descrever a sua. No DCG, encontramos registrado que “no *slide* foi apresentada a Árvore Genealógica das professoras para sensibilizá-los/as sobre a influência cultural, religiosa, costumes e danças presentes no meio



onde vivemos, sendo reflexos das correntes migratórias externas e internas que foram e são responsáveis pela diversidade étnica, cultural, religiosa do país em que vivemos e de nosso município”.

Os/as estudantes levaram para casa um modelo da Árvore Genealógica e tiveram que perguntar aos/as seus/as avós, bisavós, tios/as, pais sobre as suas origens, de que país, cidade vieram, bem como seus costumes, comidas típicas, danças e religião e entregaram na aula em que construímos o fluxo migratório. A atividade e o interesse em conhecer e identificar de onde vieram seus familiares estão expressos no relato: “iniciamos a aula em círculo na quadra para a professora de Geografia explicar como a atividade de construção do fluxo migratório iria acontecer” (DCEF).

“Dividiram-se em grupos em que eles conversaram e expuseram as origens de suas famílias, costumes, danças, comidas e religiões praticadas por eles. [...] Enquanto eu estava em um dos grupos, uma das integrantes, Estellar, questionou o porquê dessa atividade e eu expliquei que era para conhecerem suas origens, saberem de onde vieram para, a partir daí, realizarmos a escolha das nossas danças tradicionais. Após a conversa, os grupos foram para os mapas que estavam expostos no chão da quadra e começaram a construir as linhas migratórias de seus familiares a partir da Árvore Genealógica” (DCEF).

“Os alunos compartilharam em grupo suas pesquisas em relação as suas origens, comidas, religião, danças. Dois grupos não conseguiam perceber a influência de seus familiares nas coisas do dia a dia, nós professoras tivemos que intervir e mediar a conversa, a fim de fazer com que reconhecessem na vida diária dos familiares a influência da cultura, religiosidade, alimentação, danças que herdaram de seus antepassados” (DCEF).

Na sequência, os/as alunos/as indicaram com uso de linhas as origens internas e externas de seus familiares. Com a construção do fluxo migratório pronto, os Mapas Mundi e do Brasil ficaram com as seguintes configurações: no Mapa Mundi, os/as antepassados/as. Em sua maioria, vieram do continente Europeu, principalmente Itália e Portugal como podemos ver na Figura 2. No Mapa do Brasil, veio de diversas regiões entre elas Sul, Sudeste e Nordeste destacando-se os estados do Paraná, Minas Gerais e Bahia como nos ilustra a Figura 3.

Figura 2 – Mapa Mundi e antepassados/as dos familiares dos/as alunos/as do Ensino Médio



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Figura 3 – Mapa do Brasil e antepassados/as dos familiares dos/as alunos/as do Ensino Médio



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

A BNCC estabelece uma relação entre o que é “básico – comum e o que é diverso em matéria curricular: as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos” (BRASIL, 2018, p. 11). Estabelece seu compromisso com a educação integral, pois:



Cabe às escolas de Ensino Médio contribuir para a formação de jovens críticos e autônomos, entendendo a crítica como a compreensão informada dos fenômenos naturais e culturais, e a autonomia como a capacidade de tomar decisões fundamentadas e responsáveis. Para acolher as juventudes, as escolas devem proporcionar experiências e processos intencionais que lhes garantam as aprendizagens necessárias e promover situações nas quais o respeito à pessoa humana e aos seus direitos sejam permanentes. (BRASIL, 2018, p. 463).

Essa atividade elucidou que podemos realizar práticas que envolvam especificidades dos diferentes componentes, neste caso a Educação Física e a Geografia, de maneira interdisciplinar e dialógica. Ela também atendeu a competência geral dois proposta na BNCC que traz a necessidade de:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (BRASIL, 2018, p. 09).

Ao considerarmos os conteúdos de áreas distintas desenvolvidas em uma mesma atividade, analisamos o interesse provocado nos/as discentes quando realizada uma atividade na qual tiveram que descobrir e identificar as regiões do Brasil de acordo com suas manifestações populares e comidas típicas. Como nos apontou o DCEF:

[...] No início, eles apresentaram dificuldades em localizar as regiões do Brasil no mapa, bem como identificar e descobrir de quais regiões as manifestações faziam parte. Em um segundo momento, os grupos participaram da Gincana das danças tradicionais e foi entregue a eles nomes de diversas danças, na qual conversaram e discutiram com seus pares nos grupos para saberem de quais regiões eram, e depois deviam ir até os mapas que estavam expostos no chão da quadra e colocar os papéis correspondentes nas regiões que achavam que era [...].

“No término, dissemos que iríamos conferir quais grupos tinham realizado o maior número de acertos e que na próxima aula premiaríamos o 1.º e 2.º lugar com acessórios típicos das regiões, escolhemos por pulseiras com sementes que é um dos acessórios da dança” (DCEF).

“Os/as alunos/as mostraram-se entusiasmados e muito confusos/as em verificar muitas danças as quais nunca tinham ouvido falar” (DCG). As danças tradicionais apresentadas pelas professoras para que fossem localizadas no Mapa do Brasil foram as que se apresentam no Quadro 3:



Quadro 3 – Danças a serem localizadas no Mapa do Brasil

REGIÃO	DANÇAS
Norte	Boi Bumbá e Marujada.
Nordeste	Quadrilha, Capoeira, Frevo e Maracatu.
Centro-Oeste	Cavallhada e Recortado.
Sudeste	Cateretê e Lundu.
Sul	Chula, Fandango, Chimarrita e Grupos folclóricos alemães, italianos e poloneses.

Fonte: Elaborado pela professora Gê.

Mostramos, na Figura 4, a configuração de um dos mapas identificando a origem das danças propostas pelas professoras.

Figura 4 – Mapa do Brasil com a distribuição das danças tradicionais brasileiras apontadas pelos/as alunos/as do Ensino Médio



Fonte: Fotografia tirada pela autora.



Assim, propusemos a mesma atividade na aula seguinte com os objetivos de entender e conhecer alguns dos costumes das regiões brasileiras com uma “Gincana das comidas típicas brasileiras”, a partir da localização e da identificação no mapa da região, dos alimentos e das comidas correspondentes.

[...] os alunos conversaram e pesquisaram no celular as comidas e suas regiões. Na sequência, iniciou a gincana com a participação de todos os alunos que se mostraram motivados em tentar localizar de forma assertiva [...] (DCG).

[...] e ao final, pedimos que todos fossem aos seus mapas e corrigissem onde colocaram as comidas típicas, os grupos contaram seus erros e acertos, procuraram no mapa as regiões se tinham colocado certo, tiveram interesse em saber perguntando à professora Gê como estavam divididas as regiões do Brasil [...] (DCEF).

A atividade evidenciou que a maioria não conhecia e nunca havia experimentado muitas das comidas típicas apresentadas na aula. Assim tivemos a ideia de premiar, não só o grupo que havia ganhado a gincana, e sim, a turma toda com vários pratos das regiões brasileiras. Na aula seguinte, montamos uma sala com acarajé, abará, pamonha, pizza, caju, pequi, açaí e cuscuz como nos apresenta a Figura 5.

Figura 5 – Comidas e bebida típicas das regiões brasileiras



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

“As alunas estavam ansiosas em saber quem tinha ganhado a gincana das comidas típicas das regiões, passamos à elas a pontuação das equipes e dissemos que iríamos todos para a biblioteca onde estariam as explicações das comidas típicas de cada região do Brasil. Elas foram lendo as fichas informativas das comidas e logo após houve a degustação das comidas em que dissemos para eles se abrirem ao novo e experimentarem comidas novas que não conheciam. Algumas gostaram, outras não gostaram e jogaram o acarajé dizendo que acharam o gosto



estranho” (DCEF). Ao entendermos a escola como um “espaço determinado socialmente para a produção, reconstrução e ampliação cultural” (SBORQUIA; NEIRA, 2008, p. 92), os aprendizados proporcionados podem se tornar significativos.

Notamos que os/as estudantes foram capazes de aprender com as novas experiências, as quais marcaram seu repertório cultural, pois acreditamos que:

É possível propiciar situações de aprendizagem que favoreçam a exploração das potencialidades de cada indivíduo em prol da construção de conhecimento relacionada ao corpo e do convívio no coletivo, numa perspectiva criadora e cooperativa (CORRÊA; SANTOS, 2014, p. 523).

Quando problematizamos as diversas manifestações populares, valorizamos as identidades, a ampliação cultural e o reconhecimento das diferenças, assim contribuímos para um diálogo cultural que promoverá a construção do “autoconceito positivo e respeito para com o outro, elementos indispensáveis a uma relação verdadeiramente democrática” (SBORQUIA; NEIRA, 2008, p. 92).

C) Tradução da Tradição

A elaboração da categoria ocorreu a partir das conversas, discussões sobre os conhecimentos por meio de pesquisas, vivências das manifestações populares, escolhas, formas de apresentação, confecções de figurinos e o desenvolvimento dos processos de criação para a Culminância. Elencamos também como os/as discentes descreveram a sua própria participação na DE e suas percepções ao se apresentarem na Culminância.

De acordo com Sborquia e Neira, quando tematizamos a dança, as atividades didáticas preveem “situações de estudo e análise histórica da modalidade” (2008, p. 90) que nessa categoria apareceu a partir do momento em que propusemos que “se dividissem em grupos e pesquisassem as danças das regiões brasileiras em sites como conhecendo o Brasil, colocassem as manifestações na folha de almoço escolhendo duas que chamaram mais sua atenção para pesquisarem a fundo sua origem, vestimenta, passos e em que momento ela é praticada, registrar a pesquisa e entregar para nós” (DCEF).

Ao iniciarmos o processo de estudo e análise histórica das danças pelos/as participantes da DE, desenvolvemos o processo da Tradução da Tradição que



marca o trajeto inicial dessa metodologia, pois Côrtes (2016) nos alerta que “a pesquisa de campo marcará o trajeto inicial da obra instaurado pelo estudo da fonte, cujos conteúdos definirão o percurso de todo o trabalho coreográfico, em maior ou menor intensidade de tradução” (p. 24).

Desta maneira, a nossa pesquisa de campo começou quando “[...] os alunos realizaram a pesquisa de todos os estados brasileiros [...], muitas das danças eram desconhecidas e alguns grupos mostram-se espantados pelo número de danças da região nordeste. Cada grupo escolheu uma ou mais dança para aprofundarem a pesquisa, através de registros” (DCG).

Os registros escritos realizados pelos/as estudantes continham informações como as regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) nos quais colocaram as manifestações encontradas em cada estado que formam essas regiões. A partir desse conhecimento prévio, nossa pesquisa de campo continuou quando pedimos que eles/as escolhessem duas danças que despertaram interesse e que realizassem um estudo sobre suas características como formas de dançar, músicas, vestimentas e acessórios. Depois, deveriam entregá-la às professoras no final da aula.

Com esse registro em mãos, durante nosso alinhamento da DE quando conversávamos e elaborávamos as atividades semanalmente, pesquisamos vídeos das danças escolhidas na aula anterior.

Após a escolha dos vídeos pelas professoras, a aula ocorreu da seguinte maneira: “Passamos para a turma vídeos curtos apresentando as danças tradicionais que pesquisaram na semana passada para que todos vissem como dança; foram 10 danças sendo Coco de roda, Jongo, Carimbó, Catira, Milonga, Frevo, Maculelê, Samba, Samba de roda, Balainha [...]” (DCEF).

Ao continuar a aula, conversamos sobre a nossa Culminância, se eles/as preferiam uma dança ou mais de uma. Pedimos assim as ideias que tinham em mente, sendo uma delas apresentada a seguir:

[...] a aluna Estellar expôs aos colegas a ideia [...] poderíamos começar com um teatro musical iniciando com o Maculelê e depois contar a história de como surgiram as danças tradicionais que vamos escolher, os colegas gostaram da ideia [...] (DCEF).

Após assistirem aos vídeos, a partir da ideia proposta pela aluna Estellar, os/as discentes decidiram pela seguinte ordem e danças: “Teatro do Maculelê, a



apresentação do Carimbó, da Balainha, do Frevo e do Samba de Roda em que todos/as os/as integrantes estariam presentes no palco e realizariam o fechamento com a entrega de uma comida típica de uma das regiões do Brasil” (DCEF).

Como uma segunda etapa do processo da Tradução da Tradição (CÔRTEZ, 2016), a partir das considerações apresentadas “a organização do trabalho e o eixo estrutural da composição na realização da obra que foram elementos singulares existentes em todo o processo, a partir de uma escolha pessoal mediada pelo artista-tradutor-professor” (p. 24).

Os/as alunos/as da DE que decidiram, a partir dos vídeos assistidos, pelas danças que vivenciariam e apresentariam na Culminância. A partir do estudo e da análise histórica das danças escolhidas pelos grupos, partimos da ideia da aluna Estellar que propôs uma vivência do Maculelê para a DE com o intuito de que todos/as conhecessem a história da manifestação, bem como tivessem ideias para o teatro.

A aluna Estellar conhecia um Mestre de capoeira que desenvolvia o Maculelê em suas aulas, pedi a ela o contato do Mestre para que combinássemos o dia da prática. A relevância de tal convite consistiu em trazer a comunidade para o ambiente escolar e isso permitiu que os/as estudantes conseguissem (re)significar o aprendizado e valorizar a prática, pois:

[...] o Brasil é um país com vasto acervo cultural e os currículos escolares devem compreender essa exigência, elaborando propostas que atendam às necessidades e respeitem a diversidade presente no território brasileiro. Sobretudo, é importante valorizar as singularidades, para que se possa promover a democratização do ensino, ressaltando que nos saberes peculiares é que se assegura a pluralidade (SCHILDBERG; DUARTE ABDALA, 2019, p. 18).

A vivência foi realizada com a visita do Mestre V⁶. “Ele contou a história de como surgiu a manifestação, todas estavam sentadas na arquibancada prestando atenção no relato oral do Mestre que apresentou à turma sua opinião sobre a cultura popular em que acredita que deve ser passado para os/as adolescentes para conhecerem sua história de vida, de onde vieram para se conhecerem e terem orgulho de suas origens. A partir desse ponto, explicou que existem várias origens para o Maculelê. Uma delas é que ele foi um homem fugido que morava em uma

⁶ Nome verdadeiro foi substituído por fictício.



tribo indígena e um dia todos os homens saíram para caçar, ficando somente ele na tribo junto com as mulheres e crianças. Essa tribo foi atacada por uma tribo inimiga e ele foi tentar defender com dois bastões as mulheres e crianças. A partir daí, esse homem ficou conhecido como Macu (guerreiro) Ielê (bastões)” (DCEF) portanto, a atividade mostrou “[...] compreensão do seu significado no contexto social de origem” (SBORQUIA; NEIRA, 2008, p. 90).

A partir da compreensão de quem foi o Maculelê, o Mestre V pediu “para que todos fossem para o centro da quadra, pegassem dois bastões, formassem filas e explicou como ocorria as batidas dos bastões, seu ritmo e o passo realizado com as pernas ao bater os bastões. Sempre ao trocar de atividade, falava da importância de nunca desistirem de seus sonhos e aproveitarem a oportunidade para estudar e conhecerem sua cultura, suas origens que ele não teve essa opção quando adolescente” (DCEF).

Podemos vislumbrar a prática do Maculelê com o Mestre V nas Figuras 6 e 7.

Figura 6 – Conhecendo e vivenciando os movimentos da dança Maculelê com o Mestre V



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

De fato, esta experiência permitiu que os/as alunos/as conhecessem a dança e realizassem a roda com movimentos criados por si mesmo/as que, como comprovam Schildberg e Duarte Abdala (2019, p. 5), dançar é “poesia anunciada pelo corpo, nesse contexto, é a fé em movimento que resiste, e com ela cânticos de labuta e da vida desses povos”.

Figura 7 – Processo de tradução da dança do Maculelê



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Com essa vivência, estabeleceu-se um diálogo harmonioso entre cultura popular e a educação já que “a vida em sociedade cria a cultura que, por sua vez, cria a educação” (PESSOA, 2019, p. 103). Portanto, cabe à escola proporcionar o aprendizado de manifestações populares.

A partir da vivência do Maculelê, passamos para a prática das danças escolhidas com vídeos e observamos os passos que estavam presentes para, posteriormente, decidirmos as danças a partir de interesses comuns “Tal vivência foi produtiva, prazerosa no sentido de que a partir das práticas conseguiram e puderam escolher de quais danças gostariam de participar” (DCEF).

Assim, realizamos “a separação dos grupos que decidiram pelas danças e começaram a conversar entre si para decidirem a música, os movimentos que iriam realizar, como iniciariam as apresentações. Os grupos começaram a se reunir, sendo que eu como professora de Educação Física, fiquei responsável em passar por cada grupo para orientá-los, observando como cada grupo se organizou, enquanto que a professora Adriana ficou responsável em orientar o grupo da decoração, pois começaram a conversar, discutir ideias para o cenário da Culminância” (DCEF).

Evidenciamos que o processo de criação com a cultura popular estudado a partir da “metodologia da Tradução da Tradição” (CÔRTEZ, 2016) acontece da seguinte maneira,

Será através de todo processo de criação, a repetição, os ensaios, a memorização de todos os detalhes e a concretude da obra, que o artista-tradutor apresentará o produto da obra, de seu estado de fonte para o resultado final. Na metodologia da Tradução da Tradição poderemos



argumentar que todo o trabalho artístico construído será caracterizado por certa instabilidade, por ser um processo mediador, não apenas entre duas culturas espacialmente distantes, mas também entre momentos históricos muitas vezes diversos. É neste espaço simbólico e temporal, caracterizado pelas escolhas do artista-tradutor, que será desenvolvido o trajeto da interpretação no trabalho artístico de tradução (CÔRTEZ, 2016, p. 24).

Nota-se que o conhecimento tradicional foi revisitado pelos grupos que escolheram as danças tradicionais e iniciaram os processos de tradução delas para as apresentações, como constatamos no DCEF: “Grupo 1 – Maculelê: alunas já se organizaram, começaram a ensaiar as músicas, a dramatização e a coreografia da dança, quando surgia alguma dúvida elas paravam e conversavam entre si para retirar as dúvidas. [...] começavam a ensaiar em duplas para pegarem o ritmo dos bastões, e junto cantavam as músicas com o acompanhamento do atabaque tocado por um dos integrantes do Mestre V que apresentou a prática do Maculelê”. Como podemos observar na Figura 8.

Figura 8 – Tradução do Maculelê com as alunas do Ensino Médio



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Destacamos que, ao conhecerem e vivenciarem o Maculelê, as participantes puderam conhecer a origem desta dança tradicional a partir das referências do Mestre V para, posteriormente, realizarem a tradução dessa tradição, a dramatização da história e a apresentação de uma coreografia com a música “Boa noite pra quem é de boa noite”⁷. Este constituiu-se em “um percurso metodológico para trabalhos artísticos em danças brasileiras através da tradução cênica de manifestações tradicionais culturais” (CÔRTEZ, 2016, p. 15).

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d9xSoq_g-5Y



Ao escolher a forma da apresentação do Maculelê, as estudantes traduziram e, de acordo com Brasileiro (2003, p. 55), conseguiram “conhecer, interpretar e compreender os sentidos e significados” dessa manifestação popular.

O processo de criação da Balainha se iniciou com uma pesquisa em diversos sites como, por exemplo, o BrasilEscola, que identificaram que ela é apresentada em duplas, possui arcos floridos como implementos e saias cumpridas. Após, assistiram a vídeos para verificar os movimentos e gestualidades específicas da manifestação e tomando por base esses movimentos a ressignificação da dança começou.

O “Grupo 2 – Balainha” também começou a pensar de qual cor decorariam os arcos, se colocariam flores brancas e vermelhas, ou somente uma cor. Escolheram a música e os pares que dançariam juntos. Helena Maria e Evilly começaram a ensaiar e explicar os passos que haviam pensado para as colegas, se estas concordavam ou não com o que foi mostrado, as alunas disseram que sim e era para ensaiar todas juntas para ver como ficaria” (DCEF). O registro do ensaio pode ser visto na Figura 9.

Figura 9 – Balainha com as discentes do Ensino Médio



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

A partir do momento em que as alunas assistiram ao vídeo de uma apresentação de Balainha, classificaram-na como uma “dança bonita e diferente” (DCEF), observei que houve interesse por tal manifestação.

Para Pessoa (2019, p. 2), “o processo de aprender se dá pela motivação, encantamento, vontade de acompanhar o grupo, sonhando ser um deles”. Assim ocorreu a aprendizagem dessa manifestação pelas estudantes, em que escolheram



as cores da roupa, das flores que enfeitam o arco, bem como a escolha da música “Balainha⁸”. Verificaram quais eram os movimentos específicos da dança e outros que colocaram em sua coreografia, pois como reforçam Sborquia e Neira:

[...] o gesto fomenta o diálogo por meio da produção cultural, por meio da representação de cada cultura. Se o gesto transmite um significado cultural, o que importa é empreender situações didáticas que ajudem os alunos a lerem e interpretarem a gestualidade que caracteriza as danças folclóricas e populares. Ou seja, trata-se de ocasiões importantíssimas para compreender as identidades dos diversos grupos que produziram e reproduziram esses artefatos culturais (2008, p. 91).

As alunas, que escolheram o Carimbó, pesquisaram no site BrasilEscola que este é considerado um gênero musical de origem indígena, com influências da cultura negra e portuguesa. Nas apresentações do Carimbó, os homens vestem blusas lisas ou estampadas, acompanhado de calça sem estampas: eles não se esquecem do lenço adornado ao pescoço, do chapéu de arumã e os pés ficam nus. As mulheres trajam blusas que deixam ombros e abdômen às vistas, adornos confeccionados com sementes da região, saias amplas ou franzidas, repletas de cores e estampas. Arranjos florais são dispostos sobre as cabeças e elas igualmente aos homens, dispensam sapatos.

Durante o ensaio do “Grupo 3 – Carimbó”, tive que permanecer um bom tempo orientando para escolherem a música, os passos, como ficariam dispostos [...], pois se distraíam com facilidade” (DCEF). Na Figura 10, podemos observar um momento do processo de criação.

Figura 10 – Processo de criação do Carimbó e suas figuras com as alunas do Ensino Médio.



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_5H8AjwvUc

Constatamos que a escolha pelo Carimbó aconteceu logo no início, quando assistimos aos vídeos das danças escolhidas pelos grupos: “Percebi que no Carimbó, Frevo o/as aluno/as ficaram empolgados e gostaram do ritmo” (DCEF), entretanto para a escolha da música, dos passos, das roupas, foi necessária a mediação da professora ao decidirmos pela música “Ai Menina”⁹, pelas saias em chita, mesmo tal ritmo tendo despertado o interesse no grupo.

No EMTI, os/as docentes devem desenvolver nos/as estudantes autonomia sobre a sua aprendizagem, realizando uma prática pedagógica “no sentido de apontar caminhos, estratégias, formas de interação e mediação, sensibilização” como nos coloca Chicon, Sá e Fontes (2014, p. 15).

À medida que apontarmos caminhos, estratégias e formas de mediação, proporcionamos ao/a estudante um processo de aprendizagem dessa autonomia, o que ocorreu com as/o alunas/o que escolheram o Carimbó, pois, necessitaram da mediação para que o processo de criação ocorresse. O/a docente deve estar preparado/a não apenas para “propor, mas também para perceber as formas de expressão corporal do outro, para atender à sua demanda, para ser um companheiro presente em ajudá-las a superar as dificuldades com as quais se deparam” (CHICON; SÁ; FONTES, 2014, p. 17).

Com essas observações, podemos constatar que no processo de criação “não há uma ordenação ou uma cronologia possível de ser elaborada como um processo único” (CÔRTEZ 2016, p. 16). O Grupo 3, somente depois de assistirem aos ensaios dos Grupos 1, 2 e 4 que “se sentiram na responsabilidade de melhorar a sua apresentação e decidiram ensaiar no horário de almoço”.

As alunas que escolheram o Frevo pontuaram que ele é uma dança tradicional do carnaval de rua das cidades de Recife e Olinda. Existem três tipos de frevos: frevo de rua – não é cantado; frevo canção – orquestrado e frevo de bloco – cantado. Elas, além de realizarem pesquisas no Brasil Escola, consultaram “Aprenda a dançar passos de frevo” para conhecer os passos característicos dessa dança, os quais serviram de ponto de partida para o processo de criação da tradução da manifestação.

O “Grupo 4 – Frevo” “marcou o ensaio no horário de almoço, pois os participantes faziam parte de outras danças” (DCEF), porém esse grupo ensaiava

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cQg8tk4D5A8>

sempre no horário combinado e conseguiram entrar em acordos em relação à música escolhida, “Cabelo de Fogo”¹⁰, e passos do frevo que colocariam na coreografia. Na Figura 11, vemos a pose final do grupo.

Figura 11 – Pose final da dança Frevo com as alunas do Ensino Médio



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Verificamos que os processos de criação orientados para uma “reelaboração total ou parcial das danças tradicionais” (CÔRTEZ, 2016, p. 16), estavam ocorrendo em alguns grupos de forma mais autônoma e em outros, com a mediação da professora. De acordo com Chicon, Sá e Fontes (2014), o processo da mediação é decisivo, uma vez que:

[...] o professor deve atuar com uma preocupação em atender às diferenças e, para cumprir esse papel, precisa agir como mediador nas relações dos alunos consigo mesmo, com os colegas e com os objetos, ajudando-os a superar as dificuldades que emergem do processo ensino-aprendizagem e orientando-os para que atinjam níveis de independência e autonomia (2014, p. 19).

Notamos ainda que a professora Gê precisou estar sempre junto ao grupo responsável pela decoração para que as integrantes realizassem as atividades que elas mesmas haviam proposto, pois para elas o que fosse mais fácil estaria ótimo, como podemos observar “A professora Gê estava sempre junto com as alunas da decoração orientando, organizando tal grupo, pois, por elas serem as responsáveis pela decoração, queriam o que era mais fácil e prático, não dando trabalho à elas” (DCEF).

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZINcYbcxQhE>

Ao mediar a situação, foi proporcionado que as alunas se deparassem com suas dificuldades, assim como percebessem que as três precisavam uma da outra, possibilitando uma independência e autonomia para resolver e decidir como concluiriam a decoração.

Colocamos em destaque a dedicação de Lize que colou os retalhos no mapa do Brasil - como sugerido pelo grupo - que compôs a decoração no dia da Culminância. Conforme ilustrado na Figura 12.

[...] A aluna Lize se empenhou muito e mostrou-se motivada, enquanto a Lívia encarregou-se de montar as letras para escrever no painel os nomes das danças tradicionais, com total autonomia. Foi um trabalho que contou com a participação da professora Ca, após o término dos ensaios. A aluna Manoela que estava ensaiando a apresentação também colaborou com a montagem após o término do ensaio. As demais alunas também ficaram ajudando no término até colarmos as letras e o mapa no TNT [...] (DCG).

Figura 12 – Mapa confeccionado com retalhos de tecido



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Evidenciou-se, nessa categoria, que o processo de criação revelou como as danças tradicionais foram ressignificadas pelos grupos, já que cada um adquiriu responsabilidade ao longo do processo. A responsabilidade foi adquirida mediante o processo de criação e constatou-se que:

Nesse sentido, fazer teatro, música, poesia ou qualquer outra modalidade de arte é construir, com cacos e fragmentos, um espelho onde transparece, com as suas roupagens identificadoras particulares, e concretas, o que é mais abstrato e geral num grupo humano, ou seja, a sua organização, que é condição e modo de sua participação na produção da sociedade. Esse é a meu ver, o sentido mais profundo da cultura, “popular” ou outra (ARANTES, 1998, p. 78).



Assim, por meio de atividades criativas é que o grupo consegue se relacionar e socializar sendo o corpo um “veículo de expressão, comunicação, apreensão e compreensão de uma realidade” (GARIBA; FRANZONI, 2007, p. 157).

Böhm e Toigo (2012, p. 159) enfatizam que “a dança pode proporcionar diferentes experimentações corporais e integradoras”, nas quais os participantes podem, além de vivenciá-las, adaptá-las e torná-las “acessível a todos que, de alguma forma, se abram e permitam a experimentação e vivência da mesma” (p. 159). Portanto, a DE proporcionou aos/as estudantes uma vivência a partir da qual organizaram e adaptaram as danças tradicionais para a realidade da escola.

É notória a construção de novos conhecimentos como a contribuição da aluna Louise: “[...] aprofundei e conheci novas culturas e fiquei mais próxima das professoras, a DE superou minhas expectativas, foi tudo maravilhoso”. Comparando à pesquisa de Lima e Frota (2007), foi possível perceber que os alunos são receptivos às aulas de dança e se aproximam afetivamente do professor. Foi o que aconteceu com a aluna Louise que se sentiu mais próxima de nós. A discente Helena Maria disse que “a DE danças populares me proporcionou vários conhecimentos sobre as diferenças culturais das regiões”.

Portanto quando se propôs uma intervenção pedagógica destinada à utilização e à disseminação dos bens culturais, promoveu-se “uma experiência multidimensional, para tanto, estas práticas aplicadas aos conteúdos relacionados à cultura corporal do movimento, neste caso, a dança, é de extrema significância” (SCHILDBERG; DUARTE ABDALA, 2019, p. 4).

Ao apresentarmos as danças tradicionais aos/as adolescentes, contribuímos para suavizar uma fase de turbulência pela qual passam, pois reconhece-se a adolescência como uma fase criada historicamente pelo homem, como “representação e enquanto fato social e psicológico. É constituída como significado da cultura, na linguagem que permeia as relações sociais” (SOUSA; CARAMASHI, 2011, p. 620).

Com as danças tradicionais, como conhecimento dentro do espaço da escola, a turma da DE teve a oportunidade de conhecer e valorizar elementos da cultura de determinada região, como podemos observar em algumas falas:

[...] Bom, chegou o dia de alegria, o dia da Culminância, bom a DE foi muito boa aprendi diversas danças que eu nem sabia que tinha e de diversos estados [...] (Barretão).

[...] A DE me ensinou muitas coisas novas culturas, novas danças etc. [...]
(Beatriz).

Os elementos verificados constituem-se em “um amplo conjunto de valores e práticas, com algumas possibilidades de classificação e aglutinação” como nos aponta Pessoa (2019, p. 7).

Já a aluna Lívia mostrou que transformou seu gosto pela dança e acessou outros conhecimentos: “bom, no começo da DE, não achei muito legal por eu não gostar de danças, depois vi que não era só a dança, envolvia outras coisas. A DE foi legal, gostei, ela mostrou um pouco mais das culturas de cada região”. Para o aluno 0906, a DE foi interessante, pois “aprendemos várias culturas diferentes e danças também, fora as comidas e os costumes, gostei de me apresentar dançando Carimbó”.

A partir das colocações citadas, conclui-se que as danças tradicionais apresentaram um “conhecimento acessível e significativo para os sujeitos” (GULARTE; FINOQUETO, 2019, p. 230), posto que o objetivo da Educação Física no Ensino Médio é proporcionar aos/as discentes a compreensão das características comuns e específicas das manifestações a partir de processos que possibilitem a construção de práticas criativas na interpretação das danças tradicionais brasileiras.

5 CONSIDERAÇÕES

A presente pesquisa teve como objetivos identificar e compreender os significados de uma prática pedagógica de ensino e aprendizagem das danças tradicionais brasileiras no Ensino Médio a partir dos questionamentos: É possível desenvolver aulas construindo uma proposta pedagógica dialógica e colaborativa na qual ocorra uma participação efetiva dos/as estudantes nas atividades propostas? Podemos torná-los/as protagonistas no processo de ensino e aprendizagem? Constatamos o resultado satisfatório deste trabalho, posto que as danças tradicionais se apresentaram como conhecimento acessível e significativo para os sujeitos da pesquisa.

Iniciada a proposta pedagógica com as danças tradicionais, verifiquei a apreciação pela atividade, apesar da vergonha de se expressarem. Esta característica era oriunda da Educação Básica na qual a dança fora apresentada a eles/as de forma descontextualizada em que a cultura popular entra nas escolas a partir das festas, conforme cita Brasileiro (2010).

As atividades desenvolvidas contaram com a parceria entre os componentes curriculares da Educação Física e da Geografia nas “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens”. O tema da DE despertou, de fato, o interesse e o aprendizado a favor do significado e do diálogo cultural acerca das manifestações e comidas típicas identificadas nas regiões brasileiras.

Os grupos participaram ativamente, mediante a recontextualização, das danças tradicionais, por meio do processo de criação; alguns de forma mais autônoma enquanto outros tiveram a mediação da professora. Notamos que, ao desenvolver as danças tradicionais no decorrer do semestre, foram construídos conhecimentos significativos quanto ao corpo e ao convívio coletivo.

De fato, os/as participantes foram protagonistas na escolha pela dança (Maculelê, Balainha, Carimbó e Frevo), nos estudos, nas pesquisas sobre comidas típicas e, por isso, construíram um processo de criação no qual traduziram todo o aprendizado para a apresentação na Culminância.

As intervenções pedagógicas propostas, ao longo do estudo, permitiram o conhecimento e a disseminação dos bens culturais, assim, contribuímos para o reconhecimento e a valorização dessas culturas além de possibilitarmos que estereótipos e preconceitos fossem discutidos e desconstruídos e estabelecido o

respeito a essas culturas e a seus povos. No decorrer da DE, os/as estudantes opinaram, construíram sugestões de como conhecer, vivenciar e escolher as danças que fizeram parte da DE num verdadeiro processo de construção do conhecimento e significação.

A metodologia também ofereceu aos/as discentes conhecimentos sobre as danças, as vestimentas, os acessórios e permitiu que descobrissem como cada um/a poderia ajudar seja costurando as saias, produzindo os acessórios da dança, escolhendo as músicas ou confeccionando a decoração. Todas essas propostas viabilizaram mudanças nas atitudes dos grupos em relação à responsabilidade, ao respeito às diferenças, ao colega e à valorização das danças tradicionais no ambiente escolar.

A fundamentação precisa do processo de ensino e aprendizagem foi muita assertiva e partiu da “Tradução da Tradição” proposta por Côttes (2013), pois, nesse processo, as danças tradicionais são ressignificadas de forma singular pela perspectiva dos/as estudantes, encontrando no/a docente uma mediação respeitosa e comprometida com os pressupostos de uma educação dialógica.

A partir das ações pedagógicas desenvolvidas, elaborou-se o Produto denominado “Tradução da Tradição: as danças brasileiras no Ensino Médio” com o intuito de compartilhar o trabalho realizado em uma determinada comunidade e realidade escolar e contribuir com outros/as professores/as que tenham interesse em desenvolver uma proposta pedagógica com as danças tradicionais brasileiras.

O conhecimento abordado na DE ofereceu um espaço privilegiado para a experimentação e a interdisciplinaridade. Por meio dela, desenvolveram-se as linguagens verbal/cartográfica e não verbal nas diferentes manifestações culturais, a exploração da escrita, da oralidade bem como a vivência dessas manifestações. Soma-se ainda a possibilidade de reconhecimento da formação das danças tradicionais nas diversas regiões do Brasil na constituição do que denominamos de cultura brasileira.

Com a finalização da pesquisa, senti-me mais motivada a dar continuidade a inserção desses conhecimentos no componente curricular e penso em desenvolver um trabalho com uma DE que tenha como proposta um estudo de aprofundamento de uma festa popular tradicional.

Partindo da compreensão que o Brasil é um país de grande dimensão territorial e com vasta diversidade cultural (indígenas, europeias, africanas, asiáticas

etc), é responsabilidade ética da escola garantir que, em seu currículo, essa diversidade esteja presente e seja entendida como campo de conhecimento. Neste pensar, consideramos as danças tradicionais brasileiras importantes fontes de estudo da diversidade cultural presente em nosso território.

Cabe à escola, como um espaço cultural e de produção de conhecimento, reconhecer, (re)significar e valorizar as heranças da tradição, da oralidade, da ancestralidade e da representatividade das peculiaridades regionais da cultura brasileira, contribuindo para efetivação de uma sociedade mais respeitosa e menos excludente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. Cultura Popular, um conceito e várias histórias. *In*: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 01-18.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.
- BÖHM, Natália Vasconcelos Silveira; TOIGO, Adriana Marques. A dança nas aulas de educação física: a visão de alunos e professores das 5.^a e 6.^a séries de uma escola municipal de Canoas, RS. **Revista Cippus – Unilasalle**, v. 1, n. 2, p.158-169, nov. 2012. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Cippus/article/view/315>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- BOOK. [S.l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (3 min 17s). **Publicado pelo canal Lia Sophia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cQg8tk4D5A8>. Acesso em: 27 mar. 2019.
- BOOK. [S.l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (3 min 42s). **Publicado pelo canal JBetânio Bass**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_5H8AjwvUc. Acesso em: 27 mar. 2019.
- BOOK. [S.l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (10 min 05s). **Publicado pelo canal L&A Produções Artísticas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZINcYbcxQhE>. Acesso em: 27 mar. 2019.
- BOOK. [S.l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (1 min 34s). **Publicado pelo canal Capoeira Song**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d9xSoq_g-5Y. Acesso em: 27 mar. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília, MEC, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretária da Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, MEC, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, MEC, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 17 fev. 2020.
- BRASILEIRO, Livia Tenório. O conteúdo “Dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar? **Pensar a Prática**, Góias, n. 6, p. 45-58, jun./jul. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/56>. Acesso em: 27 mar. 2020.



BRASILEIRO, Livia. Tenório. A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 135-153, dez. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072010000300009>. Acesso em: 17 fev. 2020.

CHICON, José Francisco; SÁ, Maria das Graças Carvalho; FONTES, Alayne Silva. Natação, ludicidade e mediação: a inclusão da criança autista na aula. **Revista da Sobama**, Marília, v. 15, n. 1, p. 15-20, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2674-8681.2014.v15n1.3797>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CORRÊA, Josiane Franken; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Dança na Educação Básica: apropriações de práticas contemporâneas no ensino de dança **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 4, n. 3, p. 509-526, set./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266041528>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. **Processos de Escolarização dos Saberes Populares**. Orientadora: Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos. 2003. 141 f. Dissertação (Mestrado em Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Minas Gerais, 2003.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. **A Tradução da Tradição nos processos de criação em Danças Brasileiras**: a experiência do grupo Sarandeiros de Belo Horizonte. Orientadora: Inaicyr Falcão dos Santos. 2013. 233 f. Tese (Doutorado em Artes da Cena, na Área de Concentração Danças, Performance e Teatro) – Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2013.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. A tradução da tradição: processos de criação em danças brasileiras. *In*: SOUZA, Marco Aurélio da Cruz (org.). **Danças Populares no Brasil na Contemporaneidade**. São Paulo: Editota All Print, 2016. p. 15-24.

GARCEZ, Artur Martins. **Grupo de Dança do Colégio Marista de Natal**: um percurso em danças populares. Orientador: Marcílio de Souza Vieira. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Artes) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Rio Grande do Norte, 2016.

GARIBA, Chames Maria Stalliviere; FRANZONI, Ana. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 155-171, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/3553/1952>. Acesso em: 17 fev. 2020.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 79-108.

GUERRA, Denise. Danças brasileiras de matriz africana: Quem dança, seus males espanta. **Revista África e Africanidades**, Ano I, n. 4, fev. 2009. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br>. Acesso em: 03 jul. 2019.



GULARTE, Priscila Fontes; FINOQUETO, Leila Cristiane Pinto. Danças Populares Brasileiras: trajetórias e experiências contribuindo para a formação docente. **Revista Conexão – UEPG**, Carreiros/RS, v. 15, n. 2, p. 226-232, abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.15.i2.0015>. Acesso em: 17 fev. 2020.

IKEDA, Alberto. Culturas populares no presente: fomento, salvaguarda e devoração. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 173-190, out. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000300013>. Acesso em: 17 fev. 2020.

LACERDA, Tereza; GONÇALVES, Elsa. Educação estética, dança e desporto na escola. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 9, n. 1, p. 105-114, jan. 2009. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232009000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 fev. 2020.

LIMA, Patrícia Ribeiro Feitosa; FROTA, Mirna Albuquerque. Dança-educação para crianças do ensino público: é possível? **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 15, n. 3, p. 137-144, jun. 2007. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/769/772>. Acesso em: 17 fev. 2020.

MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Cultura popular: gestos de ensinar e aprender**. Petrópolis: Vozes, 2019.

RAMOS, José Ricardo Silva. A Educação Física nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: possíveis contribuições dos estudos linguísticos para a linguagem corporal. ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 10., 2006, Niterói, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2006. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/a-educacao-fisica-nos-parametros-curriculares-nacionais-ensino-medio-possiveis-contribuicoes-dos-estudos-linguisticos-para-linguagem-corporal>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ROSA, Eloisa Marques. Perspectivas das danças populares brasileiras na atualidade: Tradição e Retradicionalização. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA ABRACE, 7., 2013, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG-BH, p. 1-6, 2013. Disponível em: <publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/viewFile/2698/2830>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. 2. ed. – São Paulo: SE, 2011.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Modelo de Gestão do Programa Ensino Integral**. Material de Apoio ao Programa de Ensino Integral do estado de São Paulo. Caderno do Gestor, 2014.



SBORQUIA, Silvia Pavesi; NEIRA, Marcos Garcia. As danças folclóricas e populares no currículo da Educação Física: possibilidades e desafios. **Motrivivência**, Ano XX, n. 31, p. 79-98, dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n31p79/12957>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SCARPATO, Marta Thiago. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Caderno Cedes: dança educação**, Campinas, v. 21, n. 53, p. 57-68, abr. 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622001000100004>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SCHILDBERG, Lerrine Marie Tábata Carvalho; DUARTE ABDALA, Rachel. A dança popular no contexto da Educação Física: uma prática crítica e emancipatória, nos caminhos do Mestre Griot. **Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, v. 5, n. e019037, p. 1-23, dez. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v5i0.9700. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOUSA, Nilza Coqueiro Pires; CARAMASCHI, Sandro. Contato corporal entre adolescentes através da dança de salão na escola. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 17, n. 4, p. 618-629, dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-65742011000400006>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOUSA, Nilza Coqueiro Pires; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; CARAMASCHI, Sandro. O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 505-520, set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v28n3/1807-5509-rbefe-28-03-00505.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOUZA, Adalberto Santos. Educação Física e conhecimento no Ensino Médio: tensões do cotidiano escolar. In: CORREIA, Walter Roberto, Carreira Filho, Daniel (org). **Educação Física escolar: docência e cotidiano**. Curitiba: Editora CRV, 2010. p. 177-188.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio Barbosa Mendonça; MELO, Marcelo Soares Tavares; SANTIAGO, Maria Eliete. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 29-47, mai. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/11546>. Acesso em: 20 mar. 2020.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Caderno Cedes: dança educação**, Campinas, v. 21, n. 53, p. 69-83, abr. 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622001000100005>. Acesso em: 20 mar. 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.



APÊNDICES

APÊNDICE A – Plano da Eletiva

1- Título: Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens

2- Ementa

O Brasil é um país de grande dimensão territorial com vasta diversidade cultural. Indígenas, europeus, africanos e diversos grupos de imigrantes contribuíram para culinária, danças, religião que são elementos que integram a cultura de um povo, sendo reflexo das diferentes peculiaridades culturais das regiões brasileiras.

Na dança, o corpo pode expressar suas emoções e serem compartilhadas com outras pessoas, e é através de tal conteúdo que pode ser desenvolvido o aluno integralmente na escola. E nesse ambiente, a dança deve ampliar a exploração e criação dos próprios alunos quando trabalhada em aula.

De acordo com Brasileiro:

A escola como espaço cultural que apresenta, aos que nela estão inseridos, uma parcela da cultura humana, ou seja, conhecimentos sistematizados historicamente, deve receber desses novos processos de formação — neste caso, da formação em dança — uma outra perspectiva de diálogo para com a cultura, especialmente a cultura popular brasileira, essa que significa e deverá (re) produzir sentidos e significados, ao ser vivenciada no interior das escolas (2010, p. 152).

Nesta Disciplina Eletiva proposta, trabalharemos vivências, diálogos, conhecimentos, informações e reflexões acerca das manifestações rítmicas e culturais das danças populares brasileiras. Esperamos contribuir para o reconhecimento e a valorização dessas culturas, possibilitando que estereótipos e preconceitos sejam discutidos e desconstruídos, visando o respeito a essas culturas e seus povos.

Assim, propõe-se que o conhecimento abordado nesta Disciplina Eletiva ofereça um espaço privilegiado para a experimentação e a interdisciplinaridade. Por meio dela, desenvolvem-se as linguagens verbal/cartográfica e não verbal, nas diferentes manifestações culturais, explorando a escrita e a oralidade, bem como a vivência dessas manifestações. Soma-se a isso a possibilidade de reconhecimento



cultural e de identidade da formação das danças populares nas diversas regiões do Brasil.

3- Justificativa

Devido a escola ser um espaço cultural e de conhecimento, cabe a ela resgatar, reconhecer, (re) significar as heranças da tradição, oralidade, ancestralidade, representatividade das peculiaridades regionais da população brasileira, com o intuito despertar a responsabilidade, o respeito e a colaboração dos alunos.

4- Habilidades contempladas

Considerando os componentes curriculares diretamente envolvidos serão contempladas as seguintes habilidades do currículo oficial:

GEOGRAFIA

- Associar as manifestações culturais dos diferentes grupos étnicos que compõem a matriz brasileira do presente aos processos históricos de sua formação cultural;
- Desenvolver no aluno a sensibilidade para as diferentes possibilidades de refletir sobre a diversidade local, regional e nacional;
- Relacionar a dinâmica dos fluxos populacionais, a organização do espaço geográfico no Brasil;
- Ler e interpretar mapas e gráficos para extrair informações relacionados ao fluxo migratório no Brasil;
- Confeccionar mapas que representem o aspecto da diversidade cultural em relação às danças populares do território brasileiro;
- Produzir mapas de fluxos baseado nos movimentos migratórios dos familiares dos alunos envolvidos.

EDUCAÇÃO FÍSICA

- Compreender o processo histórico das manifestações e representações da cultura rítmica nacional;



- Criar e identificar atividades dançantes que contemplem diferentes sentidos e intencionalidades;
- Perceber, compreender e valorizar de maneira não preconceituosa e discriminatória as características das diferentes manifestações culturais que contemplem diferentes sentidos e intencionalidades;
- Perceber noções de tempo e acento rítmico nas manifestações culturais das danças populares;
- Conhecer, elaborar e associar as diferentes funções existentes dentro da manifestação de uma dança popular.

5- Cronograma e conteúdo programático

DATA	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO – CRONOGRAMA
06/02	Apresentação das ementas e escolha pelos alunos das disciplinas eletivas.
13/02	Apresentação dos objetivos da eletiva (vídeo). Entrega de um questionário com 3 perguntas sobre a Eletiva, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento para autorizarem a participação no estudo. Explicação e produção de uma pesquisa com os pais sobre a Árvore Genealógica de cada aluno sobre seus costumes/dança popular para próxima aula; apresentação do mapa mundi e construção mapa do Brasil pelos alunos.
20/02	Dinâmica de apresentação da pesquisa em grupos devem contar sobre a sua árvore genealógica para os colegas. Construção da linha migratória com os alunos para perceberem o movimento/mistura que aconteceu com o processo, conversa sobre o processo, a partir dessa construção irão pesquisar as regiões de suas linhas migratórias na sala de informática.
27/02	Pesquisa, na sala de informática, sobre as regiões do Brasil de suas linhas migratórias sobre objetos, costumes, vestimentas, alimentação, religião e dança. Apresentação da pesquisa para a turma. OBS: essa aula não ocorreu, devido ao carnaval que foi realizado na escola.
13/03	Escolha das danças populares que serão estudadas na disciplina. Em grupos devem representar as danças escolhidas de como acham que são seus movimentos e apresentar à turma.



20/03	Gincana das danças com suas respectivas localidades. Conversa e escolha de uma forma de apresentar a culminância como um aplicativo de celular (produto) -aula na informática para apresentar o site. Decisão com o grupo de alunos, e produção do aplicativo.
27/03	Vivência de uma dança popular escolhida pela turma, e suas especificidades dentro da região que se pratica.
03/04	Continuação da vivência da dança popular pela turma e assistir a um documentário sobre a dança escolhida.
10/04	Vivência de outra dança popular escolhida pela turma, e suas especificidades dentro da região que se pratica.
17/04	Continuação da vivência da dança popular pela turma e assistir a um documentário sobre a dança escolhida.
24/04	Registro das atividades realizadas em aula e escolha de como iremos fazer a Culminância da Eletiva através de apresentação.
08/05	Vivência das danças escolhidas e preparação da Culminância (vestimenta, adereços, comida, etc.).
15/05	Vivência das danças escolhidas e preparação da Culminância. (vestimenta, adereços, comida, etc.).
22/05	Vivência das danças escolhidas e preparação da Culminância. (vestimenta, adereços, comida, etc.).
29/05	Vivência das danças escolhidas e preparação da Culminância. (vestimenta, adereços, comida, etc.).
05/06	Produção dos adereços das danças escolhidas pela turma.
12/06	Término da produção dos adereços.
19/06	Apresentação das vivências escolhidas pelo grupo.
26/06	Culminância das Eletivas.

6- Metodologias e estratégias de ensino

- Aulas práticas com vivência de jogos, brincadeiras e danças;
- Aulas expositivas, apresentação de slides e documentários;
- Produção de adereços para a Culminância da Eletiva;
- Confecção de mapas das regiões do Brasil, seus costumes e localidade em que as danças se encontram.
- Criação dos aplicativos para escolha do melhor com premiação.



7- Recursos Didáticos

- Rádio;
- Televisão;
- Sala de informática;
- Tintas;
- Caixa de som;
- Textos, livros paradidáticos;
- Artigos científicos sobre as danças;
- Mapas.

8- Avaliação

- Observação da participação, colaboração dos grupos quando divididos para as atividades;
- Apresentação das improvisações criadas por eles da dança;
- Registro das atividades em forma de trabalhos, textos argumentativos;
- Elaboração dos aplicativos pelos grupos;
- Produção de mapas;
- Criação e realização da culminância pelos alunos.

9- Duração

19 semanas – 38 aulas

10- Culminância

Apresentação e exposição dos trabalhos realizados no decorrer da Eletiva, do aplicativo selecionado e da dança popular brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Livia Tenório. A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 135-153, set./dez. 2010.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias.** Coord. Maria Inês Fini. São Paulo – SEE, 2010.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Coord. Maria Inês Fini. São Paulo: SEE, 2010.

YUNES, Jorge A. M. **Atlas Geográfico Escolar.** São Paulo: IBEP, 2008.



APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bauru, ____ de _____ de 2019.

Prezado(a) responsável,

Venho através deste termo, pedir a autorização para a participação do(a) seu(sua) filho(a) na pesquisa “Danças Populares Brasileiras: uma experiência no Ensino Médio de Tempo Integral” cujo objetivo é apresentar e vivenciar as danças populares brasileiras, analisando suas implicações na prática e as impressões dos alunos sobre tal conteúdo.

Essa pesquisa será realizada com os alunos da 1.^a a 3.^a séries do Ensino Médio participantes da Eletiva ‘Danças populares brasileiras: suas vertentes e origens’. A participação no estudo consistirá em vivenciar as danças populares brasileiras, realizar trabalhos, responder a dois questionários para obtenção de dados. Ocorrerão registros através de filmagens e fotos. A duração total da pesquisa será de seis meses.

O nome do(a) seu(sua) filho(a) será mantido em sigilo, assim como os dados da escola. Os riscos que ela/ela corre estão ligados a possíveis quedas, torções, chateações e desentendimentos que podem ocorrer durante as aulas.

Você receberá uma cópia deste termo na qual constam os dados da pesquisadora responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Unesp-Bauru, podendo tirar suas dúvidas sobre o desenvolvimento do estudo a qualquer momento que julgar necessário.

A participação nesse estudo não envolve nenhum tipo de pagamento, não havendo qualquer ressarcimento para os participantes.

Esclareço, ainda, que seu(sua) filho(a) poderá deixar de colaborar nesta pesquisa a qualquer momento que desejar ou mesmo não responder a questões que julgar inconvenientes.

Certos de contarmos com vossa colaboração, antecipamos agradecimentos pela consideração e apresento meus cordiais cumprimentos.

Eu, _____
RG n.º _____, responsável pelo(a)
aluno(a) _____ matriculado na ____ série ____
do ensino médio concordo quanto à participação do(a) meu(minha) filho(a) na
obtenção das informações para o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada.
Autorizo a divulgação e publicação das informações prestadas exclusivamente para
fins acadêmicos e científicos.

Assinatura

Pesquisadora responsável: Prof.^a Camila Bloise Pieroni
Contatos: camilabloise@hotmail.com/ (14) 99791-1018/cepesquisa@fc.unesp.br (14)3103-9400

Assinatura



APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Bauru, ____ de _____ de 2019.

Prezado(a) Aluno(a),

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “Danças populares brasileiras: uma experiência no Ensino Médio de Tempo Integral” seus responsáveis permitiram que você participe. Queremos apresentar e vivenciar as danças populares brasileiras analisando suas implicações na prática, as suas impressões, opiniões, sentimentos no decorrer do desenvolvimento das atividades com as danças populares brasileiras, e os valores que levam de tais atividades. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito. Também você pode iniciar e desistir. Isto não influenciará na sua aprovação na disciplina. Os riscos que você corre estão ligados a possíveis quedas, torções, chateações e desentendimentos que podem ocorrer durante as aulas.

A pesquisa será feita nas aulas da Eletiva “Danças populares brasileiras: suas vertentes e origens” na qual vocês irão participar das atividades propostas em aula com registro em vídeo e fotos, responder a um questionário inicial e final para analisar suas implicações na prática e as suas impressões sobre a Eletiva. Para isso, serão usadas filmadora e câmera fotográfica. Caso aconteça algo errado, você pode procurar pelo telefone (14) 99791-1018 da pesquisadora Camila Bloise Pieroni ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Unesp-Bauru.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem vocês serem identificados. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão divulgados em congresso, bem como disponibilizado a vocês para eventual consulta.

Eu _____, RG _____ aceito participar da pesquisa, que tem o/s objetivo(s) de apresentar e vivenciar as danças populares brasileiras no Ensino Médio, analisando as suas implicações na prática e as suas impressões sobre o conteúdo. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura

Pesquisadora responsável: Prof.^a Camila Bloise Pieroni
Contatos: camilabloise@hotmail.com/ (14) 99791-1018/cepesquisa@fc.unesp.br
(14)3103-9400

Assinatura



APÊNDICE D – Autorização para utilização de imagem e vídeo para os responsáveis

O seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar da Disciplina Eletiva “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens”. O objetivo dessa Eletiva é os alunos apresentarem o que aprenderam sobre as Danças Populares Brasileiras para seus amigos e familiares e como resultado da pesquisa, serão feitos vídeo, fotos das aulas e apresentações que servirão como dados para posterior análise da pesquisadora.

As filmagens serão feitas na escola no horário da Culminância da Eletiva, portanto sua imagem estará no vídeo e fotos retiradas que serão utilizados para fins científicos e para que outros professores os assistam.

Os riscos da pesquisa são mínimos e sempre que ele(a) precisar pode contar com o suporte da professora/pesquisadora, não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito dele(a) e poderá desistir sem problema nenhum mesmo depois de ter iniciado as gravações.

Se ele(a) sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, pode procurar a professora/pesquisadora Camila Bloise Pieroni, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya pessoalmente ou pelo telefone (14) 99791-1018.

Deste modo, eu _____, CPF:
_____, RG: _____, residente e domiciliado (a)
à Av/Rua _____ Cidade:
_____. **AUTORIZO**, através do presente termo, a utilização da
imagem do meu/minha filho (a) _____ nesta
pesquisa e tenho ciência de que a imagem pode ser utilizada para fins científicos e
de estudos (tese, livros, artigos, reuniões científicas, slides e vídeos), em favor dos
pesquisadores da pesquisa, acima especificados, sem quaisquer ônus financeiros a
nenhuma das partes.

Assinatura dos pais ou responsáveis do participante

Assinatura da professora/pesquisadora

Bauru (SP), ____ de _____ de 2019.



APÊNDICE E – Autorização para utilização de imagem e vídeo para os estudantes

Você está sendo convidado a participar da disciplina eletiva “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens”. O objetivo é os alunos apresentarem o que aprenderam sobre as Danças Populares Brasileiras para seus amigos e familiares em forma de uma apresentação, e como resultado da pesquisa, serão feitos vídeos e fotos das aulas que servirão como dados para posterior análise da pesquisadora.

As filmagens serão feitas na escola no horário da Culminância da Eletiva, portanto sua imagem estará no vídeo e fotos retiradas que serão utilizados para fins científicos e para que outros professores os assistam.

Os riscos da pesquisa são mínimos e sempre que precisar, pode contar com o suporte da professora/pesquisadora, não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu e você poderá desistir sem problema nenhum mesmo depois de ter iniciado as gravações.

Se sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora/pesquisadora Camila Bloise Pieroni, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya pessoalmente ou pelo telefone (14) 99791-1018.

Deste modo, eu _____, CPF:
_____, RG: _____, residente e domiciliado (a)
à Av/Rua _____ Cidade:
_____ **AUTORIZO**, através do presente termo, a utilização da
minha imagem nesta pesquisa e tenho ciência de que a imagem pode ser utilizada
para fins científicos e de estudos (tese, livros, artigos, reuniões científicas, slides e
vídeos), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, sem
quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Assinatura do participante

Assinatura da professora/pesquisadora

Bauru (SP), ____ de _____ de 2019.

APÊNDICE G – Diário de Campo da Educação Física

A seguir, seguem as fotos dos diários de campo, cujos dados foram analisados na pesquisa com a DE “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens”.



Femmina

Diário de campo 02-06102119 - Apresentação da disciplina

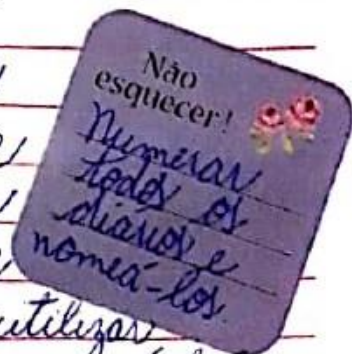
Apresentação da eletiva Dança Popular Brasileira: suas vertentes e origens.

As professoras não se caracterizam com vestimentas de dança popular brasileira e apresentar o que será estudado na disciplina eletiva: - explicação do que ocorrerá no desenvolvimento da disciplina introduzindo com um pequeno texto em que vemos explicar o que é a dança popular, assim como a saia a qual está sendo usada pela professora foi confeccionada pelo grupo "Paró de Landeiro" em que uma integrante ensinou como costurar às outras integrantes e a partir daí iniciaram a confecção das saias.

* Texto sobre Dança Popular:

Foi produzido um cartaz em que colocamos o nome da disciplina e fotos de danças populares pertencentes às regiões do Brasil de acordo com o IBGE para a propaganda da eletiva nas salas de aula.

* "A dança é uma das melhores expressões culturais existentes porque envolve o movimento, o canto e a dramatização. É a necessidade de se expressar que leva o homem a utilizar as artes e transformá-la em um símbolo de seu povo ou sua cidade. No Brasil, as principais danças típicas têm forte ligação com a religiosidade, as comidas típicas de uma região, a cultura de um povo e os fatores históricos.





06 02 19
dia mês ano

Femmina

São ritmos alegres com roupas e cenários populares de cada região. A verdadeira dança típica é aquela que demonstra o melhor e o mais importante de uma localidade.

Durante a apresentação da eletiva entramos em todas as salas caracterizadas com saias compridas, flores no cabelo para representarmos dança popular das regiões brasileiras em que os alunos ao entrarmos nas salas já olhavam para nós com admiração dizendo que estávamos lindas. Ao iniciar a apresentação falávamos o nome da eletiva "Dança popular Brasileira: suas vertentes e origens" em que vamos conhecer, estudar a herança cultural trazida pelos antepassados (avós, tataravós) de quem habitam as regiões a partir dos costumes, comidas típicas, festas populares e aprender sobre essas danças para que estas não fiquem esquecidas no decorrer dos anos. E que vamos propor um desafio aos participantes da eletiva que será produzir um aplicativo sobre as danças populares brasileiras estudadas, a professora de geografia explicou que iremos explorar as regiões do Brasil conhecendo seus costumes, culturas através da construção de mapas para aprofundamento. Perguntávamos aos alunos se eles lembravam quedes são as regiões brasileiras de acordo com o IBGE, e alguns se confundiam dizendo "norte, Sul, leste e oeste" enquanto outros já corrigiam falando: "Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste".

Femmina

26-05-19

Outros nos perguntaram se era necessário saber dançar para participar da eletiva, respondemos que não, pois muitas danças populares são coreografadas que ocorrem em grupo onde integrantes do grupo têm diversas funções como: preparação da comida, da festa, das vestimentas e adereços, e que tal dança não é somente movimentos imitados pelos integrantes.

Uma outra pergunta interessante foi "com quais projetos de vida essa eletiva se relaciona?"; respondemos que se relaciona com as pessoas que têm como projeto de vida a área de humanas e educação como sociologia, antropologia, filosofia, história, geografia, educação física, arte. Foi muito pertinente tal pergunta, pois dessa maneira o aluno consegue se situar e escolher a eletiva que mais se relaciona com o seu projeto de vida.

Fiquei muito satisfeito com a apresentação e receptividade das salas de aula com o tema das danças populares, agora temos de esperar o resultado da votação para iremos nos apresentar no público.

No final da apresentação ao estarmos descendo uma das professoras nos viu com as saias e nos perguntou se iam fazer "Sarrava" e respondemos que vamos realizar danças e a religião estaria envolvida dentro desse estudo.

É em uma das apresentações o aluno perguntou se iríamos fazer "macumba" e a

spiral



06 02 19
dia mês ano

Femmina

professora de geografia respondeu que iríamos estudar as religiões dentro das danças populares, e ele ficou sem resposta.

Diário de campo 03 - 13/02/19 - Primeira aula da eletiva - Apresentação e dinâmica.

- Explicação de que a disciplina fará parte de uma pesquisa de mestrado em que irão assinar o TCE e TALE. Ião responder um questionário inicial sobre a eletiva.
- Dinâmica em que devem andar pela sala e jogar bola de tênis um para o outro no ritmo de uma música (Clara Nunes) e ao parar a música quem estiver com a bola de tênis deve dizer seu nome e que dança gostam (música: canto das 3 raças).
- Apresentação em power point sobre a eletiva o que veremos e como faremos: citação do que é a dança popular, pesquisa sobre árvore genealógica explicação e tudo que irão perguntar cidade/ país que nasceu/ comidas típicas/ costumes/ dança/ religião - entrega da árvore genealógica para próxima aula.
- Responder a um questionário inicial composto de 3 perguntas (pegar no note, entrega dos questionários).
- Não conseguimos apresentar a música do Semine iniciaremos na próxima aula com essa atividade.

spirati

Femmina

15 03 19
dia mês ano

Alguns alunos atrapalharam a aula fazendo comentários que não queriam nem saber de suas origens e que não iria perguntar à família porque não gostava deles e começaram a dar risada (2 alunos em questão que acabaram tumultuando a atividade), e percebi que os alunos que iniciaram este ano na escola das 1^{as} séries estavam meio assustados com estes 2.

Os alunos participaram das atividades, a maioria são meninas, porém estes 2 alunos não paravam de conversar ao mesmo tempo que nós professoras enquanto realizávamos a apresentação e explicação das atividades da eletiva.

- Vergonha de algumas alunas
- Ritmos que mais gostam "Funk" outras gostam de vários ritmos durante a dinâmica.
- Aluno falava que os ritmos pareciam "macumba" somente um.

Diário de campo 01 - 30/03/19 - Elaboração da eletiva em parceria com a professora de geografia

- Explicação das ideias de cada uma das professoras; como pensamos a eletiva a questão de iniciar com os alunos conhecendo suas origens através de uma árvore genealógica; conhecer e reconhecer as regiões do Brasil de acordo com o IBGE localizar

spiral



31-05-19

Femmina

de nos mapas, assim como pesquisar os costumes, comidas, religiões, danças típicas das regiões do Brasil.

- Como planejar a eletiva de propor a eles que pesquisem as danças populares e a partir desta pesquisa escolherem 2 danças para vivenciar / conhecer / produzir os elementos dessas danças.

- Propusemos a produção de um aplicativo como um dos produtos finais colocando todos os materiais estudados nesse aplicativo pensamos como um dos produtos da culminância.

Eu e a professora Adriana tivemos muitas ideias, discutimos como colocaríamos tais ideias no plano da eletiva, o que é viável e a questão de tempo da eletiva. Como planejar atividades que movimentem e deixem os alunos motivados em relação à geografia e à vivência das danças populares, de uma forma que percebam que é necessário responsabilidade, respeito em relação à função de cada um dentro da dança popular.

Durante a elaboração da eletiva tivemos a ideia de produzir os mapas, as vestimentas, comida para a culminância.

Foi muito interessante e gostoso elaborar, discutir as ideias que cada uma de nós tivemos sobre as danças populares brasileiras.



Femmina



Diário de campo 04-2010/2119 - Apresentação da música "Sob o mesmo céu" em que devem criar e produzir momentos para representar as estrofes.

Iniciamos a aula com uma roda de conversa realizando a chamada, explicando o que faríamos na aula: 1) Em duplas realizar um relaxamento em que um deve fazer a massagem no outro; 2) Em grupos de cinco pessoas devem representar a música "Sob o mesmo céu" em forma de movimentos/mímicas de que a música quer dizer - os grupos estavam conversando entre si para tentar entender a letra da música e decidir como irão representar a música; cada grupo foi conversando entre eles e escolhendo uma parte da letra da música para representar: um grupo escolheu o primeiro verso em que escolheram roupas, materiais para representar essa parte da música; outro grupo escolheu a parte que falava sobre a favela pegaram hula, montaram um cenário em que a favela estava presente; um terceiro grupo estava meio perdido em como começar criar os movimentos disseram estar sem criatividade; eu e a professora Adriana conversamos com o grupo perguntamos o que entenderam da letra para a partir disso criarem, terem ideias de apresentar a letra da música, a partir daí começaram a ter ideias e conversarem entre eles para criarem os movimentos; um quarto grupo



20 02 19
dia mês ano

Femmina

escolheu a parte que falava dos portugueses, indígenas e escravos em que colocaram o samba como uma das representações, cada integrante se caracterizou de um desses personagens; e um quinto grupo estava em dúvida entre 2 partes da música escolheram o refrão para representar.

Após um tempo dado para que os grupos criassem/produzissem suas representações, eu e a professora Adriana, fomos passando de grupo em grupo tirando as dúvidas e observando como os grupos se socializaram/conversaram e chegaram a um acordo. Em alguns grupos todos os integrantes estavam dando ideias/sugestões enquanto que em outros grupos tinhamos uma pessoa que apresentava as ideias e os outros concordavam.

Correram as apresentações dos grupos onde cada grupo prestou atenção nas apresentações do colega, depois houve uma roda de conversa sobre o que cada grupo representou, e se todos conseguiram entender, os grupos socializaram suas impressões e entendimentos das representações que fizeram e assistiram.

Obs: no decorrer da aula, uma das alunas estava apreensiva dizendo que não queria participar da eletiva porque não gosta de dançar, mas ao conversar com ela no particular disse que na eletiva iramos ver como a dança funcionava dentro de uma festividade, e que



Femmina

20 03 19
dia mês ano

dentro dessa festividade, tínhamos muitas funções e que ela poderia estar em outra função que ela escolher, após tal conversa ela ficou calma e disse que gostava de cozinhar que gostava de ficar na culinária. Depois encontrei ela em outro momento, e ela me disse que estava gostando da eletiva sim.

No final dessa aula perguntei a uma aluna o que ela tinha achado da aula de hoje e ela disse que tinha superado suas expectativas que estava satisfeita de como a aula aconteceu.

Diário de campo 05- 13/03/19 - Atividades de estafetas: em grupo cada um vai conversar com os seus pares e falar de onde veio, após devem colocar o seu barbante nas origens correspondentes por regiões de acordo com os cores.

Estafeta: em grupos colocar os pratos/costumes/danças/ciências das regiões no mapa e após conferir se está correto. Construção do mapa do fluxo migratório.

Iniciamos a aula em círculo na quadra para a professora de geografia explicar como a atividade de construção do fluxo migratório iria acontecer. Se dividiram em 3 grupos em que eles conversaram e expuseram as origens de suas famílias, costumes, danças, comidas e religiões praticados por eles. Para a formação dos

13 03 19
dia mês ano

Femmina

grupos foi necessário que eu e a prof^a Adriana in-
teresse em 2 grupos, pois os alunos não queriam
se juntar e falar sobre as suas pesquisas fami-
liares eu permaneci em um dos grupos realiza-
do perguntas para que um fosse falando os
resultados de sua pesquisa, depois outro, e assim
por diante, e enquanto eu estava nesse grupo uma
das integrantes questionou o porquê dessa ativi-
dade, e eu expliquei que era para conhecerem
suas origens, saber de onde vieram para a
partir daí realizamos a escolha das nossas dan-
ças populares. A aluna que fez essa pergunta
disse que a religião de sua mãe e pai
era o candomblé, ela explicou com as suas
palavras o que era o candomblé às colegas.

Após a conversa os grupos foram pedir
os mapas que estavam expostos no chão da
quadra e começaram a construir as linhas
migratórias de seus familiares a partir da
árvore genealógica que pesquisaram. Foram
observando, analisando enquanto construam
a linha de quais estados, regiões de Brasil seus
parentes vieram, bem como de outros países.

Colocaram em um quadro as danças, co-
midas, costumes e religião que pesquisaram com
os seus pais que ficou como registro da ati-
vidade.

Em um segundo momento, os mesmos gru-
pos participaram da "Jeniana das danças po-
pulares" que foi entregue a eles nomes de diver-



Feminina

13 03 19

nas danças populares de regiões do Brasil, na qual conversaram/discutiram com seus parceiros grupos para saberem de quais regiões do Brasil eram e deviam ir até os mapas do Brasil que estavam expostos no chão da quadra e colocar os papéis das danças populares nas regiões que achavam que era.

No término dissemos que iríamos conferir quais grupos tinham realizado o maior número de acertos e que na próxima aula premiaríamos o 1º e 2º lugar com acessórios típicos das danças populares, escolhemos por pulseiras com sementes, que é um dos acessórios da dança.

Diário de campo 06-20103119 - Premiação da guerra das danças populares e correção de onde as danças se encontram. Pesquisa em grupo das danças populares das regiões do Brasil na informática e escolha de 2 para pesquisarem suas origens.

- Indagações sobre o que era o prêmio-branco, cultura ^{corrente}

Iniciamos a aula na sala de informática em que entregamos a correção das regiões que as danças populares pertencem, as alunas que fizeram parte dos grupos corrigiram, vieram e analisaram seus erros e acertos. Após pedimos para cada grupo falar a quantidade de acertos e irem escolher o seu prêmio, e o segundo lugar escolheram o seu, as alunas gostaram muito dos seus prêmios ficaram todas empolgadas.



Femmina

20 03 19
dia mês ano

das com os seus prêmios.

Após pedimos para que se dividissem em grupos e pesquisassem as danças populares de cada região do Brasil na internet no site conhecido Brasil e colocassem as danças populares na folha de almago e deveriam escolher duas que chamaram mais sua atenção para pesquisarem mais a fundo como sua origem, vestimenta, como se dança e em que momento ela é praticada e colocaram os resultados da pesquisa nas folhas e entregaram para nós.

Uma das alunas que estavam em um dos grupos quando começamos a falar que precisávamos de pessoas que soubessem costurar, disse que gosta e sabe que costurar e que ficaria responsável em costurar as roupas das danças populares escolhidas pelo grupo, que só precisa ter as medidas das meninas que vão dançar e que ela iria pesquisar como fazer as roupas e que vai precisar de ajuda. As alunas de outro grupo chamou para mostrar a dança popular da balainha que podíamos fazer e que era uma dança bonita e diferente. Um aluno pesquisou sozinho sobre a milonga que a família dele contava e que ele achava bonito.

Entregaram a pesquisa realizada para nós, e dissemos que na próxima aula iríamos decidir sobre como seria a culminância.

Femmina

Diário de campo 07-27/03/19 - Gincana das comidas das típicas das regiões do Brasil. Sala multimídia - apresentação das danças escolhidas pelos grupos e suas sugestões de como iremos realizá-la (hora culminância).

Começamos a aula na quadra no círculo vermelho em que pedi para a aluna Estella puxar o alongamento, ela aceitou e realizou alongamento de braços e pernas.

Após o alongamento, a professora Adriana fez a chamada e explicou que iríamos realizar a gincana das comidas típicas que seriam entregues vários pratos típicos das regiões do Brasil, iriam conversar entre o grupo para decidirem de quais regiões faziam parte e iriam colocar os papéis nos mapas expostos no chão para isso os grupos ficavam em fila, e ao sinal de já o primeiro de cada grupo deveria sair correndo e colar as comidas típicas no mapa, o grupo que terminava primeiro iria já ganhar 1 ponto.

Deixamos um tempo para os grupos conversarem, se organizarem e irem colocando as comidas nas regiões que achavam que fazia parte, eu e a professora Adriana fomos passando nos grupos observando se estavam conversando e se organizando para começarmos a gincana. Quando os alunos estavam prontos pedimos para que cada grupo formasse a fila e ao sinal de já o primeiro do grupo

*Femmina*27 05 19
dia mês ano

devia sair correndo colocar a comida na região, voltar bater a mão na mão do colega para o próximo sair. Os grupos estavam empolgados, pedindo / gritando aos colegas para ir rápido, todos os alunos participaram, e ao final colocamos o ponto para 2 grupos que terminaram a gincana juntos, pedimos que todos fossem aos seus mapas e corrigissem onde colocaram as comidas típicas, os grupos contaram seus acertos e erros, procuraram no mapa as regiões se tinham colocado certo, tiveram interesse em saber perguntando à prof^a Adriana como estavam divididas as regiões do Brasil. Após a contagem pedimos para que colocassem a quantidade de acertos e o nome do grupo para premiarmos na próxima semana, perguntaram a nós qual seria o prêmio e dissemos para adivinharem um dos alunos disse que seria comida.

Desse modo para a sala de humanas e começamos a conversar com o grupo sobre quais danças populares vamos escolher para estudarmos, praticarmos e apresentarmos na culminância, comentei com eles a ideia do aplicativo e a aluna Tullia disse que queria criar um aplicativo para a eletiva e me pediu o site para ela já olhar, a aluna Estella expôs aos colegas a ideia que teve para realizarmos a nossa apresentação que poderíamos começar com um teatro musical iniciando com o "maculelê".

Femmina

24 03 19
dia mês ano

e depois contar a história de como surgiram as danças populares brasileiras que vamos escolher, os colegas gostaram da ideia.

Passamos à turma vídeos curtos apresentar de as danças populares que pesquisaram a semana passada para que todos vissem como dançaram, foram 11 danças, conseguimos passar 7, e dissermos à eles que vamos continuar na próxima aula para decidirmos as funções de cada uma na nossa apresentação.

Percebi que no carimbó, brevo os alunos ficaram empolgados e gostaram do ritmo.

E que eles gostaram da ideia de criar um aplicativo para a eletiva, porque era uma forma de divulgar a eletiva para os colegas que não estão participando.

Obs: conversando com a aluna Louise durante a aula de E.F. do dia 03/03 perguntei à ela sobre a costura das roupas da eletiva e se havia pesquisado sobre ela, me disse que sim, e que além de fazer as roupas ela gostaria de se apresentar nas danças também. Fiquei bem feliz, pois no início ela havia dito que não queria se apresentar nas danças, e agora ela já mudou sua opinião.

Diário de campo 08-03/04/19 - Gêmeas das apresentações das danças populares em vídeo escolhidos pelos grupos, elaboração da culminância pelos alunos escolha das danças e degustação das comidas

Feminina

03 04 19
mês ano
"Típicas das regiões do Brasil estudadas."

Iniciamos a aula na sala de ciências humanas para os alunos terminarem de assistir as danças populares que escolheram das regiões do Brasil onde elas iam observando a vestimenta, passos, acessórios utilizados na dança e conversas do com nós professoras sobre qual seria legal estudarmos mais a fundo para a nossa culminância. Após começamos a organizar a nossa culminância discutimos se todos do grupo concordava com a ideia da aluna Estella de iniciarmos apresentando um teatro do "maculelê" para após apresentarmos o carimbó, a balainha, o pevo e fecharmos com o samba em que todos os integrantes da eletiva estarão no palco realizando o fechamento com a entrega de uma comida típica de uma das regiões do Brasil atraindo a culminância das eletivas. As alunas concordaram com a forma que a Estella propôs, e começaram a decidir quem vai dançar, qual dança cada uma quer dançar, como iremos fazer as roupas que a aluna Souise disse que sabe costurar e que podíamos fazer uma saca envelope, pois podíamos usá-las dos dois lados para troca de figurino. As alunas foram discutindo suas ideias e colocando no papel as suas decisões de quem ia participar de cada dança popular e foram escrevendo as suas decisões.



Femmina

03 04 19
dia mês ano

As alunas estavam ansiosas em saber quem tinha ganhado a gincana das comidas típicas das regiões, passamos a elas a pontuação dos 4 equipes e dissemos que iríamos todos para a biblioteca onde estariam as explicações das comidas típicas de cada região do Brasil, elas foram lendo as fichas informativas das comidas, e após houve a degustação das comidas em que dissemos para eles se abrirem ao novo e experimentarem comidas novas que elas não conheciam. As alunas experimentaram, algumas gostaram, outras não gostaram e jogaram o acarajé dizendo que acharam o gosto estranho. A aula foi produtiva e significativa aos alunos.

Diário de campo 03-10/04/19 - Apresentação da origem raízes do Maculelê e vivência da dança com a participação do contra mestre Litorio.

Maculelê, samba de roda, capoeira, danças de resistência.

Usavam a religião como sua identidade, pois mudavam de nome no Brasil.

História do maculelê (2 leões-bastões; macu-guerreiro), ficou na tuba para proteger mulheres e crianças pois os guerreiros foram lutando e deixaram ele para proteger.

Os alunos tiveram uma aula com o contra mestre Litorio onde ele contou a história de como surgiu o maculelê para as alunas, todas estavam sentadas na arquibancada, puxando a atenção no relato oral do contra mestre.



10 04 19
dia mês ano

Femmina

em que apresentou à turma a sua opinião sobre a cultura popular que ele acredita que deve ser passado para os adolescentes para conhecerem sua história de vida, sua origem de onde vieram para se conhecerem e terem orgulho de suas origens. A partir desse ponto explicou que existem várias origens para o maculelê contou a história, sendo ela: a primeira de que o maculelê era um homem fugido que foi morar com uma tribo indígena e algum dia todos os homens da tribo saíram para caçar, e ficou somente ele na tribo junto com as mulheres e crianças. Essa tribo foi atacada por uma tribo inimiga, e ele foi tentar defender com 2 bastões as mulheres e crianças, a partir daí esse homem ficou conhecido como Macu (guerreiro) lelé (bastão) e até hoje essa história é passada de geração em geração. Todos escutaram o contra-mestre com atenção e concentrados, após ele pediu para que todos fossem para o centro da quadra pegassem 2 bastões formassem filas e explicou como ocorria a fugida dos bastões seu ritmo e o passo realizado com as pernas ao bater os bastões. Todos os alunos participaram da atividade, estavam tentando fazer o ritmo da maneira correta. O contra-mestre sempre ao trocar de atividade falava com os alunos a importância de eles nunca desistirem de seus sonhos e a priori

Femmina

00 04 19
dia mês ano

tenham a oportunidade que estão tendo de estudar e conhecerem sua cultura, suas origens que ele não teve essa oportunidade quando adolescente. Realizaram a prática cantando as músicas do maculelê "Bom dia, pra quem é de bom dia" em círculo e sempre de dois em dois indo ao meio e realizando os movimentos do maculelê.

Diário de campo 10-17/04/19 - Ensaio teatro "Maculelê" - escolha dos personagens/roupas das danças populares de como iremos realizar a nossa apresentação - como iniciar / terminar - informática

A aula se iniciou na informática em que os alunos escolhem de quais danças populares vão participar, assim como cada grupo de cada dança ficou responsável em ouvir as músicas das danças escolhidas, ver escolher as roupas que são utilizadas e pensar em formas de como adaptá-las.

A aluna Louise na informática me chamou para mostrar os sites que pesquisou as formas de como fazer as saias das danças escolhidas, que ela havia pensado em uma saia em envelope dupla face, um lado florido outro branco para ser usada na balainha, pedi à ela que pesquisasse outras maneiras, pois a saia da balainha era toda fechada e do carimbo rodada e como poderíamos fazer isso.

spiral

17 04 19
dia mês ano

Femmina

O grupo que ficou responsável pela decoração que são 3 alunas pesquisaram ideias para produzirem o cenário, mas é sempre necessário que eu ou a Adriana fique estimulando-as perguntando o que pesquisaram, o que acharam, pois desde o início da eletiva elas 3 disseram que não querem se apresentar com nenhuma dança, mas falamos para elas que na última dança que é o samba de roda elas terão que participar, pois são todas da eletiva que estarão neste momento se apresentando.

A pesquisa realizada por elas: elas viram como são as festas populares em que as danças escolhidas estão presentes como são decoradas tais festas para na próxima aula expor suas ideias à turma.

As alunas que escolheram a balainha já tiveram ideias de como decorar seus aros as cores que querem decorar de vermelho e branco, pensarem na saia branca e blusa vermelha, conseguiram nesse momento definir a música que irão dançar e começaram a ver como é a dança, seus passos e formações. Elas se empolgaram e disseram nesse dia não ver a hora de iniciar a dança. A aluna Tamara que no início se negava a dançar disse que gostaria de participar da balainha e que iria dançar.

O grupo que escolheram o carimbó pesquisaram suas vestimentas, passos característicos, músicas

Femmina

17 04 19
dia mês ano

do carimbo escolheram a música chamada "ai, menina", o único menino que temos na eletiva decidiu ficar no carimbo e ajudou na pesquisa.

O grupo do frevo pesquisou roupas, acessórios, músicas e formas de como fazer a roupa do frevo, nesse primeiro momento já decidiram a música do frevo para depois mostrar ao grupo.

Após tais pesquisas cada grupo socializou suas ideias, as músicas e as decorações que acharam em sites, documentários para decidirem a culminância da eletiva e a definição dos grupos.

Diário de campo 11-24/04/19 - Vivência das danças populares escolhidas pelo grupo: Maculelê, Carimbo, Balainha, Frevo e Samba de roda, com vestimentas na quadra.

Atividade inicial - conhecendo o espaço e no parar estaturas com apoio (aquecimento) em que deviam parar nos lugares de acordo com os comandos parados pela prof^a de Geografia onde o sol nasce, se pôs para percebermos se conseguimos se localizar no espaço. Após a atividade as prof^{as} disse que todos conseguiram se localizar onde o sol se pôs e deu parabéns à turma. Após tal atividade pedimos que se dispusessem pela quadra e colocassem as roupas quem trouxe, quem não trouxe nós tínhamos algumas com nós professoras. As

spiral

24 04 19
dia mês ano

Feminina

alunas colocaram as roupas, e começamos a vivenciar os passos primeiramente do "carimbo" em que pedimos para que observassem como eram os movimentos de braços, pernas dos participantes da dança, através de um vídeo que colocamos à eles, e partir daí vivenciamos o carimbo com seus giro, círculos, movimentos de ombros, pés, o talu no 0906 disse que gostou do carimbo e que iria participar dessa dança, ele se soltou durante a vivência com seus gestos e adorou realizar. Percebi que durante a vivência algumas alunas estavam com vergonha de vivenciarem, praticarem por estarmos na quadra, um lugar aberto e que todos os colegas de outras eletivas podiam vê-las dançando, disse à elas para nem se preocupando, pois conforme escolhida a dança, nossa culminância seria para a escola toda.

Depois vivenciamos a "balainha" em que puderam observar, praticar os passos típicos desta dança, algumas alunas gostaram da dança, e imediatamente já disseram que elas iam ficar responsáveis em criar a coreografia da balainha, já começaram a pensar em formas de como decorar os arcos, que cores colocariam.

Tomamos também a vivência do fevo em que vimos os passos e tentaram realizá-los

Femmina

24 04 19
dia mês ano

deixando que tal dança é legal, agitada e bonita e outro grupo de alunas já se interessaram em dançar, o freio para a culminância? Algumas alunas consideraram os passos do freio uns dos mais difíceis de serem realizados.

Por último tivemos o samba de roda em que alguns disseram não saber dançar samba, mas ao observarem o vídeo e regularizarem os passos perceberam que não era difícil, que tal dança é em roda e que cada um pode entrar na roda e realizar os passos a sua maneira.

Tal atividade foi produtiva, prazerosa no sentido de que a partir de tá vivências as alunas conseguiram e puderam escolher de qual ou quais danças elas gostariam de apresentar na nossa culminância, no fim a maioria já havia perdido a vergonha.

Diário de campo 12-08/05/19 - Início dos ensaios das danças populares pelos grupos maculelê, balunha, carimbo, freio, samba de roda e produção da decoração da culminância.

Tal aula teve início com a separação dos grupos que decidiram pelas danças em que começaram a conversar entre eles para decidirem a música, os movimentos que iriam realizar, como iriam iniciar sua apresenta-

spiral



08 05 19
dia mês ano

Femmina

coz.

A partir dessa aula os grupos começaram a se reunir com os alunos que escolheram as danças, sendo que eu como professora fiquei responsável em passar por cada um dos grupos para orientá-los, observar e analisar como cada grupo se organizou, enquanto que a professora Adriana ficou responsável em orientar o grupo da decoração, pois a partir da aula de hoje elas vão conversar, discutir ideias para o cenário da nossa culminância.

Grupo 1 - Maculelê: durante o ensaio do maculelê tivemos a ajuda e participação de um dos integrantes do grupo que trouxe a vivência para nós no dia 20/04 em que ele ficou responsável em passar aos integrantes a história do maculelê que iríamos representar, bem como as músicas e os passos característicos da dança com o acompanhamento do atabaque e a ajuda da aluna Estellar que já conhecia o ritmo e a forma de tocar os bastões.

Nessa primeira aula a aluna Estellar realizou com as colegas estrelinha, cambalhota para ver o que elas sabiam fazer para ter ideias de como se apresentariam na culminância, as alunas deste grupo se organizaram entre elas e cada uma ia dando sua opinião de como poderiam se organizar

Femmina

08 05 19
dia mês ano

para a apresentação nessa primeira aula de ensaios.

Grupo 2 - Balainha: durante essa primeira aula as alunas que decidiram dançar a balainha se reuniram, assistiram a vídeos no youtube de apresentações realizadas em que começaram a discutir, comentar sobre como seriam seus movimentos com os arcos, já começando a iniciar as posições dos movimentos característicos da balainha, mas ainda não conseguiram definir qual música seria, e quais seriam as duplas. Nesse primeiro momento pediram para eu filmar o que já tinham criado e deixar registrado para que não esquecessem do que haviam criado.

Grupo 3 - Carimbo: os alunos que escolheram o carimbo em um primeiro momento não estavam se concentrando no que havia sido proposto para a aula, estavam conversando entre si sobre outros assuntos, foi o grupo que eu tive que orientar por mais tempo nessa aula conversando com eles sobre qual música iriam escolher, como eram ser os passos para a apresentação, e mesmo assim nessa primeira aula não conseguiram se organizar.

Grupo 4 - Frevo: as meninas desse grupo nessa primeira aula não conseguiram se reunir por ter alunas que dançariam outras danças, além do frevo, e como estavam nos outros grupos não conseguiram se reunir nessa aula.

15 05 19
dia mês ano

Feminina

Diário de campo 13 - Continuação dos ensaios e criação das coreografias das danças populares escolhidas pelas alunas; elaboração do cenário em parceria com o clube juvenil de desenho. - 15/05/19

Na aula de hoje chegamos na quadra, realizamos a chamada, conversamos com as alunas sobre a forma que pensamos no cenário, decoração, o que elas acham e após a conversa pedi à turma que se dividissem nos grupos de cada dança para iniciarmos os ensaios das danças.

A aluna Louise iniciou a confecção de uma das saias do carimbo com a chita, disse também que faria os furinhos no colete do aluno 0906 que vai dançar o carimbo.

Durante a conversa sobre o cenário com todos, o pessoal que ficou responsável juntamente com a profª Adriana disseram que pensaram em fazer um mapa do Brasil no meio da cortina preta preso em um TNT preto, e junto escrever os nomes das danças com cartolina, decorando o cenário com as bandeiras dos estados brasileiros. Algumas alunas disseram que o mapa poderia ser feito na cartolina, e o cenário poderia ser decorado com fitas de cetim, isso foram opiniões dadas pela turma, porém ainda nada definitivo.

spirali

Femmina

15 05 19
dia mês ano

A professora Adriana estava sempre junto com as alunas da decoração, orientando, organizando tal grupo, pois por elas responsáveis pela decoração, elas queriam o que era mais fácil e prático, não dando trabalho a elas.

Grupo 1 - Maculelê - a aluna Estellar quando chegava na quadra já pegava os bastões da maíã as colegas que faziam parte do grupo e já começavam a ensaiar em duplas para pegarem o ritmo dos bastões, e junto cantavam as músicas com o acompanhamento do atabaque tocado pelo responsável do grupo que nos apresentou o "maculelê" e que estava presente em todas as aulas a partir do dia 08/05 (concluímos dele estar vindo sempre no dia da eletiva para ajudar e acompanhar os ensaios). Este grupo consegue se organizar, e ensaiar sem precisar que eu ou a profª Adriana fique orientando/mediando, as alunas já chegam, pegam o material necessário, e iniciam os ensaios, é um grupo que conversa entre eles, e tentam chegar a um acordo sobre o quê, como vão realizar sua apresentação.

Grupo 2 - Balaninha - na aula de hoje as alunas começaram a pensar de qual cor iam decorar seus arcos, se colocariam flores brancas e vermelhas, ou somente uma cor, assim como escolheram a música, e os pares que dançariam juntos.

Começaram a ensaiar explicando as colegas



15 05 19
dia mês ano

Femmina

os passos que haviam pensado a aluna Helena e Willy para as outras, e se estas concordavam ou não com o que foi mostrado, as alunas disseram que concordavam e que agora queriam ensaiar todas juntas para ver como ficaria. Neste grupo, nós temos uma aluna com dificuldades motoras que durante os ensaios se sentia insegura, e neste dia, ela disse que não iria mais participar, pois não estava conseguindo acompanhar as colegas, conversei com ela e expliquei que aos poucos ela iria conseguir acompanhar e que ela tinha que ensaiar, aí nesse momento, pedi a todas que ensaiassem e eu fiquei observando, e falando para a aluna que estava certa, que era só se concentrar e que ela conseguia, e fui falando o lado, como ela tinha que fazer e percebi que ela estava prestando atenção, e que se sentia segura quando a observava, e a elogiava.

Grupo 3 - Clarimbo - esse grupo durante o ensaio teve que permanecer com eles uma boa parte orientando-os para escolherem a música, os passos, como ficariam dispostos, era um grupo que tinha que acompanhar na maior parte da aula, dando conselho, dizendo para se concentrarem para os ensaios, pois por pouca coisa já começavam a se distrair e nada acontecia.

Grupo 4 - Lento - marcaram de estarem ensaiando no horário de almoço, pelos participantes fazerem parte de outras danças.

Femmina

22 03 19
dia mês ano

Diário de campo 14-22/05/19 - Continuação dos ensaios e criação das coreografias das danças populares escolhidas pelas alunas; início da decoração dos arcos para a balainha; confecção das roupas das danças populares.

No início da aula, as alunas responsáveis pela decoração já iniciaram seus trabalhos com a prof^a Adriana em que começaram a definir como seria o cenário a prof^a Adriana sugeriu que as bandeirolas dos estados fossem impressas e que elas iriam colorir com lapis de cor, e o mapa seria feito de retalhos de tecido, e começaram a pesquisar a origem das danças escolhidas para produzirem um texto para explicar à plateia.

Grupo 1 - Maculelê - o grupo já se reuniu pegar sam os bastões, e começaram a ensaiar cantando as músicas e fazendo a dramatização da história do maculelê junto com o acompanhamento do atabaque. As alunas estavam empolgadas ensaiando, se dedicando, conversando entre elas o que conseguem ou não realizar, diante de alguma dificuldade paravam e tentavam ajudar uma a outra. Grupo que quase não precisou de intervenção das professoras para mediar os ensaios.

Grupo 2 - Balainha - grupo que já pegou os arcos para ensaiar, mas ensaiaram uma,

spiral



Femmina

22 05 19
dia mês ano

duas vezes e paravam, portanto eu tinha que ir até o grupo e dizer que queria ver como estava para que elas ensaiassem mais, e sempre elogiar a aluna para que se sentisse segura e fizesse o seu melhor, foi uma estratégia que observei dar certo com ela, e sempre na primeira vez que ela ensaiava dizia estar nervosa, e que não sabia, ia acalmá-la e falava que ela estava fazendo certo, e então ela se soltava.

As alunas desse grupo começaram a dar mais atenção para a colega, e a ensaiar mais vezes durante a aula de eletiva.

Conversei nesse dia com o grupo dizendo que esse horário era para aproveitarem para ensaiarem e a hora que percebessem que a colega estava com dificuldade parar e recomenciar a dança. Grupo 3 - Larimbo - no ensaio de hoje o grupo ainda não tinha iniciado como seria a sua coreografia. Permaneci com o grupo um bom tempo da aula para ir falando e pensando em ideias junto com eles; quando começaram a decidir como iriam fazer a coreografia, seus lugares que o aluno 0906 iria permanecer no meio e sempre iria apresentar as colegas que estavam na dança através de gestos com a mão como acontece na dança original, depois decidimos como seriam os primeiros passos como entrariam no palco.

Grupo 4 - Frevo - duas alunas que não estão nas outras danças, começaram a ensaiar alguns passos durante a aula.



Femmina

23 05 19
dia mês ano

Diário de campo 15-23/05/19 - Continuação dos ensaios das coreografias das danças populares escolhidas pelas alunas; decoração dos arcos para a balainha; confecção das roupas das danças populares pelas alunas.

Iniciamos a aula hoje conversando com a turma sobre a questão da responsabilidade de estarem ensaiando, e de não faltarem no dia da culminância, que foi decidido entre 19 ou 25/06, que até semana que vem teríamos a certeza. Que todos devem estar presentes no dia da culminância, pois será o dia em que todos verão o que foi trabalhado em aula, e que precisamos de todos os componentes da turma, pois cada um tem sua responsabilidade no dia da culminância, e que somos um grupo, e se um faltar, ficamos desfalcados.

Todos disseram que estariam presentes no dia da culminância, e começaram a nos perguntar das roupas, das ideias que teriam para os arcos e que achamos de colar com papel crepom vermelho e colocar flores brancas e vermelhas, dissemos a elas que ficaria legal e que já poderiam começar hoje a encapar os arcos que faríamos uns 2 ensaios e depois poderiam encapar os arcos. A aluna Estella disse que ficaria responsável em fazer as roupas do "Maculelê" em parceria com a aluna Loure que hoje pega



23 05 19
dia mês ano

Femmina

riam as medidas das colegas, e passaram as ideias que tiveram de plegar com cola, quem te penas na saída do maculelê, que seria feita de juta, as meninas gostaram da ideia tiraram as medidas, e disseram que se elas precisassem de ajuda eram só pedir.

O aluno 0906 perguntou para a aluna Laize se os fuxicos que seriam postos no colete não demorariam, ela disse que faria mais próximo da apresentação.

Grupo 01- Maculelê- alunas já se organizaram, e começaram a ensaiar as músicas, a dramatização e a coreografia da dança, quando surgiu alguma dúvida elas paravam e conversavam entre si para retirar as dúvidas.

Grupo 02- Balainha- as alunas gravaram a música no celular ensaiaram com os arcos por duas vezes, e depois foram a uma sala para encapar os arcos, as 6 componentes do grupo subiram para ajudarem a encapar.

Grupo 03- Lasímbo- neste dia conversei com os integrantes do grupo que eles tinham que se concentrarem para ensaiarem sem realizar brincadeiras entre eles, sem conversar com alunos de outra turma, e eles me disseram que estavam com vergonha de ensaiarem na quadra por ter pessoas olhando, disse a eles que tinham de pensar que era o dia da apresentação, pois no dia teriamos pessoas de fora e que não podiam ter vergonha, e nesse dia permaneci no ensaio deles, pois percebi que eles se desconcentravam rápido, e precisavam de alguém para chamar de volta.

Femmina

05 06 19
dia mês ano

Diário de campo 16 - 05/06/19 - Ensaio geral da apresentação que ocorrerá na culminância desde o teatro do maculelê e sua coreografia até as origens das danças populares.

Ao iniciarmos a aula fizemos a chamada, e começamos a conversar sobre a importância de não faltarem no dia da culminância, pois precisamos de todos os participantes para acontecer a nossa apresentação, e que hoje em um primeiro momento, faríamos um ensaio geral desde o teatro do maculelê, até o samba de roda com todos juntos.

O pessoal responsável pela decoração iniciou as pinturas das bandeiras dos estados brasileiros, e disseram que tal pintura daria muito trabalho para elas realizarem, que achavam que o tempo não seria suficiente para elas conseguirem terminar, disse a elas que o tempo era suficiente, que deveriam utilizar o horário de almoço e os intervalos para terminarem de pintar as bandeiras.

Após tal conversa iniciamos o ensaio geral em que os alunos responsáveis pelo maculelê entraram e fizeram sua apresentação, perguntaram se estava bom a questão das alturas em que cantaram a música e se estavam centralizados.

Disse a elas que deveriam soltar mais a voz para que todos os presentes possam ouvir



05 06 19
dia mês ano

Feminina

tar, foi quando a aluna Estellar teve a ideia de usar os microfones com baterias de 2 professores, e ela me perguntou o que eu achava disse que era uma ótima ideia, e que ela podia conversar e pedir os microfones emprestados aos professores, e depois me confirmava.

Após a entrada do maculelê, o grupo responsável pelo larinbô entrou para se apresentar em que precisei estar falando com eles para se atentarem aos passos, se concentrarem, pois estavam perdendo os passos rapidamente, sendo que um colega não conseguia acompanhar o outro, e um rei do outro, foi quando parei e conversei sério com eles sobre a questão de realizarem a atividade com responsabilidade e atenção para que no dia da culminância não passassem vergonha, eles disseram que iriam se concentrar e melhorar conversando menos durante os ensaios, fiquei bem apreensiva e preocupada com este grupo por não estarem levando as atividades muito a sério.

Após a apresentação deles a "Balaunha" se apresentou disse à elas para não se perderem em relação ao espaço em que vamos nos apresentar, levando em conta as linhas da quadra para marcarem seus lugares e o centro do local da nossa apresentação, após continuaram a decorar os seus arcos na sala onde as meninas da decoração estavam pintando as bandeiras.

Femmina

05 06 19
dia mês ano

Por último as meninas que estão ensaiando o freio na hora do almoço, melhoraram sua coreografia para o grupo, sendo que todos os colegas observaram, analisaram a apresentação dizendo que estava linda, a partir desta observação dos colegas, notei que o grupo do carimbó converteu entre eles para que fizessem a sua apresentação com mais vontade, pois senão eles iriam passar vergonha, pois o freio estava muito organizado.

Pareceu que foi interessante para os grupos poderem ver um ao outro para despertarem em relação a levar mais a sério os ensaios de carimbó.

Diário de campo 17-12/06/19 - Ensaio geral com a leitura das alunas e as apresentações em suas ordens de entrada e saída para culminância. Continuação da produção da decoração.

Hoje iniciamos a aula com a leitura do roteiro de como vamos apresentar a nossa eletiva, sendo que uma das alunas responsável pela decoração disse que também gostaria de ler no dia da culminância, junto com outra colega que também se interessou em ler, então todos estavam com o roteiro, e estavam prestando atenção na leitura das duas alunas. Elas se interessaram mais em ler quando me perguntaram se poderiam estar com a roupa do freio, e disse

spirali



13 06 19
dia mês ano

Femmina

às elas que perguntaríamos à prof^a Adriana, mas que eu não veria problemas, mas que teriam que ensaiar junto com as danças, a partir de hoje, e elas toparam, e já se organizaram para dividir o que cada uma iria ler, após iniciamos o ensaio geral com a leitura iniciando como se o cenário já estivesse pronto.

Iniciamos com a leitura das alunas, e conforme elas iam lendo a explicação de cada dança, as alunas entrariam no palco para se apresentarem: 1^a apresentação do "Maculelê" as alunas entraram no palco realizaram sua coreografia e a dramatização da história da origem do maculelê, pedi às elas que cantassem mais alto para que todos consigam ouvir e entender, foi quando disseram que no próximo ensaio estariam com microfones. 2^a apresentação "Carimbo" os alunos estavam com vergonha, fazendo os passos da dança de qualquer jeito, pedi à eles que entrassem novamente para realizar de novo, e foi quando conversei sério com eles sobre se concentrarem para que fossem direito e com vontade, na hora eles ficaram bravos comigo, mas quando assistiram ao ensaio do "balanço" e do "freio" se sentiram na responsabilidade de melhorar a sua apresentação e decidiram ensaiar. Obs: o carimbo começou a ensaiar nos horários de almoço e quando conseguiram nos intervalos.

Femmina

19 de 06 de 19
dia mês ano

Atividade de campo 18-19/06/19 - Ensaio geral com todas as danças escolhidas e realização das apresentações dos narradores.

Hoje é o penúltimo ensaio antes da culminância, conversamos com a turma antes de iniciarmos as atividades dizendo a ela que ninguém pode faltar no dia, pois dependemos de todos para a apresentação, e que hoje o nosso ensaio seria com as roupas já prontas, o pessoal da decoração teve a ideia de fazer o mapa do Brasil com retalhos de pano representando as regiões do país, e elas subiram para outra sala para realizarem a colagem dos retalhos, enquanto as narradoras, e a turma que dançariam estavam se organizando para iniciarmos a nova apresentação.

Iniciamos o ensaio com a entrada das duas alunas que ficaram responsáveis em ler e apresentar as danças, elas estavam vestidas com a roupa do frevo, e ficou combinado com a turma que assim que elas lessem sobre o "Maculelê" o grupo entraria fazendo sua apresentação, uma das alunas já estava com o microfone, e me perguntaram se dava para escutar melhor as letras das músicas cantadas por elas, disse que sim, estava bem melhor, e que as outras tem que cantar alto para que todos escutem, elas estavam

spiral



19 06 19
dia mês ano

Femmina

organizadas no cenário da apresentação, fizeram sua parte de maneira correta, e disseram que estavam ansiosas para o dia 25/06/19. Após a apresentação agradeceram ao público, saíram do palco, e a narradora iniciou a leitura do "Lárimbo", ao término o grupo responsável pela dança entrou no palco organizados, foram para seus lugares, e ao ser colocada a música realizaram sua apresentação de forma correta, eles estavam concentrados no que deviam fazer e disse à eles que estavam de parabéns que os ensaios a mais serviram, pois conseguiram lembrar a maneira correta dos passos, e que tenham se concentrado no que se dispuseram a fazer.

A narradora leu sobre a "Balainha" e após a leitura o grupo entrou no palco já com a música, porém elas estavam nervosas e não lembravam de seus lugares, da coreografia que fizeram, então pedi que a narradora leu novamente sobre a "Balainha" e que elas entrassem de novo para lembrarem a coreografia, após conversei com elas e disse para ensaiarem e lembrarem os passos para depois repassarmos novamente, e foram ensaiar. Após a narradora leu sobre o freio, e elas entraram no palco e fizeram sua apresentação, disse à elas para que não se perdessem na questão do meio/centro do palco! após todos entram no palco, e temo o samba de roda em que chamamos todos da eletiva a dançar, e a aluna estellar canta o "samba de roda".

*Femmina*24 06 19
dia mês ano

Diário de campo 19 - 24/06/19 - elaboração e produção do cenário com alunas responsáveis pela decoração. Ensaio geral com as roupas, falas dos apresentadores na quadra.

Um dia antes da culminância, combinamos com a turma de nos reunirmos na 2ª (24/06) a partir do 12h30 para ensaiarmos com a cortina em que será colocado nosso cenário, e para o pessoal responsável pela decoração, pela produção dos fluxos e saídas, terminar os finalmentes para o dia 25/06/19. Alguns alunos(as) chegaram logo de manhã para ensaiarem suas danças, antes do ensaio geral, para arrumarem os arcos da balaustrada que durante os ensaios foram desencapando, então resolveram vir mais cedo para acertarem esses detalhes, o pessoal responsável pela decoração também já estava na escola logo cedo para começarem a colar o mapa do Brasil no TNT preto, e a profª Adriana junto com elas resolveram fazer com EVA letras com as danças populares características das regiões do Brasil, e com as cores mais predominante de cada região do Brasil, a partir daí iniciaram a produção das letras com EVA que seriam colocadas no TNT preto em cada região do Brasil, uma das alunas disse que não imaginava que teria tanto trabalho ficando responsável pela decoração.

spiral



24 06 19
dia mês ano

Femmina

Que essa parte seria mais fácil que se apresentar, mas percebi que a decoração também exigiu bastante dela. De manhã, estava junto com a prof^a Adriana, o pessoal da decoração ajudando-as a recortar e iniciar a colagem do nome da eletiva e do mapa do Brasil no TNT preto.

A partir das 12h30 iniciei com a turma o ensaio geral com a cortina já colocada na quadra, e as roupas dispostas em sua ordem na arquibancada da quadra para quem vai trocar de roupa e se apresentar mais de uma vez, deixamos tudo organizado para começarmos o ensaio, sendo que disse a eles que hoje eu não falaria nada, só observaria.

Iniciamos o ensaio com as narradoras/apresentadoras saindo da cortina, e começaram a apresentar a eletiva e as danças, sendo que cada dança saiu e entrou no seu tempo certo, quando erravam pediam para voltar a música, e elas leram de novo para iniciarem novamente a apresentação para que ficasse tudo organizado para o dia 25/06/19, todos estavam concentrados para o último ensaio, e sempre iam me falar que estavam ansiosos para amanhã (25/06) disse a eles que eu também estava, e que tudo daria certo, pois todos se empenharam em fazerem o seu melhor. As alunas que apresentaram tiveram a ideia de cada uma sair de um lado da cortina e permanecerem no meio e depois irem para a lateral.



Femmina

25 06 19
dia mês ano

Diário de campo 20-25/06/19 - Femmina da decoração do cenário na quadra durante a manhã produção das participantes com as maquiagens e culminância da eletiva Danças Populares.

Hoje já iniciamos novo dia com o término do painel da decoração em que faltava cortar algumas letras de EVA para os nomes das danças populares das regiões, após fizemos o painel para a quadra onde estendemos ele no chão, e iniciamos a colagem das letras com os nomes das danças pelas regiões do Brasil dividimos por cores e as alunas perceberam pela decoração estavam nos ajudando, assim como outras alunas foram chegando e nos ajudando enquanto nós começamos a se maquiar e arrumar o cabelo para a apresentação. Eu, assim como as meninas da decoração e prof^a Adriana estávamos a pensar se conseguiríamos terminar a tempo nossa decoração, mesmo com as colegas ajudando pois tínhamos que colar o nome de todas as danças, pendurar o cenário nas cortinas, as bandeiras dos estados brasileiros, e sim como arrumar outros materiais que trouxemos para decorar, foi quando a aluna Manuella disse que não sabia que a "Escola Vera Braga" dava tanto trabalho para ela, que ela não imaginava que faria uma decoração em um evento da escola", pois ela é





25 de 06 de 19
dia mês ano

Feminina

uma aluna, que entrou este ano na escola, e que não está acostumada a realizar tais atividades na escola onde estudava. E ela disse também que estava gostando dessa experiência, que era diferente.

As alunas que vão participar da dança já estavam se arrumando fazendo a maquiagem em que decidiram colocar sombra vermelha, e uma maquiagem discreta, pois algumas alunas não participam de mais danças então decidiram por uma maquiagem que ficasse boa em todas as danças, para não precisarem trocar, a aluna Estelara fez a maquiagem de várias meninas, e conforme elas iam ficando prontas apareciam na quadra para mostrar para mim e para a profª Adriana, e dizíamos que tinha ficado ótimo, um outro grupo a aluna Maquela foi quem maquiou e que também foi nos mostrar como estava ficando. As meninas iam sempre na quadra nos mostrando maquiagem, assim como dizer que estavam ansiosas com a apresentação.

Enquanto isso estávamos fazendo a colagem no chão da quadra, ao terminar umas 15:00 começamos a pendurar o painel na cortina, e as bandeiras dos estados brasileiros, as alunas responsáveis pela decoração disseram estar cansadas, disse que agora faltava pouco, e que era só decorar as mesas com

Femmina

25 06 19
dia mês ano

cerâmicas que conseguimos do Pará, açaí, cupuaçu que vieram também da região norte para ficarem expostos no nosso cenário, colocamos também os mapas de fluxo migratório feito pela turma, era 12h30 quando terminamos tudo e deixamos preparado para a apresentação que começaria às 14h00 com as danças populares.

Nesse intervalo de tempo, as alunas já estavam se arrumando colocando as roupas da apresentação, enquanto quem iria tocar de roupa já estavam deixando tudo preparado atrás da cortina do cenário onde iam nos apresentar, para que conseguissem se trocar com calma.

As alunas já estavam todas prontas, e vinham falar comigo e com a Adriana dizendo que estavam nervosas e ansiosas para se apresentarem, disse a elas que era natural e que eu também estava nervosa e ansiosa, deixem respirar fundo e olhar para o horizonte na hora da apresentação para não ficarem nervosas, e que daria tudo certo, pois elas ensaiaram, se organizaram e estava tudo ótimo a partir daí se acalmaram um pouco, e não usaram a hora de começar.

Nossa apresentação se iniciou às 14h00, todos os alunos já dispostos atrás das cortinas, arrumei o som, a plateia (pais, colegas, professoras, supervisora, PCNPs, direção) já estavam em seus devidos lugares, conversei com todos nos bastidores, e disse às alunas Gary



25 06 19
dia mes ano

Femmina

nara e Manuela ao meu sinal entrarem e começaram a leitura de apresentação da disciplina explicando a plateia o que ocorreu na leitura de danças populares (ambas estavam caracterizadas com a roupa do frevo), após leram sobre o "maculelê" e iniciamos a apresentação em que o grupo entrou cantando a história do maculelê e dramatizaram tal história, depois o grupo fez uma apresentação com a música "Boa noite, pra quem é de Boa noite", a plateia estava concentrada prestando atenção no que as meninas cantavam e dramatizavam, e ao final todos aplaudiram. Após apresentaram o lrimbo explicando sua origem e ocorreu a apresentação da dança com a música "Ai menina" em que a hora que as alunas entraram a plateia aplaudiu percebendo que o público estava gostando da apresentação, e iniciou-se a apresentação do lrimbo em que todos bateram palmas junto, os alunos foram aplaudidos ao terminarem a apresentação, e por ser esse o grupo em que precisei estar sempre junto para que ensaiassem e não se desconcentrassem eles fizeram uma excelente apresentação, e que estavam gostando de estarem se apresentando e de ver a plateia estar gostando deles. Ao término a aluna Manuela leu sobre a "Balamba" e tivemos a apresentação do grupo da balambinha em que elas entraram já dançando

Femmina

25 06 19
dia mês ano

Continuação do diário de campo 20-25/06/19.

com seus arcos em mãos, para esta apresentação foi em um determinado lugar ao fundo para que a aluna Ana pudesse me ver e se sentir segura para realizar a coreografia, por ela apresentar dificuldades motoras e conforme eu ia fazendo gestos positivos à ela fui percebendo que ela se sentia segura para realizar a dança de forma correta e sem medo. A apresentação da batatinha também foi muito aplaudida pela plateia e que pude perceber e que todos estavam gostando do que estavam assistindo, e conhecendo um pouco das danças populares brasileiras, ao saírem do palco, a aluna Thamará apresentou o frevo e tivemos a entrada do grupo do frevo em que entraram com a música, e ao entrarem a plateia já os aplaudiram foi uma apresentação muito emocionante, por estarem caracterizadas, e as meninas também estavam eufóricas em apresentar tal dança popular, sendo que tal coreografia foi toda criada por elas, e ensaiaram sempre em seus horários de almoço, o público estava admirado com a apresentação do frevo bateram muitas palmas e consegui perceber que a plateia estava admirada com tudo que tinha sido apresentado até o momento. Ao terminar o frevo tive-

spiral

25 06 19
dia mês ano

Feminina

mos a leitura do "sambá de roda", nesse momento todos os participantes da eletiva entraram no palco e a aluna Estellar cantou junto com o atabaque o sambá de roda e todos nós estávamos batendo palmas no ritmo e cada um ia entrando do meio, dançando e saia, todos que estavam na plateia prestou atenção ao que a aluna cantava, e ao final demos as mãos e agradecemos ao público, e pedimos a eles que permanecessem em seus lugares, pois toda dança popular é uma comemoração, e termina com uma comida sendo servida, a aluna Thampara fez soupe o milho e todos os integrantes da eletiva foi de encontro ao público para servir o curau a quem estava presente na plateia. Todos gostaram e se surpreenderam com o curau sendo servido ao final da apresentação.

A aluna Louise não conseguiu ir ao samba de roda, ela estava muito nervosa, dizendo que tinha gostado de se apresentar no maculelê, mas que para esse final ela não ia conseguir entrar, estava chorando, disse a ela para respirar fundo e se acalmar, e de que não seria necessário ela entrar junto com nós, pedi que ela arrumasse os potes do curau enquanto nós estivéssemos nos apresentando no sambá de roda, a partir daí ela se acalmou.

*Femmina*25 06 19
dia mês ano

Foi uma experiência muito produtiva desenvolver a eletiva danças populares deixando que os participantes fossem dando suas opiniões, sugestões do que, de como seria produzindo a roupa culminância, a maneira de como cada grupo encontrou para ensaiarem, colherem as roupas, músicas e passos que estariam presentes nas danças populares, e que aos poucos cada integrante da disciplina ele teve percebido que todos eram importantes para que ocorresse os ensaios, a produção e escolha das roupas como iriam fazer, quem ia ajudar quem, e pude perceber, conhecer hobbies de cada participante descobrindo que algumas costuravam, faziam fuxico, a criatividade de como decoramos sendo que todos puderam participar, falar o que achavam, que algo podia ser mudado, sendo que elas aprenderam a respeitar um ao outro, a ouvir opiniões. E o mais gratificante, foi perceber em alguns participantes a mudança de atitudes do início ao final da disciplina, algumas que no início disseram não gostar de dançar, e não iriam se apresentar na culminância, conforme os conteúdos foram sendo apresentados essas mesmas algumas vieram até mim, e disseram que gostariam de dançar, e já tinham até escolhido de qual dança popular brasileira participariam, e que estavam animadas com as escolhas, e não iam

spiral



23 06 19
dia mês ano

Feminina

a hora de se apresentarem, mesmo tendo estas vergonha, a cada aula vinham e faziam comentários de que estavam muito animadas com a eletiva!

E no dia da culminância após o término disseram que se sentiram muito bem e que adoraram tal experiência.

APÊNDICE H – Diário de Campo de Geografia

06 de fevereiro

No dia 06-02, ocorreu a apresentação da Eletiva para toda a Unidade Escolar e nós, professores Adriana e Camila, nos apresentamos caracterizadas com vestimentas da dança popular brasileira como o Carimbó e com cartaz em mãos que trazia imagens de algumas danças populares brasileiras.

Os alunos foram receptivos, mostraram alegria e entusiasmo ao ver a vestimenta, alguns interagiram com a professora Camila ao responder alguns questionamentos em relação aos aspectos que seriam estudados como: citavam as regiões brasileiras, palpites de algumas danças – frevo, funk. Uma aluna questionou a ligação da Eletiva com o Projeto de Vida e com a área do conhecimento envolvido. Uma das professoras relacionou com a área de Humanas, curso de Educação Física, dança.... Percebi que alunos que gostavam de atividades ligadas ao movimento, corpo, comida, festa e sentiram-se motivados. Um dos alunos, ao ver as imagens do cartaz, não reconheceu nenhuma música popular brasileira nem mesmo o frevo.

13 de fevereiro

Com a música “As três raças”, de Clara Nunes, realizamos uma dinâmica para apresentação dos alunos e o gênero musical de que mais gostam. A professora Camila apresentou a Eletiva informando-os que iriam participar da pesquisa de Mestrado.

Na sequência, foi apresentado um *slide* sobre as danças populares brasileiras e sua relação com as regiões do Brasil. A reação dos alunos, em sua grande maioria, foi de não reconhecer as danças visualizadas; alguns mostraram interesse em aprofundar os conhecimentos e outros acharam engraçado algumas das danças. No *slide*, foram apresentadas a Árvore Genealógica das professoras para sensibilizá-los sobre a influência cultural, religiosa, costumes e danças presentes no meio onde vivemos que são reflexo das correntes migratórias externas e internas, foram e são responsáveis pela diversidade étnica, cultural, religiosa do país onde vivemos e de nosso município. Os alunos responderam à pesquisa e levaram para casa um modelo da Árvore Genealógica.



20 de fevereiro

Expusemos o que seria realizado na aula e instruímos os alunos sobre o que desenvolveríamos ao longo da Eletiva, pois alguns estavam ansiosos em relação às danças e aos ensaios. Introduzimos a aula com alongamento, na sequência ouviram a música de Lenine “Sob o mesmo céu” e conversaram em grupo sobre dela, identificando a diversidade natural, étnica, social, econômica. Criaram formas de representar, com movimentos, as estrofes das músicas e apresentaram-se para os demais grupos. Para finalizar, a professora Camila fez uma roda de conversa para ver se todos conseguiram identificar o que estavam representando.

Para a próxima semana, ficou estabelecida a entrega da Árvore Genealógica e mais informações. Uma das alunas não quis participar e foi pedido para ela fotografar e filmar a apresentação dos grupos e ela não recusou.

13 de março

Foi realizada a montagem do mapa indicando a direção dos movimentos migratórios internos e internacionais dos familiares dos estudantes

Os alunos compartilharam em grupo suas pesquisas em relação as suas origens, comidas, religião, danças. Alguns grupos não conseguiam perceber a influência de seus familiares nas coisas do dia a dia, nós professoras tivemos que intervir e mediar a conversa, a fim de fazer com que reconhecessem na vida diária dos familiares a influência da cultura, religiosidade, alimentação, danças que herdaram de seus antepassados. Alunos como a Mirela e Bruno conseguiram identificar com maior facilidade, sendo perceptível que muitos alunos do grupo que acompanhei não conversam muito com seus familiares e não conhecem suas origens e sua história era pouco lembrada.

Na sequência, os alunos indicaram, com linhas, as origens internas e externas de seus familiares. Entre as migrações internas, destacaram-se as origens provenientes dos estados do Paraná, Minas Gerais, Bahia; em relação às origens internacionais, o maior número foi da Itália e Portugal. Os alunos mostram-se interessados em localizar a origem dos familiares. Na sequência, os alunos foram convidados a participar de uma gincana para associarem as danças populares com as respectivas regiões do Brasil, mostram-se entusiasmados e muito confusos ao verificar muitas danças das quais nunca tinham ouvido falar.

20 de março

Iniciou-se a aula na sala de informática com a devolutiva da atividade realizada na aula anterior e com a premiação dos grupos que tiveram o maior número de acertos ao associar corretamente as danças populares e suas respectivas regiões. Também foi apresentada uma sugestão de como poderia ser introduzida a nossa Culminância, elaborada pela professora Camila e Adriana, que foi aprovada pelos alunos. Na sequência, os alunos realizaram a pesquisa sobre todos estados brasileiros e as danças mais características de cada um deles; muitas das danças eram desconhecidas e alguns grupos mostraram-se espantados quanto ao número de danças da região nordeste. Cada grupo escolheu uma ou mais dança para aprofundar a pesquisa, através de registros.

27 de março

Iniciamos com uma gincana com estafetas para os grupos de alunos associarem as comidas típicas com as receptivas regiões do Brasil. Antes, os alunos conversaram e pesquisaram no celular sobre as comidas e suas regiões. Iniciamos a gincana com a participação de todos os alunos que se mostraram motivados em tentar localizar de forma assertiva. Na sequência, os alunos visualizaram as danças populares pesquisadas na aula anterior. Algumas danças não foram muito valorizadas, principalmente aquelas com maiores semelhanças com as danças indígenas e com sapateados como a catira.

03 de abril

Terminamos de visualizar as danças populares pesquisadas pelos grupos como o Maculelê, não valorizada por muitos deles. A aluna Thaína fez referência à dança e disse que poderia ser apresentada em forma de teatro. Os alunos escolheram o que seria apresentado na Culminância como o carimbó, balainha, frevo e samba. A aluna Beatriz queria apresentar apenas uma dança, enquanto a Beatriz Jardim pensou em apresentar vários ritmos e finalizar com o samba, vencido pela maioria. Alguns alunos mostraram-se resistentes.



10 de abril

A visita do capoeirista Vitório permitiu conhecermos a origem do Maculelê. Todos os alunos ouviram com atenção, não fizeram muitas perguntas, mas conseguiram ver mais sentido na relação da história dos povos africanos com a nossa e a relação com o ritmo da música. Vitório convidou a todos para vivenciarem passos e o uso dos bastões. No início, todos os alunos participaram mostrando-se satisfeitos e felizes, bem menos resistentes, mas no momento que foi pedido para alguns alunos entrarem no círculo e dançarem espontaneamente, poucos foram até o centro. De forma geral, os alunos conseguiram valorizar os ritmos desconhecidos pela maioria.

17 de abril

Ausente – Ensaio.

Participei de reunião do Método de Melhoramento por Resultado.

23 de abril

Os/as estudantes visualizaram vídeos das danças escolhidas e os passos básicos do carimbó, frevo, balainha e samba de roda. Deram sugestão do figurino para a apresentação. Foi realizado um alongamento pela professora Camila que trabalhou com uma dinâmica na qual os alunos circulavam pela quadra no ritmo do som e tornavam-se estátua com a parada da música e se posicionavam de acordo com o comando da professora que determinava a quantidade de pontos que deveriam utilizar. Todos os alunos realizaram a atividade, alguns mais dispostos e outros reclamavam de cansaço. Para finalizar, o comando dado foi o de ficarem no ponto oeste da quadra, onde alguns tentaram buscar o sol que estava um pouco encoberto, alguns foram para direção correta, mas outros se mostraram muito confuso.

Na sequência, os alunos começaram a vivenciar a dança do carimbó, frevo e balainha. A participação dos alunos atraiu outros alunos e funcionários que ficaram vendo os alunos dançarem, alguns alunos ficaram com vergonha e abandonaram a dança alegando cansaço, mas que na verdade era vergonha. As alunas Manoela e Analice que não dançaram ficaram filmando e fotografando. Algumas alunas como a Tatiara envolveram-se muito e tentaram ensaiar todos os passos.

08 de maio

Ausente – Ensaio

Participei de reunião do Método de Melhoramento por Resultado.

15 de maio – Preparação da Culminância.

Os alunos se dividiram em grupo e cada um ensaiou sua dança escolhida. Houve ensaio para a representação teatral do Maculelê com a participação do capoeirista. O grupo da Balainha foi conduzido pela aluna Vanessa e o grupo do Carimbó, em alguns momentos, necessitou da colaboração da professora Camila para alguns passos. O grupo da decoração teve dificuldade em encontrar a melhor forma de elaborar um painel para a apresentação das danças e chegaram num consenso que iriam colocar no fundo um mapa do Brasil com seus respectivos estados e depois iriam ver o que poderiam associar a cada região; decidiram escrever os nomes das danças populares que pesquisaram para ilustrar os estante da eletiva. As letras não ficaram a contento dos professores e de alguns alunos.

22 de maio

Ocorreu a continuidade dos ensaios com a participação do capoeirista na representação teatral do Maculelê ao som do instrumento do atabaque. De forma autônoma, a aluna Thaína conduziu os ensaios e no grupo da Balainha, a aluna Vanessa também conduziu os ensaios. O grupo do Carimbó necessitou da colaboração da professora Camila. No grupo da decoração, foi discutido o roteiro a ser desenvolvido na apresentação das danças, pesquisaram e, sob a orientação da professora Adriana, identificaram os melhores sites para pesquisa, entre eles “Brasil escola; os aspectos culturais das regiões brasileiras”, ficou combinado que na próxima aula iriam trazer os itens pesquisados e organizados em forma de uma produção textual, além de digitalizados todos os nomes das danças a ser apresentadas.

29 de maio

Como na semana anterior, houve a continuidade dos ensaios da mesma forma e mostraram como ficou a coreografia do frevo que estavam ensaiando no horário do almoço durante a semana, já que algumas alunas estavam inseridas em



outras apresentações. Utilizaram-se de vídeos que ensinam passo a passo do frevo. A aluna Lívia trouxe os itens pesquisados para a elaboração do roteiro, mas não conseguiu identificar a origem da Balainha, Maculelê. Trouxe um modelo de letra que gostou para utilizar na representação das letras. As alunas iniciaram a confecção de bandeiras dos estados para associar com as danças representativas de cada região.

05 de junho

A equipe da decoração continuou pintando as bandeiras para serem utilizadas na decoração, reclamando um pouco, pois iria demorar muito. A professora providenciou lápis melhores e contaram com a ajuda do colega Rian. Enquanto isso, no mesmo espaço, as alunas da Balainha, depois de terem ensaiado parte do grupo, encaparam os arcos com papel crepom e iniciaram a colagem das flores, uma das alunas ficou ensaiando a aluna que ingressou na dança de forma autônoma. Na quadra, a costureira tirou medida das meninas para confeccionar a roupa do frevo. Na sequência, a professora Camila acompanhou os ensaios, pois os alunos do Carimbó necessitaram da presença dela. Alguns alunos eram desatentos e se perderam na coreografia.

Já no ensaio do teatro do Maculelê, elas conseguiram desenvolver com autonomia e para encerrar mostraram o frevo que está sendo ensaiado no horário do almoço que por sinal a coreografia ficou maravilhosa, encantando todos que estavam vendo.

12 de junho

Demos início, pedindo para todos os alunos observarem e ficarem atentos, na sequência do roteiro que seria utilizado no dia da apresentação. Ele foi dividido entre três alunas que fizeram uma leitura geral e depois novamente e distribuindo entre elas. Alguns alunos ficaram atentos e dois alunos mexiam no celular enquanto era feita a leitura e eu tive que chamar a atenção. Depois no coletivo, as alunas dividiram melhor entre elas as partes a serem lidas, uma das alunas (Manoela) trocou o trecho que iria ler, pois tinha achado difícil. Duas alunas da decoração pediram para ir até a sala para continuar pintando as bandeiras com receio de não dar tempo. A professora Camila pediu para todos ficarem na posição correta atrás



das cortinas para fazermos um ensaio geral seguindo a sequência a ser utilizada na Culminância. Utilizou-se microfone para introduzir a apresentação, as alunas cumprimentaram os presentes e deram início. A representação do Maculelê se deu com alguns erros, pois algumas coisas tinham sido alteradas no ensaio anterior e alguns tinham esquecido, uma das alunas não veio no ensaio anterior e por isso teve mais dificuldade. Repetiram a parte final para chegar no correto. Na sequência, tivemos o Carimbó que apresentou muitos erros e desajustes, algumas alunas ficaram com vergonha e não prestaram muita atenção nos passos. A professora falou para pararem e ensaiarem de novo e separadamente, alguns não gostaram. Depois foi a vez da Balainha que terminou a apresentação muito antes da música e precisou de ajuste. A professora fez correções para usarem mais o centro da quadra. Por último, o frevo mostrou alunos muito entusiasmados e as pessoas que viam de longe gostaram. Houve a necessidade de observar que estavam utilizando muito espaço – estavam avançando a linha.

Por último, as apresentadoras convidaram todos a dançar o samba de roda, ensaiando nas palmas com o ritmo do pandeiro. A maioria das alunas tinha vergonha de entrar no meio da roda. Depois disso, a professora Adriana foi verificar com estava a parte da decoração e encontrou todos trabalhando e até com ajuda de outros alunos. O grupo da Balainha não tinha decorado o arco, pois estava sem alicate para cortar as flores. Uma das alunas levou as flores para cortar em casa.

19 de junho

Dividimos a turma em dois grupos: da dança e da decoração. Eu, professora Adriana, fiquei na decoração e professora Camila nas danças (quadra). Na decoração, montamos o mapa do Brasil com retalhos para simbolizar a diversidade natural, étnica, social, econômica e histórica do país, como se fosse uma verdadeira colcha de retalho. Para cada região, utilizamos uma cor de destaque: o norte com verde; o nordeste com azul; o centro-oeste com amarelo; o sudeste com vermelho; o sul com branco para diferenciarem as regiões administrativas do Brasil, segundo IBGE. A aluna Analice se empenhou muito e mostrou-se motivada, enquanto a Aluna Lívia encarregou-se de montar as letras para escrever no painel o nome da Eletiva sobre danças populares com total autonomia. Foi um trabalho que contou com a participação da professora Camila, após o término dos ensaios. A aluna

Manoela, que estava ensaiando a apresentação, também colaborou com a montagem após o término da aula. As demais alunas também ficaram ajudando no término até colarmos as letras e o mapa no TNT.

24 de junho – Semana da Culminância

Continuamos a confecção de letras para montarmos o painel indicando as danças típicas de cada região do Brasil, utilizando as cores em destaque no mapa para cada região, de forma associar as regiões e suas danças. Vários alunos de outras Disciplinas Eletivas contribuíram na confecção das letras, pois também se sentiram motivados com o clima e danças a serem apresentadas. Enquanto isso os demais alunos arrumaram os bambolês da Balainha e realizaram os ensaios.

25 de junho – Semana da Culminância

Dia tão esperado por todos. Todos os alunos presentes, apenas Yasmim ausente. Terminamos de montar as letras e colamos no painel ao redor do mapa. O aluno Gabriel da 3.^a série utilizou o *spray* azul e marrom para pintar a fronteira marítima (leste) e terrestre (oeste) do Brasil, sendo sugestão do próprio aluno ao conversar um dia sobre a montagem do painel. As alunas, que apresentariam as danças de forma autônoma, se encarregaram de fazer os cabelos e maquiagem (no cabelo tiveram o auxílio da agente escolar Priscila). Professoras, alunas responsáveis pela decoração e outros alunos terminaram de montar o painel, pregaram as bandeiras dos estados ao redor dele e montaram mesinhas na lateral com atividades realizadas pelas alunas durante a eletiva (origem dos familiares e contribuições na comida, religiosidade, danças e costumes) e algumas peças e produtos agrícolas que caracterizam nosso país (máscara em cerâmica do Pará; arco e flecha; negro trabalhando com o cacau; instrumentistas do Nordeste; carro - de- boi; cana-de-açúcar; café, aça e, cupuaçu).

Tudo pronto. Início com a apresentação dos clubes e Eletivas Comunicação e Brumadinho. Na sequência, todos dirigiram-se à quadra dando início a apresentação com as alunas Taynara e Manoela com trajes do frevo. Antes do início, as alunas abordavam as características de cada dança. A primeira apresentação foi do Maculelê, na sequência o Carimbó, Balainha, Frevo e Samba de Roda com a participação das professoras. Para encerrar, falaram sobre a origem do cultivo do

milho no mundo e no Brasil e do curau derivado do milho e presente nas festas populares, servindo-o para todos os presentes. A aluna Manoela da 3.^a série ficou encarregada de soltar as músicas.

APÊNDICE I – Questionário Final

O que você aprendeu com a Disciplina Eletiva “Danças Populares Brasileiras”?

TRADUÇÃO DA TRADIÇÃO:

AS DANÇAS *brasileiras*

— NO ENSINO MÉDIO —



Camila Bloise Pieroni

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho.
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional.

BAURU 2020

Pieroni, Camila Bloise.

Tradução da Tradição : as danças brasileiras no Ensino Médio / Camila Bloise Pieroni ; Andresa de Souza Ugaya. – Bauru : UNESP, 2020
63 f. : il.

Produto educacional elaborado como parte das exigências do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF da Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru

Disponível em:

1. Danças Populares. 2. Educação Física. 3. Ensino Médio. I. Ugaya, Andresa de Souza. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. III. Título.

REALIZAÇÃO

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

Faculdade de Ciências – FC

Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES



SUPERVISÃO GERAL

Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya

ELABORAÇÃO

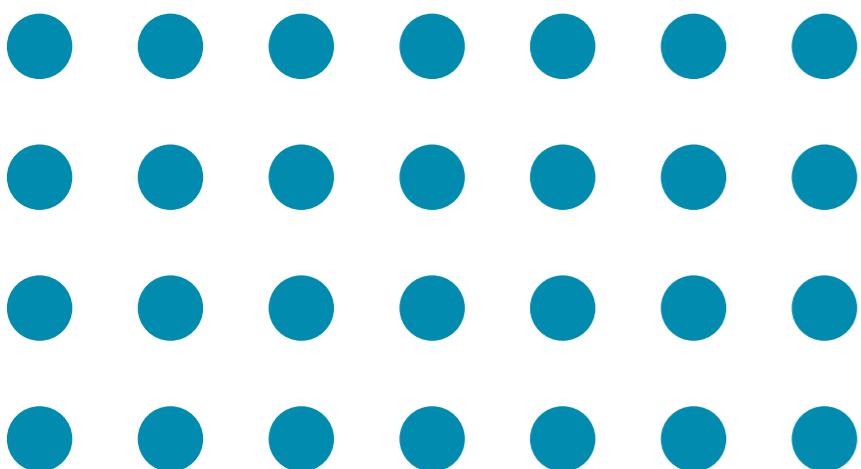
Camila Bloise Pieroni

ILUSTRAÇÕES

Paulo Teixeira

IMAGENS

Fotos extraídas da prática pedagógica da professora-pesquisadora devidamente autorizadas pelos/as responsáveis.



SUMÁRIO

Pedindo licença	6
Sequências Didáticas.....	12
Sequência Didática 1.....	14
Sequência Didática 2.....	15
Sequência Didática 3.....	16
Sequência Didática 4.....	19
Sequência Didática 5.....	22
Sequência Didática 6.....	25
Sequência Didática 7.....	26
Sequência Didática 8.....	27
Sequência Didática 9.....	28
Sequência Didática 10.....	31
Sequência Didática 11.....	32
Sequência Didática 12.....	33
Sequência Didática 13.....	34
Sequência Didática 14.....	36
Sequência Didática 15.....	39
Sequência Didática 16.....	42
Sequência Didática 17.....	45
Sequência Didática 18.....	48
Sequência Didática 19.....	51
Sequência Didática 20.....	52
Vamos dar a despedida	60
Referências	61



PEDINDO LICENÇA

Caro/a educador/a,

Este material didático intitulado “Tradução da Tradição: as danças brasileiras no Ensino Médio” é fruto da pesquisa “Danças Tradicionais Brasileiras: uma experiência no Ensino Médio de Tempo Integral” do Programa Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) que apresenta como um dos requisitos para conclusão do curso a elaboração de um produto que dialogue com os saberes produzidos pela pesquisa científica e com os saberes da prática pedagógica dos/as professores/as de Educação Física atuantes no ambiente escolar.

Assim, esse produto teve como propósito a apresentação das práticas pedagógicas realizadas durante o processo de ensino e aprendizagem das danças tradicionais brasileiras para estudantes das 1.ª a 3.ª séries do Ensino Médio de Tempo Integral na Disciplina Eletiva (DE) intitulada “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens” que consistiu em um trabalho conjunto da Educação Física com um componente curricular da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, a Geografia.

Este material didático está dividido em dois momentos. No primeiro momento, apresentamos o referencial teórico-metodológico para o ensino e aprendizado das danças tradicionais brasileiras na escola e, no segundo momento, destacam-se vinte sequências didáticas que foram propostas na DE.

Esperamos oferecer elementos que tornem as danças tradicionais brasileiras um conteúdo curricular que contribua para a desconstrução de estereótipos e de preconceitos, com o intuito de despertar nos/as alunos/as a responsabilidade, o respeito e uma postura ética em relação a essas culturas e a seus povos criadores.

Convidamos vocês a se juntarem a nós nesse caminho!

SALVE A CULTURA TRADICIONAL!

A dança como conteúdo da Educação Física Escolar se legitima no Ensino Médio com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que se apresenta como um “documento plural e contemporâneo, resultado de um trabalho coletivo inspirado nas mais avançadas experiências do mundo” (BRASIL, 2018, p. 5) e servirá de referência nacional comum e obrigatória para a elaboração dos currículos e das propostas pedagógicas dos estados, municípios com a preservação de particularidades regionais e locais.

A BNCC pauta-se em competências e habilidades e aponta a competência entendida como a “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos)” e as habilidades como as “atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (práticas cognitivas e socioemocionais)” (BRASIL, 2018, p. 8). Ela apresenta dez competências gerais que devem ser trabalhadas ao longo da Educação Básica e, dessas competências, cinco justificam o trabalho da dança como conteúdo da Educação Física no Ensino Médio:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural;
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artísticas, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo;
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas;
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades (BRASIL, 2018, p. 9).

Partindo destas competências gerais, os objetivos da área de Linguagens são ampliar a autonomia, o protagonismo e a elaboração das práticas de diferentes linguagens pelos/as alunos/as. O documento explicita que, no Ensino Médio, há responsabilidade de “propiciar oportunidades para a consolidação e a ampliação das habilidades de uso e de reflexão sobre as linguagens – artísticas, corporais e verbais (oral ou visual-motora como libras e escrita) – que são objeto de seus diferentes componentes” (BRASIL, 2018, p. 474).

A BNCC (BRASIL, 2018) considera a Educação Física como componente curricular da área de Linguagens por entender que “a corporeidade e a motricidade” são atos da linguagem.



Ao vivenciarem práticas da Educação Física, os jovens se movimentam com intencionalidades de origens pessoais e sociais com a cultura corporal de movimento.

Quanto às competências específicas da área que se enquadram e embasam o ensino da dança na Educação Física, temos:

Competência específica 3: Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Competência específica 5: Compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura corporal de movimento, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.

Competência específica 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (BRASIL, 2018, p. 481).

Partindo da compreensão que o Brasil é um país de grande dimensão territorial e com vasta diversidade cultural (indígenas, europeias, africanas, asiáticas etc), é responsabilidade ética da escola garantir que, em seu currículo, essa diversidade esteja presente e seja entendida como campo de conhecimento. Neste pensar, consideramos as danças tradicionais brasileiras como fonte importante e necessária de estudo da diversidade cultural presente em nosso território.

Desta forma, trazemos neste produto alguns conceitos para que o trabalho com as danças tradicionais brasileiras na escola esteja fundamentado e que possa promover uma ampliação no entendimento acerca desse campo do conhecimento.

Segundo Côrtes (2013), “as danças brasileiras devem ser consideradas como fontes de identificação cultural do país, sempre definidas no plural pela heterogeneidade que carregam cultural e geograficamente” (p. 53). O que configura as danças brasileiras serem consideradas tradicionais é o seu saber popular e os momentos em que elas ocorrem em uma determinada comunidade (CÔRTEZ, 2013). Nas palavras do autor:

Danças folclóricas ou tradicionais são manifestações culturais construídas coletivamente e tradicionalmente em um tempo e um espaço específico. Derivadas de um saber popular, elas constituem um elo cultural entre os membros de um

determinado agrupamento social. Essa forma de expressão cultural, entretanto, não é estática e pode sofrer transformações das mais variadas formas ao longo dos anos, mantendo o significado e o simbolismo original de um acontecimento específico, que devido a sua importância cultural é preservado pela comunidade. Sendo assim, essas danças carregam as mesmas características básicas de qualquer fato folclórico e devem sempre ser compreendidas na sua totalidade, como forma e expressão de uma determinada tradição coletivamente aceita como forma de pertencimento de um grupo social (CÔRTEZ, 2013, p. 42).

As danças tradicionais são realizadas em “grupo, pares ou individuais e podem assumir diversos motivos, conforme o contexto e o objetivo. Algumas festivas, outras cerimoniais ou religiosas, elas podem ser praticadas durante o ano todo ou em alguma data especial” (GARCEZ, 2016, p. 17). Assim,

[...] através do conhecimento das nossas tradições podemos ressignificar, ou seja, criar novos sentidos para a compreensão da dança brasileira para além dos requisitos eurocêntricos, norte-americanos ou importados de modo geral. Compreendem-se as danças populares como Arte, com enfoque em uma educação celebrada no corpo dançante que resiste, de certa forma, ao tempo e à tradicionalidade. Elas estão relacionadas aos autos, aos folguedos, às danças dramáticas e as danças da tradição brasileira (GARCEZ, 2016, p. 17).

Corroborando com a ideia de Brasileiro (2010), que acredita que são nas festas populares brasileiras que consolidamos as identidades sociais, Côrtes (2013) afirma que:

Nas festas tradicionais, em rituais ou manifestações populares de caráter espontâneo, as danças ocorrem como um fator de comunhão cultural e de transmissão de ideias e costumes de uma geração a outra, transformando ou não determinados aspectos, mas permanecendo atual pelo valor de seu tempo tradicional (p. 36).

As danças tradicionais brasileiras são únicas no mundo, pois “[...] na sua origem, na sua história e como expressões culturais de um povo, existem infinitos fatores que as diferem. A origem africana, indígena, as misturas de culturas [...]” (CÔRTEZ, 2013, p. 61).

As danças de caráter popular na escola proporciona “uma discussão na Arte e na Educação quando tematiza tais danças como possibilidades de um educar que extrapola os meios convencionais do processo de ensino e aprendizagem da Educação Básica” (GARCEZ, 2016, p. 18).

Partindo deste pressuposto, apresentamos a metodologia “Tradução da Tradição”, proposta por Côrtes (2013), que fundamenta o trato pedagógico das danças tradicionais brasileiras em espaços educativos.



De acordo com Côrtes (2013), quando usamos a Tradição estamos nos remetendo a “um conceito ligado ao tempo e à transmissão da dança realizada de geração a geração pelos seus integrantes” (p. 37).

Tão importante quanto à tradição da dança é a função que ela exerce na coletividade, conceito ligado ao espaço aonde a dança acontece, que define a importância dada pelos participantes ao ato de dançar, o que dá ao indivíduo que a realiza um sentido de pertencimento ao grupo. Esta relação é descrita muitas vezes como enraizamento e, no caso da dança e da festa especialmente, pelo modo e pela forma como os integrantes do grupo se relacionam com o mundo (CÔRTEES, 2013, p. 37).

A tradicionalidade de uma dança tem suas características definidas no “estudo do saber popular tradicional” (CÔRTEES, 2013, p. 37) que ao ser trazida para a escola será retratada de uma maneira muito próxima de como ocorre dentro do coletivo que a vivencia, visto que, dentro da tradição, a dança:

[...] acontece sem a intervenção de um coreógrafo, normalmente mantida pelos indivíduos mais antigos, chamados de mestres, que guardam o saber tradicional. As danças que o grupo desenvolve obedecem a uma sequência de passos criada pela repetição e mantida pela tradição. Em sua relação íntima com a vida de uma coletividade, o grupo aceita que os movimentos sejam mantidos inalterados pela importância de sua integração social, o que lhes confere um significado singular. No cruzamento de elementos, informações e processos culturais híbridos, os grupos buscam na tradição uma forma de manter viva, através das festas, cantos, músicas e danças a representação de um fato ou de um acontecimento importante ocorrido na comunidade. Desta forma podemos afirmar que toda tradição utiliza-se da história como uma ponte temporal legitimadora das ações e do espaço como cimento da coesão do grupo. (CÔRTEES, 2013, p. 37/38).

Ao levar para a escola esses saberes populares tradicionais, Côrtes (2013) propôs uma metodologia que se apropria da Teoria da Tradução,

A Teoria da Tradução construída especialmente em pesquisas sobre a Literatura tem ampliado seus estudos para outras áreas do conhecimento de forma multidisciplinar. Tais estudos tratam especificamente de temas relacionados aos trabalhos de tradução entre sistemas simbólicos diversos, como, por exemplo, quando se traduz um romance para um filme, um poema épico para uma revista em quadrinhos, ou se cria uma coreografia a partir de um poema, o que reforça o aspecto interdisciplinar da teoria (CÔRTEES, 2013, p. 13).

A tradução é considerada um “processo tradutório a partir de uma teoria interpretativa que designa uma percepção específica no trabalho do tradutor, uma prática singular que pode ser encontrada em diversas ações, traduzida por um emissor e interpretada por um receptor” (CÔRTEES, 2013, p. 17).

Côrtes (2013, p. 24), complementa que:

[...] a teoria da interpretação em sua relação com a produção em Artes da Cena oferece um percurso metodológico de tradução de uma tradição que deve apresentar três etapas de pesquisa: 1 - a análise do objeto a traduzir (a Fonte); 2 - a análise do trabalho do artista-tradutor (o Processo); 3 - a análise da operação de tradução (o Produto).

A metodologia da “Tradução da Tradição” visa ampliar a atuação profissional do/a professor/a que, em um primeiro momento, deve definir as possíveis manifestações culturais que serão escolhidas “a partir de critérios estabelecidos a priori: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade e funcionalidade” (CÔRTEES, 2016, p. 15). Partindo da escolha da manifestação cultural, a pesquisa a ser realizada nesta etapa é sobre a criação artística na qual não existe uma ordem ou uma única forma de se fazer, ou seja, cada contexto vai definir a melhor forma de seguir o processo criativo.

Ao desenvolvermos uma ação pedagógica com as culturas populares tradicionais na escola, podemos propor pesquisas através de livros, textos literários e científicos, sites, vídeos, entrevistas, convite à mestres/as e pessoas da comunidade que tenham experiências nesse campo do conhecimento, vivências, experimentações, reelaborações e interpretações das manifestações estudadas.

O estudo das danças brasileiras tem grande relevância nos mais distintos locais e a metodologia da tradução da tradição, como um processo de ensino e aprendizagem, fornece elemento e cria “possibilidades de construções práticas e criativas na interpretação das danças brasileiras, traduzidas para a cena artística” (CÔRTEES, 2016, p. 15).

A complexidade das experiências corporais e estéticas que surgem das manifestações corporais presentes nas manifestações populares do Brasil, e que se constituem como patrimônio imaterial do país, demandam pesquisa e profundo conhecimento de várias áreas e pode ser um tema interdisciplinar tratado por diferentes olhares na escola (CÔRTEES, 2016, p.15).

Cabe à escola, como um espaço cultural e de produção de conhecimento, reconhecer, (re)significar e valorizar as heranças da tradição, da oralidade, da ancestralidade e da representatividade das peculiaridades regionais da cultura brasileira, contribuindo para efetivação de uma sociedade mais respeitosa e menos excludente.





Sequências
DIDÁTICAS

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

TEMA:

Danças Populares Brasileiras e a Geografia.

OBJETIVOS:

Planejar atividades que motivem os/as alunos/as em relação à Geografia e à vivência das danças de forma que percebam a necessidade da responsabilidade e do respeito em relação à função de cada um dentro da dança.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Sala dos professores, nas reuniões em aulas de trabalho coletivo (ATPC).

DESENVOLVIMENTO:

Elaborar atividades em que os/as alunos/as conheçam suas origens através de uma Árvore Genealógica; conhecer e reconhecer as regiões do Brasil, de acordo com o IBGE, localizadas nos mapas, assim como pesquisar os costumes, as comidas e as danças das regiões brasileiras. Propor que pesquisem as danças populares e, a partir daí, escolham duas danças para vivenciarem-nas, conhecerem e produzirem os elementos dessas manifestações. No decorrer das aulas, será sugerido que produzam os mapas, as vestimentas, as comidas e as danças estudadas.

DICA:

Conversar com o/a professor/a de Geografia da sua escola para que trabalhem em conjunto e planejem atividades em que a Educação Física e a Geografia estejam envolvidas, fazendo com que os/as estudantes se interessem em

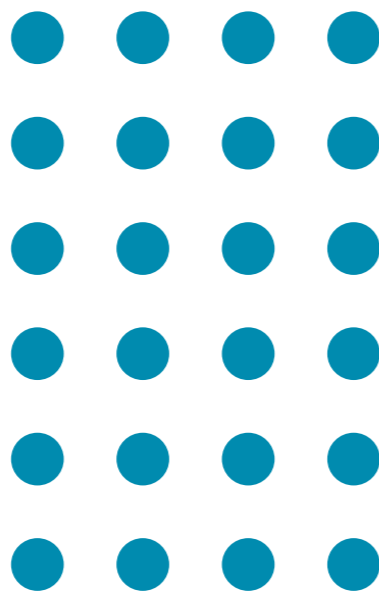
aprender e produzir as atividades propostas. Pode-se traçar um projeto que dure um semestre e que tenha como produto final algum evento que ocorra na escola para que os/as alunos/as fiquem motivados/as.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Os instrumentos de avaliação para tal projeto são muitos. E você pode elaborar com a turma outras possibilidades. Aqui estão sugestões de propostas: Observação da participação e da colaboração dos grupos quando divididos para as atividades, apresentação das improvisações da dança criadas por eles, registro das atividades em forma de trabalhos e textos argumentativos, produção de mapas, criação e realização da culminância pelos/as discentes.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Rádio; televisão; sala de informática; tintas; caixa de som; textos, livros paradidáticos e mapas.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

TEMA:

Conhecimento e Apresentação das Danças Populares Brasileiras.

OBJETIVOS:

Apresentar aos/as discentes a proposta do trabalho com as danças e como ocorrerá seu desenvolvimento.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Sala de aula.

DESENVOLVIMENTO:

Vocês, professores/as de Educação Física e Geografia, podem combinar um dia em que ambos/as tenham aula na sala e irem caracterizados com roupas das manifestações populares escolhidas por vocês, para que os/as alunos/as sintam como se estivessem dentro da dança. Confeccionem um cartaz com as danças características das regiões brasileiras e apresentem aos/as estudantes perguntando se eles/as conhecem algumas dessas manifestações. Após tal conversa, explicarem os objetivos dessa proposta que são conhecer e estudar a herança cultural trazida pelos antepassados (avós, tataravós) de quem habita as regiões brasileiras a partir dos costumes, das comidas típicas, das festas populares e das danças para que não fiquem esquecidas no decorrer dos anos.

DICA:

Durante a apresentação, vocês informam que eles/as explorarão as regiões do Brasil

e conhecerão seus costumes e culturas por meio da construção de mapas para aprofundamento. Revisarem quais são as regiões do Brasil segundo o IBGE. Alertarem sobre a não obrigatoriedade de se saber dançar, pois muitas danças são comemorações que ocorrem em grupos nos quais cada um tem sua função como preparar a comida, a festa, as vestimentas e os adereços e que a manifestação não consiste apenas de gestos imitados pelos participantes.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Verificação da receptividade da sala com relação ao tema, se a turma participará da aula a partir da apresentação de vocês professores/as. Portanto, cabe a vocês, nesse momento, o incentivo e a motivação para validar a importância da atividade. Registro em diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Cartazes confeccionados pelos/as professores/as para a apresentação, bem como os adereços que caracterizem as danças populares brasileiras como saias, flores no cabelo, instrumentos musicais, etc.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

TEMA:

Apresentação e Dinâmica de Conhecimentos Prévios sobre as Danças.

OBJETIVOS:

Apresentar e explicar o que é uma Árvore Genealógica e como os/as estudantes desenvolverão a deles/as; conhecer os interesses e gostos dos/as alunos/as pelas danças.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Sala de aula com mapas (como uma sala temática de Ciências Humanas ou a própria sala da turma).

DESENVOLVIMENTO:

Em um primeiro momento, pedir aos/as alunos/as para responderem um questionário inicial de três perguntas que deverá ser devolvido. Após, pedir à turma que coloque as carteiras nas laterais, fundo e frente da sala deixando seu meio livre para a atividade. Iniciar explicando a dinâmica que consiste em andar pelo espaço da sala no ritmo da música “Três Raças” de Clara Nunes, passar uma bola de tênis um para o/a outro/a e quando a música parar, todos/as devem ficar no lugar onde estiverem. Quem estiver com a bola, deve falar seu nome e que tipo de dança gosta. Continuar a atividade até que todos/as tenham participado. Ao término, conversar com eles/as sobre como se sentiram e quais as danças que foram mais citadas. Em seguida, apresentar

um modelo da Árvore Genealógica e explicar que deverão perguntar aos seus pais, avós e bisavós qual foi a cidade e o país em que nasceram bem como as comidas típicas, as danças e os costumes que tinham.

DICA:

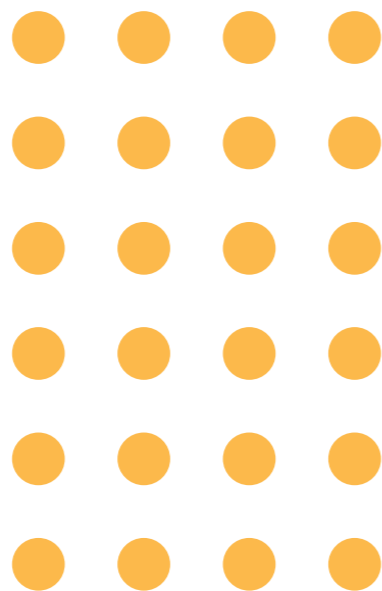
Você, professor/a, poderá participar da dinâmica junto com a turma para que eles/as se sintam motivados/as. Ao apresentar a Árvore Genealógica, apresente como exemplo a sua para que eles/as entendam o que é para ser feito. Leve o questionário impresso com as perguntas e recolha ao final da aula.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Observação de como foi a participação da turma na dinâmica; conversa sobre como se sentiram e sobre os conhecimentos que eles/as já possuem sobre as danças nesse momento.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Caixa de som, pen drive (USB), celular, Datashow, bola de tênis, questionário e Árvore Genealógica impressa.



QUESTIONÁRIO INICIAL

Nome: _____ Série: _____

Observação: Elaborar um questionário que seja pertinente com aquilo que você quer saber sobre os conhecimentos prévios que a turma possui.

Por que você escolheu essa Eletiva?

Você conhece alguma dança popular brasileira? Cite o nome e descreva como ela ocorre.

Qual sua opinião sobre aprender danças populares brasileiras na escola?

Observação: Após a representação das danças, faça outras perguntas como:

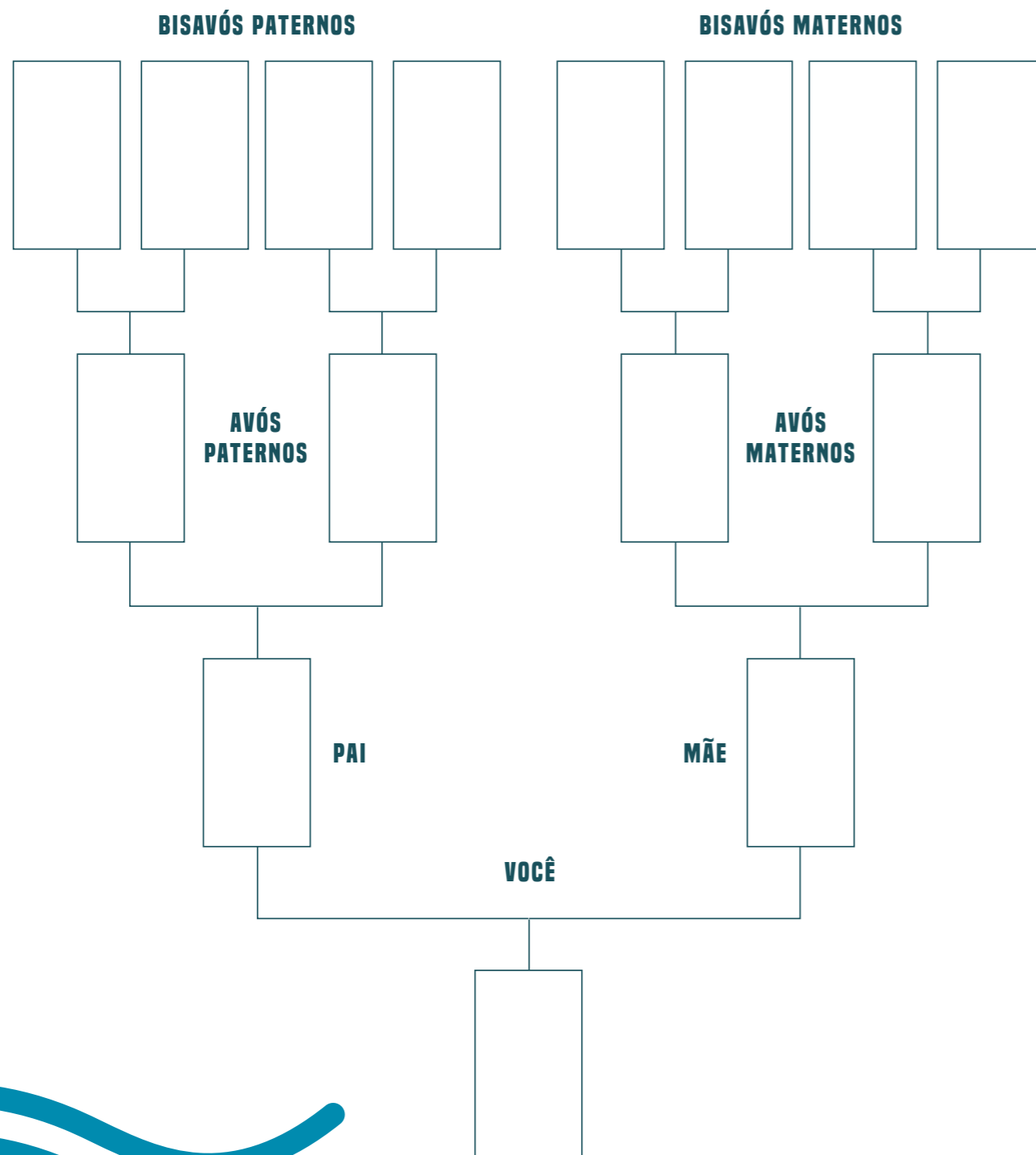
1) Quais danças vocês acharam mais interessantes?

2) O que chamou a atenção de vocês em cada dança representada?

3) Como você se sentiu ao traduzir as danças para a comunidade?

ÁRVORE GENEALÓGICA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4



TEMA:

Conhecimento e Criação de Movimentos para a Música “Sob o mesmo céu” – Lenine.

OBJETIVOS:

Desenvolver a criatividade através da interpretação e da representação dos versos da música “Sob o mesmo céu” – Lenine.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Pátio ou quadra da escola.

DESENVOLVIMENTO:

Iniciar a aula em círculo explicando como serão divididas as atividades e a turma. Atividade 1 – Em duplas, realizar um alongamento de membros superiores e inferiores e depois terminar com uma massagem no ombro e pescoço para que tenham contato um com o outro. Atividade 2 – Dividir a turma em cinco grupos, entregar a letra da música, ouvir com a turma a música inteira e conversar sobre o que entenderam e como interpretaram a letra. Logo após, cada grupo escolherá uma estrofe da música e deverá representá-la em forma de movimentos/mímica. Para isso, os/as estudantes devem conversar com os colegas do grupo, chegar a um acordo de como farão os movimentos e escutar todas as possibilidades propostas pelos integrantes. Enquanto os grupos decidem como realizar a atividade, o/a professor/a deve deixar a música tocando e percorrer grupo em grupo para verificação das ideias e da participação dos/as alunos/as.

Ao término da produção, os grupos devem apresentar suas interpretações aos/as colegas e professor/a, conforme a música for sendo tocada.

DICA:

Professor/a, tal letra foi escolhida porque apresenta como tema a diversidade cultural brasileira, com o intuito de que os/as estudantes identifiquem-na ao interpretar e representar as estrofes da música. Ao propor esse tipo de atividade, você deve disponibilizar materiais para uso no processo de representação e de interpretação das estrofes como roupas, bolas, bastões, tecidos como TNT, retalhos, chapéus, brinquedos como cavalo-de-pau, cordas e bambolês. No final da atividade, perguntar à turma se foi compreendido o que cada grupo representou e interpretou.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Observação da apresentação e da interpretação de cada grupo; do relacionamento deles/as durante a elaboração das interpretações e da colaboração. Registro da atividade com fotos, vídeos e uso do diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Caixa de som, letra da música impressa, pen drive ou celular com a música “Sob o mesmo céu”, materiais diversos como roupas, brinquedos, bambolês, cordas, etc.

LETRA DA MÚSICA SOB O MESMO CÉU

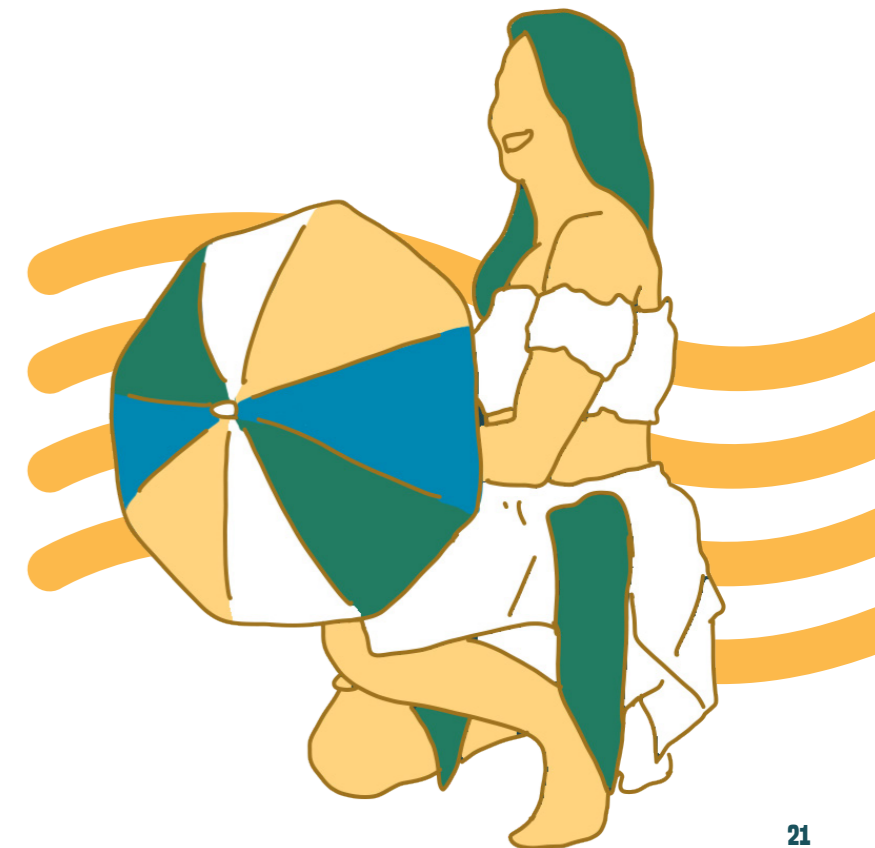
LENINE

Brasil
Com quantos Brasis se faz um Brasil?
Com quantos Brasis se faz um país?
Chamado Brasil
Sob o mesmo céu
Cada cidade é uma aldeia,
Uma pessoa,
Um sonho, uma nação
Sob o mesmo céu,
Meu coração não tem fronteiras,
Nem relógio, nem bandeira,
Só o ritmo de uma canção maior
A gente vem do tambor do índio
A gente vem de Portugal
Vem do batuque negro
A gente vem do interior, da capital
A gente vem do fundo da floresta
Da selva urbana dos arranha-céus,
A gente vem do pampa, vem do cerrado,
Vem da megalópole, vem do pantanal,
A gente vem do trem,
Vem de galope,
De navio, de avião, motocicleta,
A gente vem a nado,
A gente vem do samba, do forró,

A gente veio do futuro conhecer
nosso passado.
Brasil
Com quantos Brasis se faz o Brasil?
Com quantos Brasis se faz um país?
Chamado Brasil
A gente vem do rap, da favela,
A gente vem do centro, e da periferia
A gente vem da maré, da palafita,
Vem dos Orixás da Bahia
A gente traz um desejo de alegria e de paz,
E digo mais
A gente tem a honra de estar ao seu lado,
A gente veio do futuro
conhecer nosso passado
Brasil
Com quantos Brasis se faz um Brasil?
Com quantos Brasis se faz um país?
Chamado Brasil
Brasil
Com quantos Brasis se faz um Brasil?
Com quantos Brasis se faz um país?
Chamado Brasil
Sob o mesmo céu
Cada cidade é uma aldeia,
Uma pessoa,

Um sonho, uma nação
Sob o mesmo céu,
Meu coração não tem fronteiras,
Nem relógio, nem bandeira,
Só o ritmo de uma canção maior
A gente vem do tambor do índio
A gente vem de Portugal
Vem do batuque negro
A gente vem do interior, da capital
A gente vem do fundo da floresta
Da selva urbana dos arranha-céus,
A gente vem da pampa, vem do cerrado,
Vem da megalópole, vem do pantanal,
A gente vem do trem,
Vem de galope,
De navio, de avião, motocicleta,
A gente vem a nado,
A gente vem do samba, do forró,
A gente veio do futuro conhecer
nosso passado.
Brasil
Com quantos Brasis se faz um Brasil?
Com quantos Brasis se faz um país?
Chamado Brasil
Brasil
Com quantos Brasis se faz um Brasil?
Com quantos Brasis se faz um país?
Chamado Brasil

A gente vem do futuro conhecer
nosso passado.
Brasil
Com quantos Brasis se faz o Brasil?
Com quantos Brasis se faz um país?
Chamado Brasil
A gente veio do futuro conhecer
nosso passado.
Brasil
Com quantos Brasis se faz um Brasil?
Com quantos Brasis se faz um país?
Chamado Brasil
A gente veio do futuro conhecer
nosso passado.
Brasil
Com quantos Brasis se faz o Brasil?
Com quantos Brasis se faz um país?
Chamado Brasil



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 5

TEMA:

Socializar suas Origens e Construir Mapa do Fluxo Migratório. Gincana das Danças Populares Brasileiras.

OBJETIVOS:

Conhecer, identificar e localizar as regiões do mundo e do Brasil de onde vieram os ancestrais dos/as estudantes. Localizar as danças brasileiras e suas regiões.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Pátio ou quadra da escola.

DESENVOLVIMENTO:

Atividade 1 – Dividir a sala em grupos e pedir para que eles/as exponham, a partir da Árvore Genealógica, as origens de suas famílias, costumes, danças, comidas e religiões praticadas. Depois de promover a socialização das origens de seus familiares, os grupos devem ir para os mapas do Brasil e Mundi - que podem estar expostos no chão da quadra - e construir as linhas migratórias de seus familiares a partir dos dados que pesquisaram. Ao término da construção, produzir um painel com as danças, comidas, costumes e religiões encontrados.

Atividade 2 – Em seguida, organizar os grupos para a gincana das danças populares e deverá ser entregue aos grupos os nomes de diversas manifestações populares de regiões brasileiras. Oportunizar 10 minutos para que tentem descobrir as danças pertencentes às regiões e ao sinal de “já”, o primeiro do grupo deve ir ao encontro do mapa do Brasil que estará disposto no chão da quadra e colocar o papel com o alfinete no local ao qual esta pertence; deve voltar para o seu grupo e sair o próximo correndo, assim sucessivamente até todos do grupo participarem e conseguirem localizar todas as manifestações.

DICA:

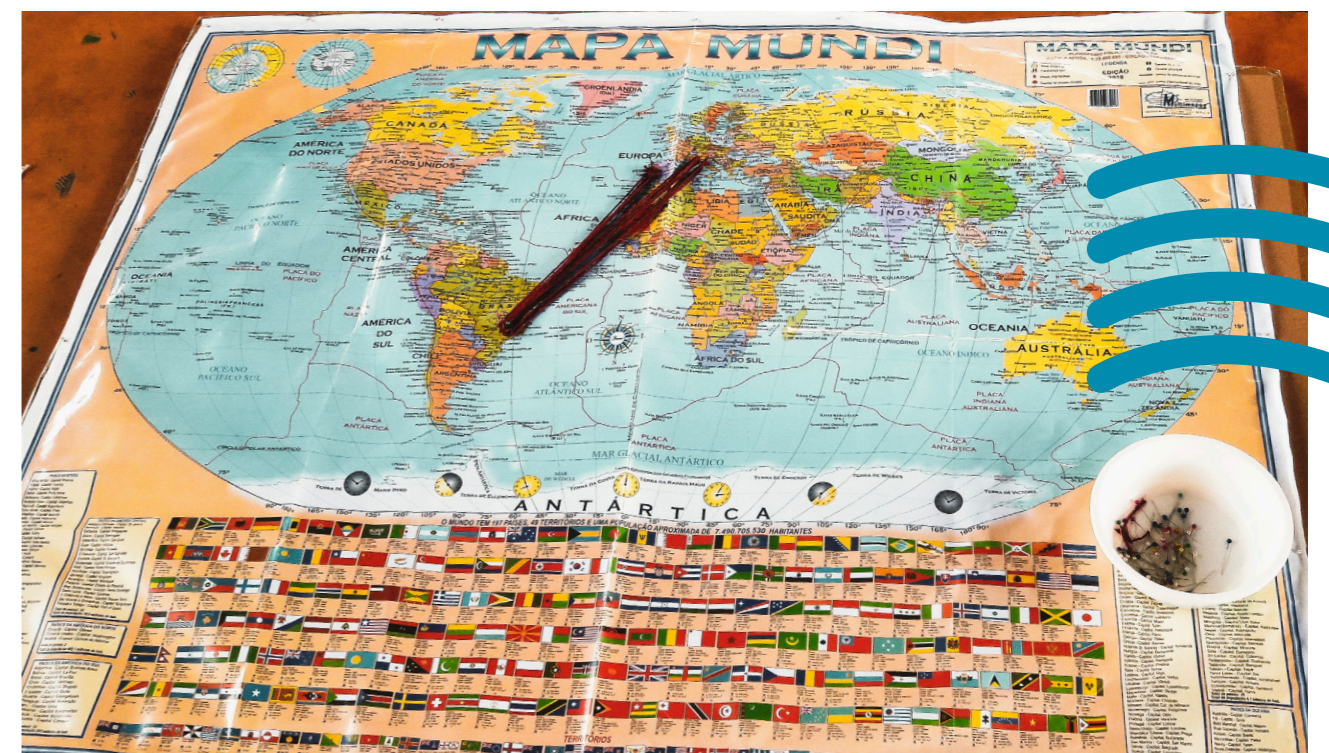
Ao construir as linhas migratórias, você professor/a, deve pedir para os/as alunos/as observarem e analisarem de quais países, quais estados brasileiros e quais cidades os parentes vieram. Para a gincana das danças populares, disponibilizar os mapas do Brasil de acordo com a quantidade de grupos e verificar a quantidade de acertos com os grupos na aula. Premiá-los com acessórios de dança como, por exemplo, pulseiras de couro, linha ou semente.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

A construção das linhas migratórias nos mapas do Brasil e Mundi, assim como as danças localizadas nas regiões brasileiras e o painel com as danças, comidas, costumes e religião são registros das atividades realizadas pelos/as estudantes durante a aula.

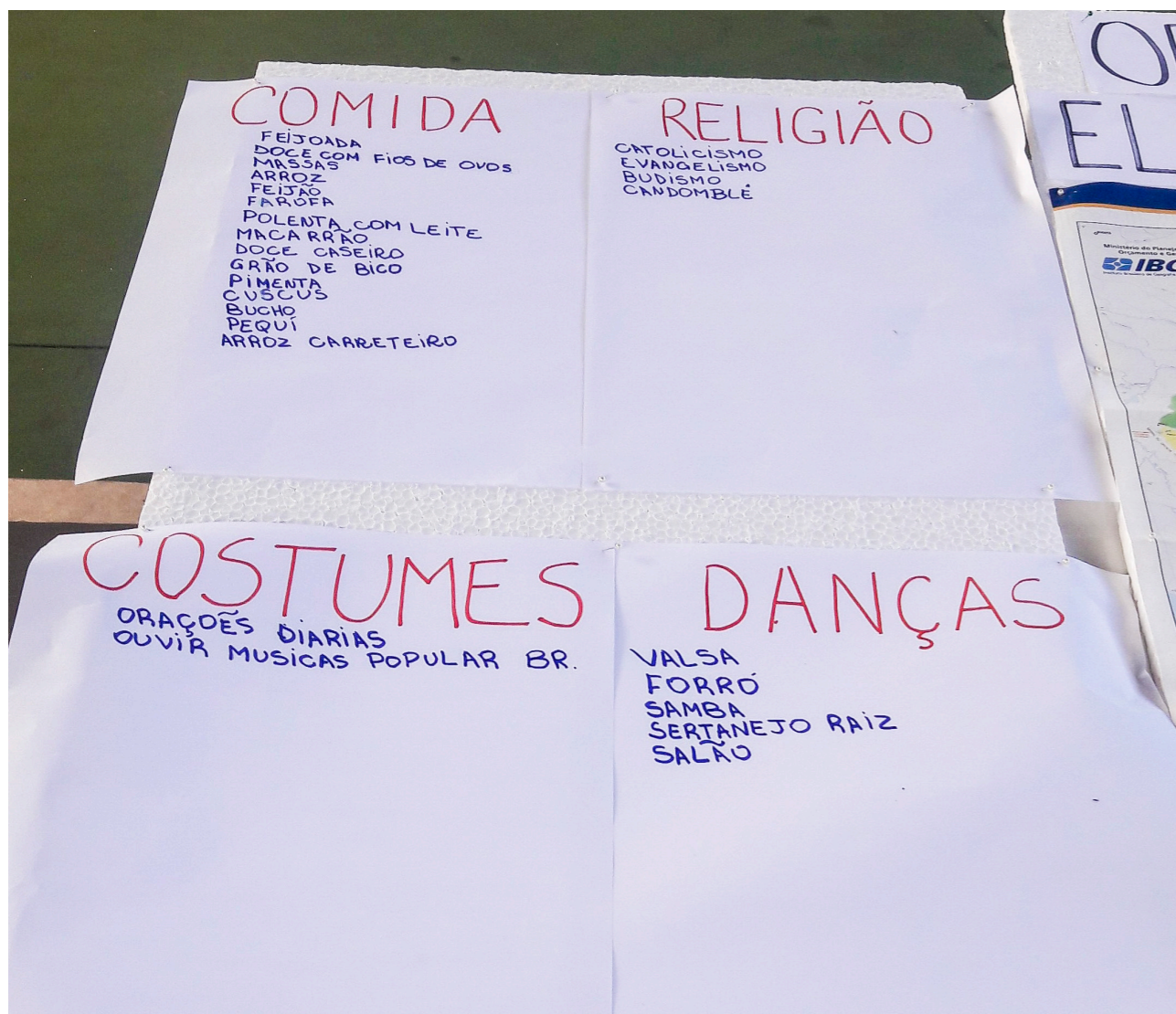
RECURSOS DIDÁTICOS:

Árvore Genealógica dos/as alunos/as, mapas do Brasil, mapa Mundi, alfinetes, linhas de cores diferentes, sulfite, caneta esferográfica e papéis impressos com nomes de diversas danças brasileiras.



Construção do fluxo migratório no mapa do Brasil e mapa Mundi.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 6



Painel dos costumes, danças, comidas e religião.



Identificação das danças populares e suas regiões.

TEMA:

Pesquisa e Escolha das Danças Populares Brasileiras.

OBJETIVOS:

Pesquisar as danças populares pertencentes às regiões do Brasil e escolher duas para detalhar sua origem, vestimentas, passos e em que época ou momento é praticada.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Sala de informática.

DESENVOLVIMENTO:

Dividir a turma em grupos de quatro a cinco alunos. Entregar folhas de almaço e pedir para que pesquisem as danças brasileiras por regiões de acordo com o IBGE (com os mapas vistos na aula anterior) e colocar no papel as danças. Devem escolher, dentre todas as danças pesquisadas, duas que mais despertaram interesse e detalhar origem, roupas, passos característicos, momento em que é praticada e, ao final, entregar o registro para o/a professor/a.

DICA:

Professor/a, você pode indicar sites para a pesquisa como www.conhecendobrasil.com.br; brasilecola.uol.com.br. Falar para se atentarem aos detalhes das danças e anotarem essas informações na folha.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Observação de como os grupos realizaram as pesquisas e a entrega dos registros das atividades realizadas em aula.

RECURSOS DIDÁTICOS:

folha de almaço, caneta e computadores.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 7

TEMA:

Gincana das Comidas Típicas Regionais.

OBJETIVOS:

Localizar e identificar de quais regiões brasileiras as comidas típicas pertencem.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Pátio ou quadra.

DESENVOLVIMENTO:

Pedir para um/a aluno/a que inicie a aula fazendo alongamento e exercícios na frente. Dividir a sala em grupos e explicar como será a gincana. Entregar os nomes de vários pratos típicos os quais devem ser identificados no mapa do Brasil à quais regiões pertencem. Cronometrar dez minutos para que conversem e decidam quais comidas pertencem a cada região e ao sinal de “já”, o primeiro do grupo deve ir ao encontro do mapa do Brasil que estará disposto no chão da quadra ou pátio e colocar o papel com o alfinete no local a qual esta pertence. O/a aluno/a deve voltar para o seu grupo e sair o próximo correndo, assim sucessivamente até todos do grupo participarem e conseguirem localizar todas as comidas.

DICA:

Para a gincana, professor/a, você deve disponibilizar os mapas do Brasil de acordo com a quantidade de grupos e verificar a quantidade de acertos com os grupos em aula. Depois, premiá-los com comidas típicas das regiões brasileiras que desconhecem como acarajé, abará, cuscuz, pizza, doce de leite e pamonha, por exemplo, apresentando suas origens e estados em que são encontradas com maior frequência. Tal premiação pode ser realizada na aula posterior.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Verificação da quantidade de acertos de cada grupo, assim como identificação correta das regiões brasileiras perguntando onde fica o norte, sul, sudeste, nordeste e centro-oeste.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Mapas do Brasil, alfinetes ou post it e placas impressas com nomes das comidas típicas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 8

TEMA:

Estudo Aprofundado das Danças que Despertaram Interesses e Degustação das comidas típicas.

OBJETIVOS:

Identificar e conhecer elementos das duas danças escolhidas pelos grupos. Degustar as comidas típicas para experimentar novos sabores.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Sala de vídeo e biblioteca .

DESENVOLVIMENTO:

Apresentar vídeos curtos com as danças populares brasileiras escolhidas pelos grupos e pedir que observem a vestimenta, os passos e os acessórios. Conversar com a turma, durante as apresentações, sobre aquelas que desejariam conhecer detalhadamente e que poderiam estar presentes na apresentação final. Realizar diversas perguntas para estimulá-los a criar uma apresentação final. Em um segundo momento, levá-los/as à biblioteca para que possam degustar das comidas típicas que foram estudadas na aula anterior, como também ler as origens dessas comidas através de fichas explicativas.

DICA:

Neste momento, professor/a, estimule em seus/as alunos/as reflexões sobre como realizar a representação final, com uma ou com várias danças contando seus detalhes

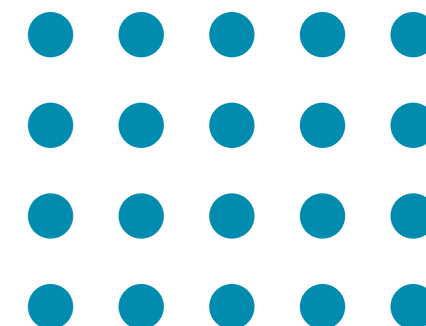
para que o público conheça maior variedade delas. Estimule-os a pensarem sobre tal evento. Ao propor a degustação, peça para que os/as estudantes tragam dinheiro para que sejam compradas as delícias típicas ou que tragam comidas preparadas de casa. Tal degustação ocorrerá de acordo com as possibilidades que você possui em seu ambiente escolar. Criar fichas explicativas sobre as comidas para que os/as alunos/as leiam no decorrer da atividade. Ou apresente os pratos típicos através de vídeos ensinando como fazê-los por meio de programas de culinária.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Registro das danças escolhidas, a partir dos vídeos, e das ideias sugeridas pela turma durante a conversa de elaboração da apresentação.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Vídeos, comidas típicas das regiões e fichas explicativas em folhas de sulfite sobre as comidas típicas.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 9

TEMA:

Raízes do Maculelê.

OBJETIVOS:

Conhecer e vivenciar o Maculelê.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Quadra ou pátio.

DESENVOLVIMENTO:

Propor ao Mestre que inicie contando sobre as origens dessa manifestação, as várias histórias que a permeiam e o significado de Macu (guerreiro) e lelê (dois bastões). Ensinar os movimentos básicos das pernas e o ritmo em que devem bater os bastões e que, na quarta batida, em duplas, devem realizar um movimento criado pelo/a aluno/a. Apresentar cânticos da dança para que cantem ao realizar os movimentos, tornando a atividade mais complexa.

DICA:

Professor/a, quando trazemos a comunidade para dentro da escola, os/as estudantes (re) significam o aprendizado, portanto para essa prática sugiro que chamem um Mestre de capoeira que vivencie o maculelê e que conte a eles/as as histórias sobre as origens dessa prática. Os cânticos podem ser achados na internet e gravados em pen-drive, ou serem cantados pelos/as estudantes com o acompanhamento do atabaque se o Mestre estiver presente ou se algum/a aluno/a possuir esse instrumento e levá-lo na aula.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Observação da participação e do interesse dos/as discentes em praticar a atividade. Registros, em um diário de campo, das perguntas feitas para o Mestre sobre a prática e as considerações realizadas ao final da aula.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Mestre de capoeira, atabaque, bastões de madeira (cabos de vassoura cortados ao meio) e música “Boa noite pra quem é de boa noite”.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 10



TEMA:

Escolha das Danças Populares para Vivência e Criação de um Roteiro para Apresentações.

OBJETIVOS:

Escolher e criar as formas de vivenciar e apresentar as manifestações.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Sala de informática.

DESENVOLVIMENTO:

A partir desse momento, você, professor/a, deve proporcionar aos/as estudantes que conversem entre si para escolherem as danças das quais vão participar e perguntar quais das danças assistidas em aula gostariam de vivenciá-las. Após tais decisões, devem decidir se apresentarão somente uma ou várias, quais serão os participantes que formarão os grupos de cada dança escolhida e a forma como vão se organizar para a apresentação final.

Utilize para isso os computadores, pois decididos os grupos, estes devem ouvir músicas, observar os passos, escolher as roupas que serão utilizadas e criar formas de adaptá-las. Poderá surgir alunos/as que não queiram dançar que fiquem responsáveis pela decoração do ambiente, portanto, neste momento, devem pesquisar como são os ambientes das danças escolhidas pelos grupos para adaptá-los.

DICA:

Professor/a, este processo exige que você esteja próximo dos/as alunos/as para ouvir todas as ideias que tiveram, assim como para intervir em possíveis desentendimentos que poderão ocorrer. A partir desta aula, disponibilizarei a vocês as danças escolhidas pelos/as alunos/as que fizeram parte da pesquisa e que culminou neste material didático: Maculelê, Carimbó, Balainha, Frevo e Samba de Roda. Entretanto, nada exclui o trabalho com outras danças, além dessas que serão vivenciadas nesta proposta pedagógica. Cabe a você também sugerir outras práticas.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Observação e registro das formas como os/as estudantes decidiram realizar a apresentação de uma ou mais danças, como os grupos foram formados e as responsabilidades de cada um.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Computadores e caderno para anotações das decisões.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 11

TEMA:

Vivência das Danças com Vestimentas.

OBJETIVO:

Proporcionar experiências corporais com as danças.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Quadra.

DESENVOLVIMENTO:

Atividade 1 – Conhecer o espaço em que devem caminhar ao ritmo de uma música e quando essa parar de tocar, os alunos deverão permanecer nos lugares como estátua com apoios (ao comando do/a professor/a ao parar este/a vai falar “parar de um apoio”, “dois”, “três”). Podem parar, por exemplo, na direção de onde o sol se põe ou de onde ele nasce.

Atividade 2 – Pedir aos/as alunos/as que coloquem as roupas características trazidas e ,com a televisão ligada na quadra, propor a vivência das danças de acordo com os vídeos. Vivenciar todas as manifestações pedindo para que se atentem aos detalhes de braços, das pernas e dos giros, como uma primeira experiência.

DICA:

Professor/a, peça para que tragam roupas adaptadas de acordo com as danças escolhidas, assim como que os/as discentes tragam vídeos pesquisados sobre a manifestação para ser colocado na aula. Vivenciar todas as danças com eles/as (nesta proposta pedagógica foram

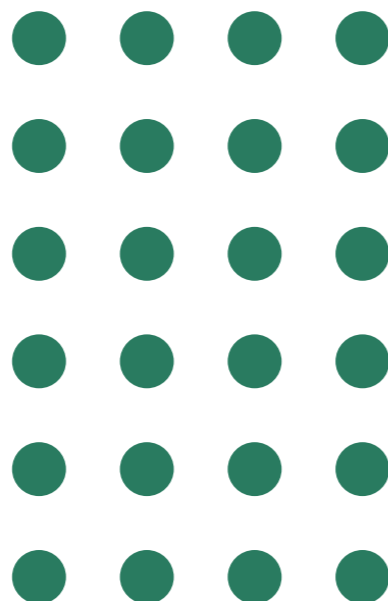
realizados o Carimbó, Balainha, Frevo e Samba de Roda) com o propósito de decidirem em quais vão querer participar. Logo após, iniciar o processo de criação.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Observação da participação, da escolha das danças e do relacionamento entre os/as alunos/as.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Caixa de som, televisão, vídeos das danças escolhidas e roupas adaptadas das manifestações escolhidas como saias.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 12

TEMA:

Início do Processo de Tradução.

OBJETIVOS:

Criar, pensar e produzir as coreografias para a apresentação final.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Quadra.

DESENVOLVIMENTO:

Separar os grupos a partir das danças escolhidas para que conversem e escolham a música, os movimentos, as roupas, os acessórios e pensem nas formas de iniciar a apresentação de cada manifestação. O grupo responsável pela decoração deve decidir como decorar o ambiente a partir das escolhas das danças pelos grupos. Nessa aula, os/as alunos/as devem ter o primeiro contato entre os integrantes através da conversa e da troca de ideias sobre as características de cada dança. Permitir que os/as estudantes descubram pessoas do grupo que saibam costurar, desenhar e estimulá-los à criação da melhor forma de apresentar as manifestações escolhidas.

DICA:

Durante a aula, passar pelos grupos conversando com os/as integrantes sobre suas ideias, opiniões, músicas escolhidas, vestimentas, formas de dançar, entrada em cena e movimentos que são específicos de cada dança. Portanto, o papel do/a professor/a

neste momento é de mediar situações que ocorrerão no andamento das atividades. Deve-se oportunizar um espaço de troca de ideias entre os/as integrantes dos grupos em que todos/as devem participar.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Observação da organização dos grupos, decisão das escolhas e participação com ideias. Registro da aula através de fotos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Caderno para anotarem suas ideias, caixas de som portáteis com entrada para USB, celular ou bluetooth.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 13

TEMA:

Tradução das Manifestações Populares 1.

OBJETIVO:

Traduzir as danças a partir da perspectiva dos/as alunos/as.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Quadra.

DESENVOLVIMENTO:

Ao chegar na quadra. Conversar com os/as discentes que devem se dividir em grupos a partir da escolha de suas danças e começar as atividades propostas pelo grupo.

Grupo 1 – Maculelê: os/as participantes devem iniciar com o movimento dos bastões no ritmo da música e ao bater pela quarta vez devem fazer um movimento criado por eles/as. Nesse momento, devem pegar a prática e o ritmo dos bastões coordenando-os com os movimentos dos pés. Devem pensar em como dramatizar a história contada sobre a origem do Maculelê, além de decidirem sobre o modelo, tecido, adereços das roupas e pinturas do rosto. Inicia-se, assim, a etapa do processo de tradução da manifestação escolhida.

Grupo 2 – Balainha: devem escolher a música e os passos que farão parte da apresentação, lembrando que, nesta dança, alguns são obrigatórios e que devem sempre estar com as mãos nos arcos. Neste momento, deverão decidir os pares da dança, a cor do arco e das

flores e como executarão os passos dentro da música escolhida.

Grupo 3 – Carimbó: o grupo deverá escolher a música, visualizar o movimento que realiza-se com a saia, a disposição dos/as participantes na apresentação, qual o tecido e a cor serão usados na saia e, se houver meninos, produzir fuxicos que podem ser colocados na roupa e decidir como eles se posicionarão em relação às meninas

Grupo 4 – Frevo: promover as escolhas da música, das cores e dos tecidos da roupa; uso ou não de sombrinhas do frevo; tipos de movimentos/passos e como aprender a realizá-los.

Grupo 5 – Decoração: escolher como decorar o lugar em que as apresentações ocorrerão e, debater sobre as ideias surgidas dos vídeos assistidos. Devem pesquisar sobre especificidades das regiões brasileiras e suas danças típicas e elaborar um texto sobre o trabalho realizado.

DICA:

Professor/a, peça para que tragam roupas adaptadas de acordo com as danças escolhidas, assim como que os/as discentes tragam vídeos pesquisados sobre a manifestação para ser colocado na aula. Vivenciar todas as danças com eles/as (nesta proposta pedagógica foram realizados o Carimbó, Balainha, Frevo e Samba de Roda) com o propósito de decidirem em quais vão querer participar. Logo após, iniciar o processo de criação.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Registro da atividade através de fotos, diário de campo, anotações das decisões e do comportamento dos grupos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Caixas de som portáteis, bambolê, bastões, sombrinha do frevo e instrumentos musicais que os/as alunos/as possuem como o atabaque para a execução do Maculelê.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 14

TEMA:

Tradução das Manifestações Populares 2.

OBJETIVO:

Traduzir as danças a partir da perspectiva dos/as alunos/as.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Quadra.

DESENVOLVIMENTO:

Ao iniciar a aula, o grupo da decoração deve expor as ideias sugeridas por todos e destacar em quais regiões brasileiras as danças são encontradas. Também devem elaborar a forma textual de apresentação do trabalho realizado.

Grupo 1 – Maculelê: iniciar com todos realizando o movimento dos bastões no ritmo da música, e ao bater pela quarta vez, devem fazer um movimento criado por eles/as, cantando as músicas do Maculelê vivenciadas em aula. Em um segundo momento, começar a ensaiar a dramatização¹ que escolheram, no caso, a história contada pelo Mestre. As

músicas não precisam estar todas definidas, nesse momento, mas já devem começar a ouvi-las.

Grupo 2 – Balainha: as duplas escolhidas devem começar a ensaiar com os arcos, com a música² e proporcionar que todos/as participem e se sintam seguros/as, portanto quanto mais vezes ensaiarem, melhor será. Decidir como trocarão os arcos e quais figuras estarão presentes na dança.

Grupo 3 – Carimbó: no meio, colocar o menino que fará referência às meninas por meio de gestos com a mão levantada como acontece na dança original. Iniciar os primeiros passos da dança e a entrada do grupo ao palco. Apresentar a música “Ai Menina³” para os ensaios.

Grupo 4 – Frevo: escutar a música “Cabelo de Fogo⁴”, proposta pelos/as alunos/as e decidir se esta será executada inteira ou em forma de mix com outras músicas do frevo. Iniciar a aula decidindo os lugares de cada integrante do grupo, ensaiar com a sombrinha em mãos

¹ A dramatização escolhida ocorreu a partir da vivência que tiveram com o Maculelê com o Mestre de Capoeira em que contou que existem várias origens para o Maculelê. Uma delas é que ele foi um homem fugido que mora em uma tribo indígena e um dia todos os homens saíram para caçar, ficando somente ele na tribo junto com as mulheres e crianças. Essa tribo foi atacada por uma tribo inimiga e ele foi tentar defender com dois bastões as mulheres e crianças. A partir daí, esse homem ficou conhecido como Macu (guerreiro) lelê (bastões).

² Música disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_5H8AjwvUc

³ Música disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cQg8tk4D5A8>

⁴ Música disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZINcYbcxQhE>

e escolher os movimentos que serão realizados pelo grupo, como iniciarão e terminarão a apresentação.

Grupo 5 – Decoração: definir se o cenário será de TNT como pano de fundo; se as bandeiras dos estados brasileiros serão feitas à mão ou impressas e coloridas com lápis de cor; se os nomes das manifestações populares estarão impressos ou serão feitos com EVA e como farão o mapa do Brasil (através de desenho ou com retalhos de tecido, são opções que podem ser dadas ao grupo para que se decidam até a aula seguinte).

DICA:

Professor/a, neste processo, você deve orientar o grupo da decoração que, sempre no início da aula, deverá expor as ideias que tiveram, ouvir as opiniões dos outros grupos e permitir um processo de criação no qual todos devem opinar e concordar com a decoração final. As músicas devem ser escolhidas pelos grupos para iniciarem os ensaios, deixando, apenas a do Maculelê para a aula seguinte. No decorrer da aula, deve passar de grupo em grupo perguntando sobre as decisões das roupas e anotar em uma folha o que será necessário comprar para a criação delas, quanto dinheiro cada um deverá trazer ou se farão rifas para a obtenção do dinheiro.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Registro da atividade através de fotos e uso do diário de campo sobre as decisões e comportamento dos grupos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Caixas de som portáteis, bambolê, bastões, sombrinha do frevo e instrumentos musicais que os/as alunos/as possuem como, por exemplo, o atabaque para o Maculelê.



Tradução do Maculelê

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 15



Tradução da Balainha



Decidindo o cenário

TEMA:

Tradução das Manifestações Populares 3.

OBJETIVOS:

Traduzir as danças a partir da perspectiva dos/as alunos/as.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Quadra.

DESENVOLVIMENTO:

Iniciar a aula conversando com a turma sobre responsabilidade, ensaios, faltas na aula e na apresentação final. Realçar que, no dia da apresentação, todos deverão estar presentes e que a comunidade e outras turmas prestigiarão a apresentação final do processo de criação deles/as.

Grupo 1 - Maculelê: iniciar decidindo se os/as estudantes cantarão ou gravarão a música “Boa noite pra quem é de boa noite”⁵ e como colocarão os bastões no ritmo. Após ensaiar a dramatização, decidirão se realizarão a coreografia da música antes ou depois da dramatização.

Grupo 2 - Balainha: o grupo deve gravar a música escolhida no celular, ensaiar a coreografia criada pelo grupo de duas a três vezes e decorar os arcos da dança.

Grupo 3 - Carimbó: decidir como realizarão a produção da saia, se há pessoas que costuram na escola ou se contratarão uma costureira. Ensaiai os passos escolhidos e gravar a música no celular para os ensaios.

Grupo 4 - Frevo: decidir como será a apresentação quem entrará de cada lado, onde ficarão as sombrinhas quando estas forem deixadas de lado para a realização das acrobacias e escolher a pose final da apresentação.

Grupo 5 - Decoração: realizar a definição do cenário: se será com TNT preto como pano de fundo, se as bandeiras dos estados brasileiros serão impressas e coloridas com lápis de cor, se os nomes das manifestações populares serão feitos com EVA e se o mapa do Brasil será desenhado com retalhos de tecidos colados nas regiões brasileiras.

DICA:

Nesta aula, professor/a, converse com os grupos sobre quem vai costurar as saias da Balainha e do Carimbó. Pergunte como serão decorados os arcos se com flores e com quais as cores. Questione como será feita a roupa do Maculelê, se colarão as penas nas saias de juta e quais participantes realizarão as atividades. O grupo do Frevo deverá decidir se a roupa será de cetim ou não e confeccionada por uma costureira ou por eles/as mesmos/as.

⁵ Música disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d9xSoq_g-5Y

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Registro da atividade através de fotos e uso do diário de campo com anotações das decisões e comportamento dos grupos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Caixas de som portáteis, bambolê, bastões, sombrinha do frevo, instrumentos musicais que os/as alunos/as possuem (como atabaque para o Maculelê), papel crepom vermelho ou branco para encapar os arcos, flores de plástico de mesma cor para enfeitar os arcos.



Tradução do Carimbó



Tradução do Frevo



Decoração dos arcos

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 16

TEMA:

Organização e Representação das Traduções das Danças 1.

OBJETIVOS:

Organizar as representações e mostrar aos grupos como cada um está criando sua tradução.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Quadra.

DESENVOLVIMENTO:

Iniciar a aula conversando sobre a importância dos/as estudantes estarem presentes na apresentação final. Propor um ensaio geral em que cada grupo apresentará as suas traduções até o momento. Solicitar ao grupo da decoração que conclua o texto que será apresentado no dia para que na aula seguinte apresente no ensaio.

Grupo 1 – Maculelê: o grupo entrará em cena cantando a música para, em um segundo momento, apresentar a dramatização da história do Maculelê e, ao final, apresentar a coreografia da música “Boa noite pra quem é de boa noite” com os componentes cantando em voz alta a música escolhida. Neste momento, observar se os componentes estão cantando a música em um tom que todos escutem e se um não está ofuscando o outro conforme as figuras realizadas.

Grupo 2 – Balainha: cada um da dupla deverá entrar em lados opostos ao som da música e

observar o espaço da apresentação levando em conta as linhas brancas, vermelhas ou amarelas da quadra dependendo do espaço proposto. Finalizada esta etapa, decorarão os arcos.

Grupo 3 – Carimbó: metade do grupo deverá entrar de um lado do palco e o restante do outro lado. A música só começará a tocar após a entrada de todos/as no palco. Eles/as iniciarão os passos em seus lugares especificados por meio das linhas da quadra para que não percam a coreografia. Não deverão esquecer de segurar e mexer a saia de ambos os lados com o objetivo que ela se movimente no ritmo da música escolhida.

Grupo 4 – Frevo: metade do grupo deverá entrar de um lado e o restante do lado oposto, com a música já sendo tocada. Cada uma deverá estar em seu lugar de início e, conforme a música for descrevendo os passos do frevo, o grupo deve realizá-los. Observar se estão conseguindo usar a sombrinha, realizar os movimentos e utilizar-se das linhas da quadra para não se perderem em relação ao lugar de cada um.

Grupo 5 – Decoração: o grupo iniciará pintando as bandeiras dos estados brasileiros e deverá desenvolver o texto da apresentação final na qual as danças deverão estar na seguinte ordem: Explicação da origem do Maculelê, ida para a região Norte apresentando o Carimbó. Logo após, a Balainha na região Sul, indo para o Nordeste com o Frevo. Finalizar com o Samba de Roda no qual todos/as participantes estarão em cena e

servirão à plateia, no final, uma comida típica de uma região brasileira escolhida pelo grupo a partir da degustação realizada anteriormente.

DICA:

Nesta aula, você deve propor que os grupos assistam um ao outro para que possam dar suas opiniões sobre os processos de criação. Poderá propor que cada grupo exponha suas opiniões sobre as apresentações das manifestações. Durante a aula, o/a professor/a poderá pedir aos grupos para que apresentem novamente ou para que façam a confecção das roupas e dos arcos. Ao propor que um grupo observe um ao outro, estamos proporcionando que cada grupo avalie a sua apresentação quanto a organização e a responsabilidade a partir do olhar do outro grupo. Aos/as alunos/as, agentes de organização ou professor/a que saibam

costurar, pedir que comecem a produzir a saia do Carimbó e da Balainha.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Registro da atividade através de fotos e diário de campo com anotações das decisões e do comportamento dos grupos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Caixas de som portáteis, bambolê, bastões, sombrinha do frevo, instrumentos musicais que os/as alunos/as possuem como atabaque para o Maculelê, papel crepom vermelho ou branco para encapar os arcos, flores de plástico de mesma cor para enfeitar os arcos, máquina de costura, tecido xita para a confecção da saia do Carimbó, linhas, elástico de costura, cola quente, penas, bandeiras dos estados brasileiros impressas e lápis de cor.



Confecionando as saias do Carimbó

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 17



Roupas do Frevo

TEMA:

Organização e Representação das Traduções das Danças 2.

OBJETIVOS:

Organizar as apresentações e mostrar aos grupos como cada um está criando sua tradução.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Quadra.

DESENVOLVIMENTO:

Iniciar a aula com a leitura do roteiro que o grupo da decoração criou e permitir que todos/as pronunciem o que acharam. Perguntar quem se interessa por ler o roteiro no dia da apresentação e o/a escolhido/a deverá ler no ensaio. Após a leitura, iniciar o ensaio geral de acordo com a ordem apresentada no roteiro, explicar sobre o porquê trabalhar com as danças na escola. Introduzir a origem do Maculelê e observar a dramatização e a coreografia realizadas. Após a leitura da origem do Carimbó, o grupo deverá se posicionar em seus lugares e ao começar a música devem realizar a sua criação. Os/as narradores/as entram novamente no palco, contam a origem da Balainha e o grupo entra com a música tocando, com seus arcos em mãos e apresentam sua tradução. Logo após, ocorrerá a leitura sobre o frevo cujos integrantes deverão entrar metade de cada lado com a sombrinha em mãos e fazer a coreografia. Como último ato da apresentação, os/as

narradores/as leem sobre o Samba de Roda e todos os/as participantes retornam ao palco de mãos dadas formando um semicírculo, em duplas ou individualmente cada um vai ao meio e realiza um movimento livre e retorna ao semicírculo como forma de agradecimento ao público. Finalizar com a leitura sobre a origem de uma comida típica de uma região brasileira.

DICA:

Nesta aula, o grupo da decoração deverá trazer o texto criado para que todos leiam e deem suas opiniões sobre o que poderá ser melhorado. Deverá propor que algum/a aluno/a leia o texto no dia da apresentação e esteja caracterizado com roupa de alguma manifestação escolhida pelo grupo. Você, professor/a, deverá corrigir o texto após a aprovação dos grupos. O grupo da decoração deve continuar pintando as bandeiras para a apresentação.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Registro da atividade através de fotos e do diário de campo com anotações das decisões e comportamento dos grupos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Caixas de som portáteis, bambolê, bastões, sombrinha do frevo, instrumentos musicais que os/as alunos/as possuem como atabaque para o Maculelê, bandeiras dos estados brasileiros impressas e lápis de cor.

ROTEIRO DA APRESENTAÇÃO FINAL

Ô XENTE, O GURI, AI BICHO, Ô MANO,

O desenvolvimento de danças populares teve a intenção de resgatar, reconhecer, (re) significar as heranças da tradição, oralidade, ancestralidade e representatividade das peculiaridades regionais da população brasileira a fim de valorizar a diversidade cultural, possibilitar discussões e desconstruir preconceitos em prol do respeito a essas culturas e a seus povos.

Com muita alegria, gingado e ritmo, iremos conhecer um pouquinho da diversidade cultural de um país de dimensão continental, banhado pelo vasto Atlântico com a tropicalidade presente no seu povo e em suas paisagens.

As danças populares resistem ao tempo e às novas tecnologias e são passadas de geração em geração através da oralidade, desde os primórdios da colonização, com repercussão diferenciada em cada canto do país.

Como cidadãos brasileiros, devemos preservar esse patrimônio imaterial do povo. Resgatando parte dessa diversidade, compartilharemos com vocês algumas danças como o Maculelê, o Carimbó, a Balainha, o Frevo e o Samba de Roda.

O Maculelê – Sua origem é desconhecida. Uns dizem que é africana, outros afirmam que ela tenha vindo dos indígenas brasileiros e há até quem diga que é uma mistura dos dois. O Maculelê é uma manifestação cultural oriunda da cidade de Santo Amaro da Purificação – Bahia, berço também da Capoeira. É uma expressão teatral que conta, através das danças e de cânticos, a lenda de um jovem guerreiro que sozinho conseguiu defender sua tribo de outra tribo rival usando apenas dois pedaços de pau e tornou-se herói da tribo.

MACU- guerreiro LELÊ – bastões.

O Carimbó é um estilo musical de origem negra, uma manifestação cultural marcante no estado do Pará. A dança é realizada em pares e são formadas duas fileiras de homens e de mulheres. Quando a música é iniciada, os homens se direcionam às mulheres batendo palmas; formados os pares, eles ficam girando em torno de si mesmos. Nossa apresentação será uma releitura da dança original.

A **Balainha**, geralmente, é apresentada por um grupo de moças e muito requisitada por sua atraente coreografia que, com seus arcos floridos, colore nossos sonhos e abre os caminhos para novas esperanças de vida.

O **Frevo** surgiu através da capoeira, pois o capoeirista sai dançando à frente dos cordões, das bandas de música e executa passos semelhantes ao da capoeira. É uma dança de alucinação coletiva, do carnaval pernambucano e é praticado em salões e nas ruas.

O **Samba de Roda** é composto por um grupo de músicos, os quais tocam diversos instrumentos. Destacam-se a viola, o pandeiro, o chocalho, o atabaque, o reco-reco e o

berimbau. As pessoas que estão presentes acompanham a música batendo palmas. Esse estilo recebe esse nome, pois, os músicos formam uma roda e uma pessoa de cada vez dança dentro dela. Assim, todos são convidados a dançar e cantar.

Agora convidamos todos vocês para participarem do nosso maior símbolo da miscigenação cultural brasileira que teve seu início com o **Samba de Roda**.

Para finalizar, iremos servir um prato feito de milho, produto esse descoberto a mais de sete mil anos em ilhas próximas ao litoral mexicano e seu nome significa “sustento da vida”. No Brasil, os indígenas já faziam seu plantio e com a chegada dos portugueses surgiram novos pratos com este ingrediente. Nas festas juninas, os pratos com o milho são as estrelas, como curau originado da mistura entre o pudim europeu e o mingau, uma bebida densa dos indígenas tupis.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 18

TEMA:

Organização e Representação das Traduções das Danças 3.

OBJETIVOS:

Organizar as apresentações e mostrar aos grupos como cada um está criando sua tradução.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Quadra.

DESENVOLVIMENTO:

Iniciar a aula com a entrada dos/as narradores/as ao palco vestidos/os com a roupa característica. Conforme a leitura de cada uma das manifestações, os grupos representarão e sairão do palco para que os/as narradores/as retornem e façam a próxima leitura, assim sucessivamente até o término de toda a apresentação. Passar uma vez a leitura somente com os/as narradores/as presentes no palco.

Agora, os/as narradores/as devem começar o ensaio fazendo a leitura do roteiro, os grupos devem estar atentos atrás do cenário. Ao término da leitura sobre o Maculelê, o grupo deverá entrar no palco e iniciar sua apresentação, cantando alto. Os/as narradores/as voltam ao palco, fazem a leitura do Carimbó, entram e param em seus lugares e ao iniciar a música, começam a dançar. Devem agradecer e sair do palco. Os/as narradores/as retornam e leem sobre a Balainha e a música

deve ser colocada logo após a leitura. As alunas entram e encontram suas duplas ao meio ficando lado a lado e iniciam a dança. Ocorre a leitura do Frevo e os integrantes entram com a música tocando, giram a sombrinha na mão e iniciam os passos do frevo de acordo com a música.

Ao final, ocorrerá a leitura do Samba de Roda em que todos devem entrar formando um semicírculo e um/a dos/as alunos/as pode entrar cantando um samba e todos deverão agradecer. E como última etapa, os/as narradores/as leem sobre curiosidades de uma comida típica.

DICA:

Professor/a, conversar com os/as discentes sobre a importância de não faltarem no dia da apresentação e que no penúltimo ensaio, deverão ensaiar com as roupas. Já o grupo da decoração deverá colar os retalhos no mapa do Brasil de acordo com as regiões brasileiras.

Durante o ensaio, você deverá orientar o grupo que não realizar corretamente a coreografia, os/as integrantes que conversarem atrás do cenário e instruir a todos/as que, ao término da apresentação, agradeçam ao público.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Registro da atividade através de fotos e do diário de campo com anotações das decisões e do comportamento dos grupos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Caixas de som portáteis, bambolê, bastões, sombrinha do frevo, instrumentos musicais

que os/as alunos/as possuem como atabaque para o Maculelê, bandeiras dos estados brasileiros impressas, lápis de cor, retalhos de tecido, cola, mapa do Brasil desenhado no papelão, cola quente, penas e juta para a saia do Maculelê.



Criação da roupa do Maculelê



Mapa do Brasil com retalhos



Ensaio Balainha

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 19



Ensaio Carimbó



Ensaio Frevo

TEMA:

Finalizar as Traduções e Elaboração do Cenário.

OBJETIVO:

Ensaiar as manifestações para que na próxima sequência sejam apresentadas para o público.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Quadra.

DESENVOLVIMENTO:

Ensaiar pela última vez. Os/as narradores/as deverão sair de trás da cortina e ler o roteiro. A cada leitura das manifestações, os grupos deverão entrar, realizar a coreografia de acordo com o que foi produzido, prestar atenção à música tocada quanto ao ritmo e, ao terminar a dança, agradecer ao público e permanecer em silêncio atrás da cortina.

DICA:

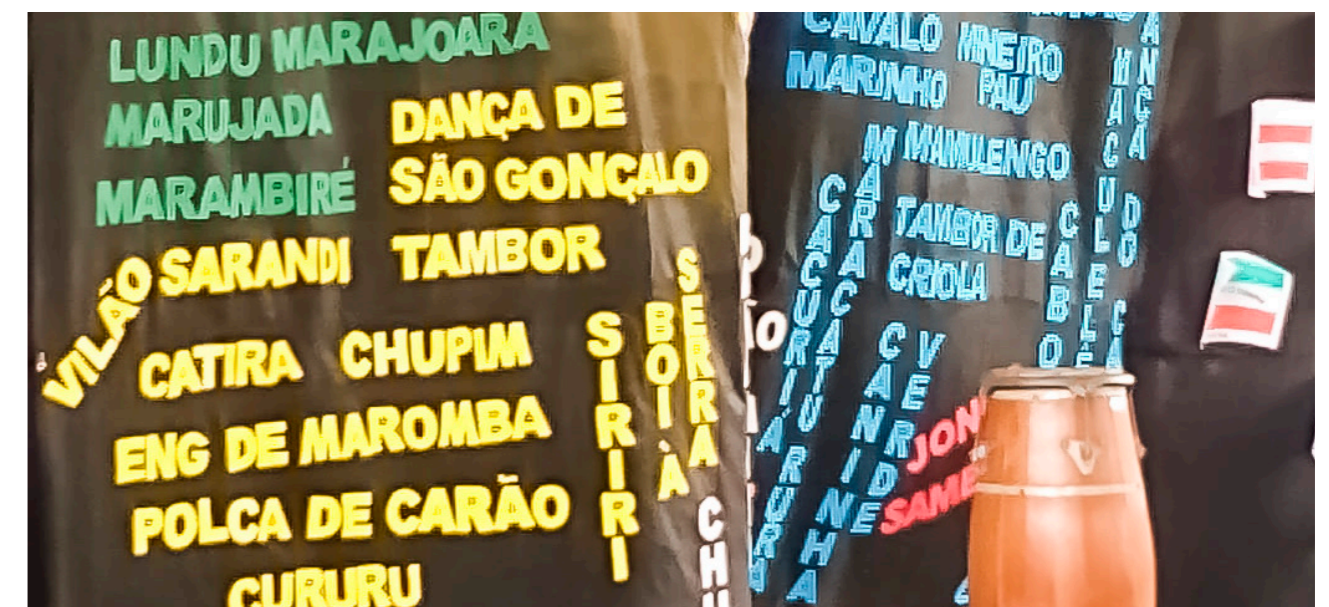
Propor aos/as alunos/as que ensaiem pelo menos de duas a três vezes se atentando aos detalhes como posições e movimentos. Devem ser orientados a se concentrar como se estivessem na apresentação final, manter o silêncio atrás do TNT, não esquecer o lado que cada grupo e integrante deverá entrar e sair. Deverão prestar atenção nos/as narradores/as.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Registro da atividade através de fotos e do diário de campo com anotações das decisões e do comportamento dos grupos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Caixas de som, bambolê, bastões, sombrinha do frevo, instrumentos musicais que os/as alunos/as possuem como atabaque para o Maculelê, retalhos de tecido, cola, mapa do Brasil desenhado no papelão e letras em EVA para a colagem das danças populares no TNT.



Elaboração e montagem do cenário

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 20

TEMA:

Tradução da Tradição.

OBJETIVOS:

Compartilhar o conhecimento adquirido no processo de Tradução da Tradição.

TEMPO ESTIMADO:

2 aulas.

LOCAL:

Quadra.

DESENVOLVIMENTO:

Professor/a, este é o momento de representar as danças populares a partir das traduções realizadas pelos grupos que foram desenvolvidas ao longo do semestre. Compete a você e à turma decidirem se apresentarão para toda a comunidade escolar todo o trabalho realizado.

Apresentaremos a seguir a forma como ocorreu essa representação criada pelos/as alunos/as a partir das traduções realizadas ao longo do processo. Cabe a cada professor/a e turma decidirem a melhor maneira de mostrar à comunidade escolar a valorização e (re)significação produzida por vocês.

A representação demonstrada a seguir ocorreu na escola no dia da Culminância, momento em que apresentamos todo o processo desenvolvido no decorrer de um semestre pela Disciplina Eletiva “Danças populares brasileiras: suas vertentes e origens”. Convidamos vocês a apreciarem a nossa sugestão de representação das danças!

ATO 1:

Colocar o cenário na quadra com ajuda do grupo da decoração, enquanto que os grupos das danças devem se maquiar, vestir, preparar as trocas de roupa deixando-as arrumadas atrás da cortina, se houver. Preparar a caixa de som com os microfones e a disposição dos bancos para o público.

DICA:

Para essa preparação, pedir para que todos/as cheguem na escola com duas horas de antecedência para que tudo fique pronto como, por exemplo, a colocação das cortinas e do cenário, nesse dia, deve ser a primeira ação a ser realizada. Trazer os bancos da merenda para a quadra e arrumá-los dispostos no espaço estabelecido para que o público possa se sentar e assistir à apresentação, montar e testar o som e o microfone. Arrumar o espaço em que as apresentações irão ocorrer, deixando-o livre para que ninguém atrapalhe as entradas e as saídas do palco. Professor/a, você pode colar no chão fita crepe indicando o centro e as laterais do palco.

ATO 2:

Com tudo preparado e público sentado, começar a apresentação com os/as narradores/as saindo das laterais do cenário, cumprimentando o público presente e explicando todo o processo: Realizar a leitura do roteiro escrito pelo grupo da decoração (apresentado na “Sequência didática 17”) em que devem entrar e sair do palco após cada leitura e apresentação das danças populares.



DICA:

A apresentação, a partir desse momento, deve durar em torno de 30 minutos com as leituras e representações das danças. Não esquecer de deixar algum/a aluno/a responsável pelo som para colocar e parar as músicas de acordo com o que foi ensaiado durante o semestre. O/a professor/a deverá estar atento, por exemplo, se atrás da cortina todos estão preparados para entrar no palco e se a pessoa responsável pelo som está atento/a para colocar as músicas conforme as falas das narradoras.

Você pode ficar em um lugar em que consiga se comunicar tanto com o som quanto com quem está atrás da cortina, como por exemplo, permanecer ao lado do som onde é possível visualizar os grupos ou mesmo colocar os/as alunos/as que foram responsáveis pela decoração em cada lado do cenário para que avisem aos grupos a hora em que devem entrar.

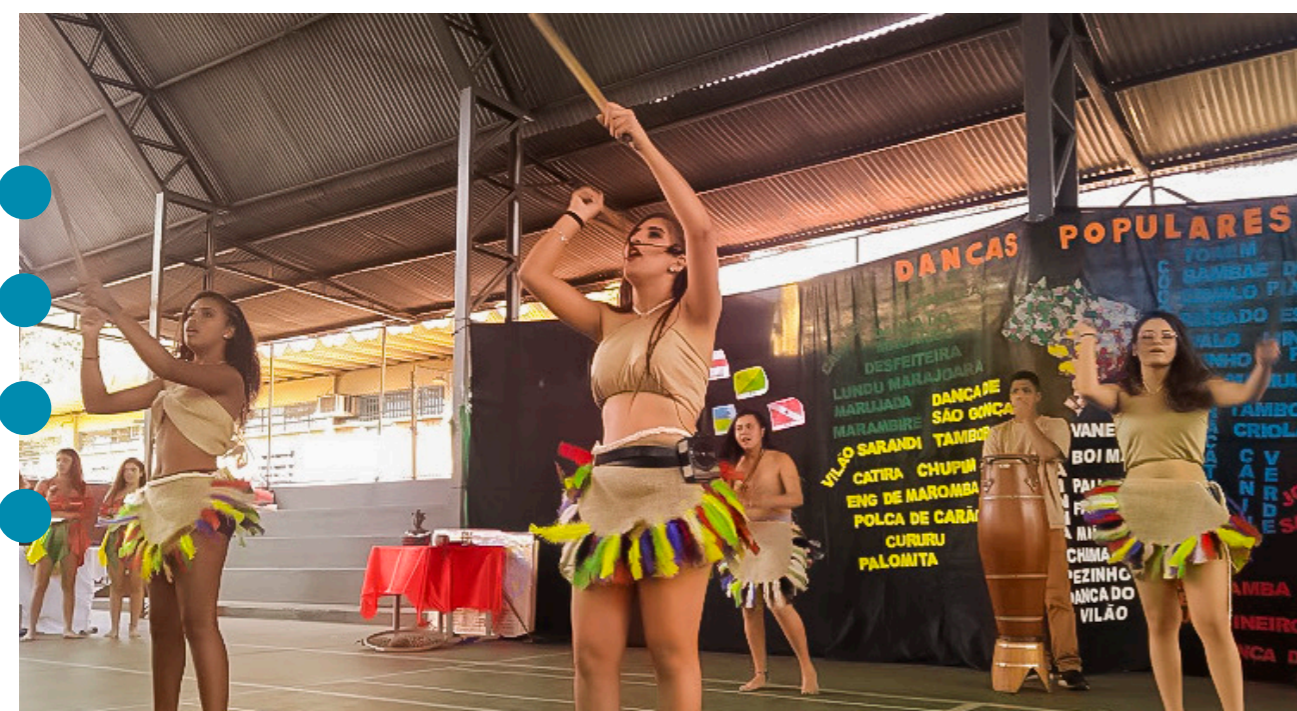
ATO 3:

Ao apresentar o objetivo de desenvolver as danças populares, as narradoras devem explicar a origem do Maculelê, contar a história que o grupo vai dramatizar e coreografar a partir da vivência com o Mestre convidado e traduzir a criação realizada pelo grupo.

DICA:

Neste grupo da pesquisa, na apresentação foi utilizado o atabaque que cadenciou o ritmo dos passos e foi cantada a música com microfone emprestado pelos professores de outras disciplinas para que o público ouvisse a letra da música apresentada. Porém, nada impede que tal apresentação ocorra com a música gravada ao invés de cantada, tudo depende do que foi acordado entre o grupo e o/a professor/a.

A dramatização e a coreografia da música têm duração de aproximadamente 3 a 4 minutos.

**ATO 4:**

Ao sair o grupo do Maculelê, retornou ao palco as narradoras para que explicassem o Carimbó cuja apresentação foi uma releitura da dança original.

DICA:

O grupo optou por deixar o integrante masculino ao meio para que este apresentasse

todas as integrantes no decorrer da dança, pois sempre o homem faz referência à mulher no Carimbó. Esta foi a forma que o grupo encontrou para sua tradução da dança, pois havia somente um menino no grupo. Podem surgir outras ideias de acordo com a quantidade de integrantes do grupo, em que duplas são formadas e cada menino apresenta a sua dama, por exemplo.

**ATO 5:**

As narradoras retornaram ao palco, conversaram com o público perguntando se gostaram da apresentação e que ainda teria muito mais. Explicaram acerca da Balainha na qual o grupo estava nas laterais com seus arcos em mãos para, no término da leitura, entrarem no ritmo da música e realizarem a tradução.

DICA:

Professor/a, neste grupo tínhamos uma aluna que só sentia-se segura se olhássemos para sua dança e indicássemos que ela estava realizando a atividade corretamente através de gestos assertivos como um sorriso em direção à ela. Você também pode ter em algum grupo alunos/as que necessitem dessa atenção para que consigam realizar a apresentação.

ATO 6:

O grupo agradeceu ao público no final da apresentação da Balainha e as narradoras retornaram ao palco, leram sobre o Frevo e convidaram o público a apreciar o Frevo. Assim começou a apresentação. O grupo entrou pelos dois lados do palco com suas sombrinhas em mãos e iniciaram os passos escolhidos durante a criação.

DICA:

Professor/a, foi escolhido o Frevo como uma última manifestação por este pertencer à região Nordeste e se caracterizar como um ritmo que alegra as pessoas de acordo com os/as participantes da nossa Eletiva. Esta foi uma forma de motivar o público para que participassem do Samba de Roda que seria apresentado logo depois.

ATO 7:

Como uma última manifestação, as narradoras apresentaram ao público o Samba de Roda e convidaram todos os presentes para que se juntassem a eles para finalizarem as traduções. Uma das alunas entrou no palco cantando o samba de roda e batendo palmas juntamente com os outros participantes ao som do pandeiro ritmando a música. Em duplas ou individualmente, cada um foi ao meio da roda e realizou um movimento e, logo após, retornou ao semicírculo.

DICA:

Foi proposto que todos/as da turma estivessem presentes no palco neste momento, mas cabe à vocês, que estão realizando as suas traduções, decidirem pela melhor forma de representar essa manifestação.

**ATO 8:**

Ao término do Samba de Roda, as narradoras informaram que serviriam ao público o curau, uma comida típica estudada por eles e presente em diversas regiões brasileiras.

DICA:

Professor/a, nesta disciplina conseguimos viabilizar a produção do curau pelas professoras. No entanto, é sabido que nas escolas públicas algumas ações são inviáveis, portanto coloco como dica que peçam aos mercados, por meio de ofício, determinada quantidade de alimento para que seja servido na apresentação. Descrevam no ofício o projeto escolar e convide um representante do mercado para estar presente.

Outra forma de conseguir, é conversar com os familiares da turma que estiver realizando o trabalho e solicitar os alimentos típicos, como uma forma de aproximar pais e escola.



DICA:

Professor/a, este é o momento de parabenizar os/as integrantes pelas representações realizadas e incentivá-los a não se intimidarem ou ficarem ansiosos com a apresentação. Reflita com eles/as que, durante todo o semestre, realizaram as suas funções da melhor maneira e que chegou o momento de mostrar aos/às colegas da escola, à equipe gestora, aos/às professores/as e à comunidade o trabalho produzido. Valorize cada (re)significação das danças feitas pelos grupos a partir de suas próprias criações e incentive as manifestações populares no ambiente escolar.

Professor/a, você poderá produzir cartazes convidando as outras turmas para a apresentação. Descrever as danças que serão apresentadas, o horário e o local em que ocorrerão as manifestações. Pode também, produzir convites em folha de sulfite e entregar aos familiares, à direção, aos professores/as, aos alunos/as que explicitem o que vai ocorrer no evento.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Registro da atividade através de fotos e do diário de campo com anotações das decisões e do comportamento dos grupos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Roteiro da apresentação, caixa de som, microfone, músicas gravadas, bastões para o Maculelê, arcos da Balainha, sombrinhas do Frevo, roupas das manifestações como saias da Balainha, do Carimbó e do Frevo, cenário decorado e mapas construídos do fluxo migratório.



VAMOS DAR A DESPEDIDA

Ao propor uma intervenção pedagógica destinada ao conhecimento e à disseminação dos bens culturais, contribuimos para o reconhecimento e a valorização dessas culturas, possibilitamos que estereótipos e preconceitos sejam discutidos e desconstruídos em prol do respeito a essas culturas e a seus povos.

As danças tradicionais brasileiras costumam ser abordadas de forma descontextualizada e superficializada na escola (BRASILEIRO, 2010). Nas poucas vezes em que aparecem, são demonstradas nas festas que ocorrem em determinadas épocas nesse espaço.

As atividades desenvolvidas numa parceria entre os componentes curriculares Educação Física e Geografia na DE “Danças Populares Brasileiras: suas vertentes e origens” despertaram o interesse dos/as alunos/as que participaram com entusiasmo das atividades propostas no processo de ensino e aprendizagem.

Ressaltamos o quão significativo foi fundamentar esse processo na metodologia da “Tradução da Tradição” proposta por Côrtes (2013, 2016), pois as danças brasileiras foram ressignificadas de forma singular pela perspectiva dos/as estudantes e receberam, por parte das professoras, uma mediação respeitosa e comprometida com os pressupostos de uma educação dialógica como proposta por Freire (2011).

Assim, se seu interesse foi despertado, embarque nessa proposta pedagógica e descubra como pode ser gratificante e significativa para você, para os/as discentes e para a comunidade escolar como um todo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, MEC, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 17 fev. 2020.

BRASILEIRO, Livia Tenório. A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3, p.135-153, dez. 2010.

BRASILEIRO, Livia Tenório. O conteúdo “Dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar? Pensar a Prática, Góias, n. 6, p. 45-58, jun./jul. 2003.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. A Tradução da Tradição nos processos de criação em Danças Brasileiras: a experiência do grupo Sarandeiros de Belo Horizonte. Orientadora: Inaicyrá Falcão dos Santos. 2013. 233 f. Tese (Doutorado em Artes da Cena, na Área de Concentração Danças, Performance e Teatro) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2013.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. A tradução da tradição: processos de criação em danças brasileiras. In: Souza, Marco Aurélio da Cruz (org). Danças Populares no Brasil na Contemporaneidade. São Paulo: Editota All Print, 2016. p. 15-34

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARCEZ, Artur Martins. Grupo de Dança do Colégio Marista de Natal: um percurso em danças populares. Orientador: Márcilio de Souza Vieira. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Artes) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Rio Grande do Norte, 2016.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. Caderno Cedes: dança educação, Campinas, v. 21, n. 53, p. 69-83, abr. 2001.







TRADUÇÃO DA TRADIÇÃO:

AS DANÇAS brasileiras

— NO ENSINO MÉDIO —